



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Eduarda Filipa Pereira Gonzaga Grego

À PROCURA DE UMA ARQUITETURA HUMANISTA  
O CASO DE ESTUDO DA UNIDADE DE HABITAÇÃO HORIZONTAL

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura,  
orientada pelo Professor Doutor Rui Aristides Bixirão Neto Martinho Lebre  
e coorientada pela Professora Cátia Sofia Viana Ramos  
e apresentada ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia  
da Universidade de Coimbra.

Fevereiro de 2020







UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Eduarda Filipa Pereira Gonzaga Grego

À PROCURA DE UMA ARQUITETURA HUMANISTA  
O CASO DE ESTUDO DA UNIDADE DE HABITAÇÃO HORIZONTAL

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura,  
orientada pelo Professor Doutor Rui Aristides Bixirão Neto Martinho Lebre  
e coorientada pela Professora Cátia Sofia Viana Ramos  
e apresentada ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia  
da Universidade de Coimbra.

Fevereiro de 2020



Agradeço,

Ao Professor Doutor Rui Aristides, pela orientação, disponibilidade e dedicação, pela paciência e exigência com que apoiou as diferentes fases do trabalho. Igualmente à Professora Cátia Ramos e ao Professor Doutor José António Bandeirinha pelo interesse no tema.

Aos meus amigos, os melhores que podia pedir, por todos os momentos neste claustro que tão bem nos acolheu, mas especialmente pelos momentos fora dele, com quem aprendi e vivi muito durante este percurso.

Ao Afonso, pelo amor e carinho em todos estes anos. Um enorme obrigada!

À Xana, pela amizade tão bonita e sincera que levo para a vida. À Laura, ao Diogo, à Carolina, à Maria e à Cata.

À minha família pelo carinho e apoio incondicional. Aos meus pais que, juntos, nunca deixaram de lutar por nós.

**Nota à edição:**

A presente dissertação segue o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 e a referenciação é feita segundo as normas APA.

Todas as citações que integram o corpo de texto encontram-se traduzidas na Língua Portuguesa, por transcrição livre da autora, de forma a facilitar a leitura continuada do texto. Essas mesmas citações podem ser consultadas em nota de rodapé na sua língua original.

## **Resumo**

Numa altura de grande agitação política e social, correspondente ao segundo pós-guerra, a partir da emergente necessidade de reconstrução do país, surge em Itália um plano de habitação, denominado INA-Casa. Este plano, que regulamenta a construção de bairros sociais, enforma características humanistas e respeitadoras das necessidades reais da população, não só na forma de organizar o espaço individual, como na relação que deve ser estabelecida com o espaço comunitário e até com a forma de pensar cidade.

O caso de estudo da presente dissertação é a Unidade de Habitação Horizontal, Tuscolano III, do arquiteto Adalberto Libera. A partir dela, vamos tentar perceber o percurso do arquiteto pela procura de uma arquitetura que interpreta a organização dos espaços, inserida numa filosofia de bem-estar. Através da análise da importância do pátio e de espaços de convívio procuramos entender de que forma este complexo responde à busca do arquiteto por uma arquitetura humanista. Procuramos ainda elucidar-nos sobre a atualidade do projeto, observando como perdurou no tempo e como é vivido e encarado pelos seus moradores atuais.

Pelo caminho, contactamos com correntes arquitetónicas que contribuíram para o exercício contínuo do repensar dos objetivos da arquitetura, enquadrada numa perspetiva integradora de todas as áreas criativas do ser humano que têm como dever contribuir para a felicidade do próximo. No fundo, percebemos que a arquitetura pode estar inserida neste grupo, apesar das dificuldades.

## **Palavras-Chave**

Tuscolano III . Adalberto Libera . pós-guerra . Ina-Casa . pátio



## **Abstract**

At a time of great political and social unrest, the second post-war period, stemming from the emerging need for the reconstruction of the country, a housing plan appears in Italy, called INA-Casa. This plan, which regulates the construction of social neighbourhoods, shapes humanistic characteristics that respect the real needs of the population, not only in the way of organizing the individual space, but also in the relationship that must be established with the community space and even with the way of thinking city.

The case study of this dissertation is the Horizontal Housing Unit, Tuscolano III, by architect Adalberto Libera. Based on it, we will try to understand the architect's career path through the search for an architecture that interprets the organization of spaces, within a philosophy of well-being. Through the analysis of the importance of the patio and social spaces we try to understand how this complex responds to the architect's search for humanist architecture. We also try to clarify the topicality of the project, observing how it has lasted in time and how it is lived and faced by its current residents.

Along the way, we have come into contact with architectural trends that have contributed to the continuous exercise of rethinking the objectives of architecture, framed in an integrating perspective of all the creative areas of the human being that have a duty to contribute to people's happiness. Basically, we realised that architecture can be inserted in this group, despite the difficulties.

## **Keywords**

Tuscolano III . Adalberto Libera . post-war . Ina-Casa . courtyard





## **Riassunto**

In un momento di grande agitazione politica e sociale, corrispondente al secondo dopo guerra, a partire dalla emergente necessità di ricostruzione del paese, sorge in Italia un piano di abitazione, denominato Ina-Casa. Questo piano, che regola la costruzione di quartieri sociali, delinea caratteristiche umanistiche e riguardanti le reali necessità della popolazione, non solo per la forma di organizzare lo spazio individuale, ma anche nella relazione che deve essere stabilita con lo spazio comunitario e con la forma di pensare la città.

Il caso di studio di questo lavoro di tesi è l'Unità di Abitazione Orizzontale, dell'architetto Adalberto Libera. A partire dalla stessa, andremo a studiare il percorso dell'architetto alla ricerca di un'architettura che interpreta l'organizzazione degli spazi, inserita in una filosofia del benessere. Attraverso l'analisi dell'importanza del patio e degli spazi comuni di Tuscolano III abbiamo cercato d'intendere se questo complesso risponde alla richiesta dell'architettura umanista. Abbiamo anche cercato di chiarire l'attuale situazione del progetto, osservando com'è durato nel tempo e come è stato vissuto e affrontato dai suoi attuali residenti.

Durante il percorso, ci siamo avvicinati a correnti architettoniche che contribuirono ad un esercizio continuo nel ripensare agli obiettivi di architettura. Quest'ultima, inquadrata in una prospettiva che ingloba tutte le aree creative dell'essere umano, ha come obiettivo contribuire per la felicità del prossimo. In fondo, abbiamo inteso che l'architettura può essere inserita in questo gruppo, nonostante le difficoltà.

## **Parole Chiave**

Tuscolano III . Adalberto Libera . dopoguerra . Ina-Casa . cortile



## Sumário

<b>Introdução</b>	13
<b>1. <i>Quartiere Tuscolano, hoje</i></b>	29
1.1. Tuscolano I	31
1.2. Tuscolano II	33
1.3. Tuscolano III	37
1.4. À procura da excecionalidade do Tuscolano	49
<b>2. Contexto em que nasce o Tuscolano</b>	61
2.1. A realidade do pós-guerra	61
2.1.1. Assistência a Itália	67
2.1.2. Papel do Estado-Providência	71
2.2. O Ina-Casa	73
2.3. Os manuais do Ina-Casa	79
2.4. Os arquitetos do Ina-Casa	97
<b>3. Enquadrando a arquitetura humanista</b>	103
3.1. Para uma definição de movimento moderno	103
3.2. O Mars Group	107
3.3. Team 10	109
3.4. Itália e o Neorrealismo	115
<b>4. Libera e a procura de uma arquitetura humanista</b>	123
4.1. Unidade de Habitação Horizontal: momentos e referências	125
4.1.1. Viagem a Marrocos e o desenho do Tuscolano III	133
4.2. A casa pátio como expressão da arquitetura humanista	137
Reflexões finais	159
Anexos	167
Fontes de Imagens	199
Bibliografia	221



## Introdução

A presente dissertação partiu de um interesse pessoal pela Unidade de Habitação Horizontal, em Roma, desenhada por Adalberto Libera (1903-1963). Também conhecido como Tuscolano III, esta unidade habitacional corresponde à terceira e última fase de construção do bairro Tuscolano, pertencente ao Plano Ina-Casa (1949-1963). Organiza-se através de uma grelha de casas pátio que, entre elas, integra um espaço de circulação pensado para potenciar as vivências dos moradores. Foi exatamente a organização e desenho destes espaços de convívio, o pátio e o espaço entre as casas, palco de encontros e importantes vivências para o crescimento individual e social que me despertou curiosidade.

O interesse e a motivação para estudar esta tipologia prendem-se com dois momentos específicos. Em primeiro lugar, a minha experiência de *Erasmus* em Roma, uma das cidades reconhecidamente mais ricas em termos arquitetónicos, que me permitiu a descoberta e consciência de aspetos pessoais e profissionais até então desconhecidos ou encobertos. A presente dissertação serviu também para pensar esta jornada de crescimento pessoal e profissional. Em segundo lugar, a viagem que fiz a Pompeia, onde me deparei com um tipo de habitação com uma distribuição particular, cujas casas se desenvolviam em torno de um pátio, lugar central da casa. Para a civilização romana, assim como para outras civilizações, o pátio servia como espaço de convívio, de preparação das refeições, e era ainda o local onde se recolhia a água das chuvas. Talvez a perceção, neste local, do exemplo de uma prática arquitetónica particular tenha contribuído para o interesse pela leitura da arquitetura como fator propiciador de vida em conjunto. É simples de imaginar a vida em família propiciada por tal espaço, a riqueza convival que favorecia e o uso que tornava possível.



Este pensamento levou-me a querer saber mais acerca da importância e potencialidade da arquitetura pensada para as pessoas, para o desenvolvimento pessoal e competências sociais de quem a habita.

Partindo destas duas experiências, encontrei algo que despertou o meu interesse pelo Tuscolano III, obra de um arquiteto de que tomei conhecimento aquando da minha estadia na *Sapienza Università di Roma*.

Sendo este complexo uma solução decorrente de um grande período de construção habitacional após a Segunda Guerra Mundial, será importante perceber o que motivou este projeto. Neste sentido, pretende-se entender o contexto arquitetónico em que se insere, num momento em que a crise da cidade moderna serviu como estímulo para uma reformulação de princípios sociais, políticos, económicos e ideológicos que agitaram a segunda metade do século XX, especialmente na Europa. Serviu, também, como estímulo para repensar a arquitetura, encarando-a de um modo mais humanista, considerando-a como elemento importante propiciatório de qualidade de vida. Pretende-se ainda entender quais as políticas que levaram à produção deste tipo de solução.

Com esta dissertação, pretende-se estudar o pátio e os espaços de convívio como elementos estruturais poderosos propiciadores de convivialidade. **Esta dissertação tem como objetivo principal compreender se a procura de uma arquitetura humanista tem resposta na Unidade de Habitação Horizontal do Tuscolano III.**

O Tuscolano é fruto de um plano de reconstrução de Itália, o Plano Ina-Casa, que esteve em vigor entre 1949 e 1963, e que deu resposta a dois grandes problemas deste período: o desemprego e a falta de habitação. No entanto, o bairro que iremos estudar apresenta uma organização espacial particular, onde é valorizada a relação da casa com o exterior, privilegiando a vizinhança e a vida em comunidade, tentando responder às exigências e necessidades dos habitantes.





O arquiteto Adalberto Libera, uma figura ativa no desenrolar do Plano Ina-Casa, introduziu um novo modelo de bairro social e de habitar em comunidade, notoriamente em consonância com o público a que se destinava. Interpretou o espírito norteador do plano e desenhou um bairro social preocupado com o bem-estar, felicidade relacional e propiciador de mobilidade social, algo que se tornou mais forte do que a necessidade de obter o maior rendimento possível para o espaço disponível.

De modo a estudar e aprofundar os temas pretendidos, recorreu-se a pesquisa bibliográfica e documental, a visitas à obra, a entrevistas aos habitantes da Unidade de Habitação e ao registo escrito em forma de diário pessoal de viagem.

O processo investigativo iniciou-se a partir da leitura do livro *Depois do Moderno: Arquitectura da segunda metade do século XX* de Josep Maria Montaner, que faz uma análise da evolução da arquitetura através de muitas das produções teóricas e práticas do referido período, e da dissertação de mestrado de Carlos Azevedo, *Moderno Contaminado: A revisão do Movimento Moderno nos Contextos Nacional e Internacional*, que procura perceber de que modo as mutações políticas, económicas, culturais e sociais que surgiram após a Segunda Guerra Mundial, influenciaram a produção arquitetónica internacional, levando a uma revisão do movimento moderno.

O livro de Alice Sotgia, *INA Casa Tuscolano: Biografia di un quartiere romano*, foi um trabalho indispensável para compreender todo o processo relativo ao bairro em si, passando por questões como a aquisição de terreno, os projetos, a comunidade, bem como as intenções e opções de projeto tomadas pelos diferentes arquitetos responsáveis pelo desenho de cada uma das três fases do bairro. No que toca ao estudo da Unidade de Habitação, foi possível entender as sucessivas intervenções que se foram realizando no projeto; e através do livro *L'architettura in casa: aspetti e problemi di conservazione e recupero*, de Riccardo Capomolla e Rosalia Vittorini, foi possível perceber as alterações relativamente ao projeto inicial.



No que diz respeito ao enquadramento geral e às políticas de habitação do Plano Ina-Casa e a sua expansão urbana, assim como ao contexto político-económico italiano, foi importante a leitura dos livros *La Grande Ricostruzione: Il Piano INA-Casa e l'Italia degli anni cinquanta*, de Paola di Biagi e *I 14 anni del Piano Ina-Casa*, de Luigi Beretta Anguissola, e, ainda, da dissertação de Maria Michella Piddu *O Piano Ina-Casa: Uma leitura transversal do projeto de via Pessina em Cagliari*, que aborda o tema da habitação social com destaque para a experiência italiana dos anos 50.

Relativamente ao arquiteto Adalberto Libera, os livros *Adalberto libera - I luoghi e le date di una vita*, o livro *Adalberto Libera nelle carte dell'archivio centrale dello stato* e ainda *Adalberto Libera*, de Francesco Grarofale e Luca Veresane foram importantes para entender a biografia e obra do arquiteto.

Os temas do pátio e do espaço entre casas tiveram, como leituras de apoio, a dissertação de Filipa Morgado *Pátio e Casa-pátio: a dimensão doméstica do espaço exterior da casa*, que aborda a importância dos espaços exteriores de carácter privado na habitação, tendo em conta o conceito de pátio e a casa-pátio, e o livro *L'architettura tra le case: abitare lo spazio aperto nei quartieri ina-casa*, de Daniele Carfagna, que estuda o espaço livre entre os edifícios, focando-se nos bairros Ina-Casa.

A bibliografia existente em Portugal relativamente aos programas de construção habitacional do pós-guerra italiano, especificamente no que concerne ao desenvolvimento do Plano Ina-Casa, revelou-se escassa. Desta forma, foi necessária uma visita a Roma, que se revelou essencial não só porque possibilitou a consulta de livros, revistas, jornais e documentos originais, mas também porque permitiu complementar este trabalho com uma vertente prática que incidiu na visita ao caso de estudo, indispensável para a sua compreensão. Considera-se necessário neste trabalho dar conta das duas vertentes, a teórica e a prática. Relativamente à primeira, as leituras efetuadas contribuíram para a compreensão abrangente da temática numa forma essencial. No que concerne à viagem, esta constituiu a concretização



de um processo individual que foi enriquecido através do contacto com a realidade. Relembramos aqui Fernando Pessoa (1926), contemporâneo de Adalberto Libera, que afirma que “Toda a teoria deve ser feita para poder ser posta em prática, e toda a prática deve obedecer a uma teoria. (...) a teoria não é senão uma teoria da prática, e a prática não é senão a prática de uma teoria. (...) Foram feitas uma para a outra”. Tentaremos portanto seguir esta linha de pensamento.

Será, então, importante o relato da visita efetuada ao bairro, que se registou sob a forma de um diário, relido e editado, e que deu consistência e sentido à reflexão efetuada, bem como todo o material bibliográfico estudado. As visitas à Unidade de Habitação permitiram o contacto direto com o bairro e seus habitantes, o que possibilitou a realização de entrevistas, um elemento crucial para o processo de pesquisa desta dissertação. Esta interação levou à compreensão mais abrangente do lugar e de questões relacionadas com a tipologia, com o estado de preservação do complexo e com a forma como este é vivenciado atualmente. Também se apelou à colaboração dos residentes através de um questionário com algumas questões relacionadas com o modo como estes usufruem dos espaços, especialmente do pátio, bem como a importância e contribuição dos espaços agregadores para uma melhor relação entre moradores. O diário de viagem foi um elemento bastante importante durante a visita a Roma, não só por permitir um registo pessoal do que foi consultado e visto, mas também pela reflexão diária que proporcionou, tornando-se uma ferramenta de aprendizagem e análise crítica. O cruzamento de informação documental com o trabalho de campo possibilitou responder de forma mais consciente à questão que norteia este trabalho.



## Conteúdos e estrutura da dissertação

De modo a responder aos objetivos propostos, a dissertação desenvolve-se em 4 capítulos.

No primeiro capítulo, é representada a visita ao *Quartiere Tuscolano*, como processo de procura da identidade urbana do bairro. A visita foi registada num diário de viagem, do qual se apresentam excertos, e inclui uma entrevista realizada a um dos seus moradores atuais, cuja casa tivemos a oportunidade de conhecer.

Numa segunda parte deste capítulo, faz-se um reconhecimento das alterações levadas a cabo ao longo dos tempos pelos moradores, como forma de perceber de que modo se foram apropriando do espaço.

No segundo capítulo, procede-se à análise do contexto histórico, político e social que enquadrou o Tuscolano, nomeadamente o período do segundo pós-guerra, que obrigou a uma reestruturação da sociedade da época. Para a compreensão desta época, é importante o estudo das contribuições feitas a Itália para a sua reconstrução, através de vários programas e iniciativas políticas, tais como a UNRRA e o Plano Marshal. É, neste sentido, igualmente central perceber o desenvolvimento do estado-providência.

Nesta linha de conceção social, será apresentado o Plano Ina-Casa, que esteve na base da conceção do *Quartiere Tuscolano*, nomeadamente as suas características formais, sociais, urbanísticas e construtivas. Serão igualmente dados a conhecer os manuais que regulamentaram e orientaram a criação deste tipo de bairros sociais.

No terceiro capítulo, analisamos o contexto arquitetónico que enquadrou o bairro. Para tal, recuamos até à Exposição do MoMA, em 1932, onde foi dado a conhecer ao mundo o estilo do Movimento Moderno, para apresentarmos uma nova forma de olhar a arquitetura, entendida por uma geração de arquitetos jovens, como o MARS Group e o Team 10, como algo que deveria





ser possuidora de identidade própria e ser o reflexo das necessidades reais da comunidade. Vamos ainda discutir o neorrealismo como linguagem que identifica a arquitetura italiana do Ina-Casa.

No quarto capítulo, vamos estudar o percurso de Adalberto Libera focando-nos na sua evolução, de arquiteto influente durante o regime fascista, a um arquiteto preocupado com as questões sociais, representadas no Plano Ina-Casa. Vamos também conhecer as motivações e referências que influenciaram Libera no desenho da Unidade de Habitação Horizontal do Tuscolano III.

Também analisamos a casa pátio como resposta às necessidades do espaço e bem-estar das pessoas que a habitam. Para tal, revelou-se importante a voz de muitos dos habitantes do Tuscolano, relativamente à sua forma de viver o espaço da Unidade de Habitação.





1 | *Quartiere Tuscolano, hoje*







Via Tuscolana

Via Carragine

Largo Spartaco

Viale Spartaco

Via del Quadrato

Via Erminio

Via Lucio Sestio

Via Selinunte

Via Sagunto

Via Fabrizio Lusino

Via Valerio Publicola



### 1. *Quartiere Tuscolano, hoje*

Neste capítulo, pretendemos representar um processo de procura pela identidade do Tuscolano a partir de visitas, entrevistas efetuadas e variada documentação. Este capítulo permite vivenciar, de certa forma, o bairro, aliando a teoria, através de várias fontes secundárias que abordam a historiografia do bairro, à prática, através de visitas ao local e entrevistas às pessoas que o vivem diariamente. O interesse pelo estudo deste complexo parte do modo como o espaço exterior, nomeadamente o pátio e o espaço entre casas são elementos capazes de promover a convivialidade entre os moradores. O objetivo deste capítulo passa por dar a conhecer o bairro através de um registo da identidade deste lugar, observando e analisando os elementos que o compõem.

*6 abril de 2018*

Eram 9:45h quando chegámos ao *Quartiere Tuscolano*, depois de um comboio regional e de um autocarro. Este bairro, na periferia de Roma, foi construído entre 1950-60, no âmbito do plano Ina-Casa, um programa de reconstrução no pós-guerra com o objetivo de recuperar os fardos da mesma, do fascismo, do subdesenvolvimento e da pobreza (Pilat, 2016, p. xv). Integra a *via Tuscolana*, o *parco degli Acquadotti*, *via del Quadraro*, *via Valerio Publicola*, *via Sagunto*, *viale Spartaco*, *via Selimunte* e *via Cartagine*, pelas quais caminámos percebendo os limites do bairro.



< **Figura 3.** Planta geral do *Quartiere Tuscolano*  
**Figura 4.** Tuscolano I





Figura 5. Via Tuscolana  
Figura 6. Edificio na Via Sulpicio Rufo

Figura 7. Via Tuscolana  
Figura 8. Mercato Tuscolano III



Toda a área do *Tuscolano* dispõe de 112 edifícios, onde se encontram 3150 apartamentos que, por sua vez, têm capacidade para albergar 18 000 habitantes.

### 1.1. Tuscolano I

Chegando à *via Tuscolana* que, inerente ao facto de ser a rua principal, apresenta um tráfego de automóveis acentuado, vemos que se assemelha às avenidas do centro de Roma. O passo acelerado das pessoas invade a rua ladeada por edifícios residenciais, com uma média de 5 pisos, cujo piso térreo é ocupado por lojas. Esta zona apresenta uma grande quantidade e variedade de oferta comercial e serviços básicos.

Encontramo-nos no *Tuscolano I*, a primeira fase do bairro, construída como continuação da malha urbana já existente, entre os anos 1950-56. Tal como é característico dos bairros do programa Ina-Casa, este é maioritariamente constituído por edifícios em linha, com estrutura em betão armado e paredes em alvenaria e a organização dos lotes é disposta em torno de um espaço verde comum aos moradores (Sotgia, 2010, p. 55). No entanto, devido aos diferentes arquitetos envolvidos no projeto, carece de uma conexão unitária, de um padrão comum.<sup>1</sup> Quando observamos as fachadas, percebemos que a imagem original foi sofrendo algumas alterações. Naturalmente, os moradores adaptaram os apartamentos às suas necessidades, atualizando e fazendo a manutenção dos acabamentos. As intervenções mais evidentes passam pela imagem dos caixilhos que, originalmente em madeira, foram substituídos por caixilhos de alumínio e pela transformação das varandas em marquises.

1. Este projeto envolveu um grande leque de arquitetos, organizados em grupos e coordenados por Giuseppe Nicolosi (1901-1981), Plinio Marconi (1893-1974), Mario Paniconi (1904-1973), Roberto Marino, Luigi Ciarlini e Luigi Orestano (1916-2005). (Mornati e Cerrini, 2016, p. 2)







Figura 10. Fachada do edifício Boomerang



Figura 11. Largo Spartaco  
Figura 12. Passagem do Largo Spartaco para o Tuscolano II





Caminhando pela *via del Quadraro*, em direção à Unidade de Habitação, estabelecemos de novo contacto com a atividade comercial através de uma feira que se distribuía pelo passeio. Esta acontece aos domingos, durante o período de abertura do *Mercato Tuscolano III*, uma estrutura que se distingue dos edifícios de habitação que o envolvem pela sua altura e pela fachada. Este demonstra ser um equipamento essencial, tanto para os moradores locais como para os dos bairros vizinhos, no sentido que em todos os dias tem à disposição uma grande variedade de alimentos frescos.

### 1.2. Tuscolano II

Atravessando a rua, encontramos o *Largo Spartaco*. No que diz respeito ao seu desenho urbano, foi desenvolvido durante alguns anos e apresenta pouca definição espacial. A primeira proposta para o local previa um mercado no centro do largo, assim como algumas lojas. Em 1954, o programa passa por um quiosque, um cinema-teatro e um centro social e ginásio que, em 1958, desaparece dos desenhos da praça.

Em 1960, o cinema-teatro é também eliminado e o centro social passa para a *via Treviri*. Atualmente, é um largo vazio, mal resolvido e sem protagonismo. Como nos diz Tricasi, o “*Largo Spartaco* permaneceu assim, quase abandonado, contrariamente ao que se previa.”<sup>2</sup> (Tricasi, 2000, como citado em Sotgia, 2010, p. 66). O seu centro foi ocupado por um grande parque de estacionamento e, a Noroeste, existe uma igreja e uma casa paroquial, escondidas pela grande diferença de cotas.

O *boomerang*, um grande edifício em linha, delimita o largo a Sudoeste. Tem 25 metros de altura e 160 metros de comprimento e apresenta uma estrutura porticada em betão armado com as paredes exteriores em alvenaria. Toda a estrutura é bastante clara e visível. O contacto do edifício com a rua é feito

2. Citação original: “*Largo Spartaco* è rimasto così, quasi abbandonato, invece era previsto ben altro.”



Figura 13. Torres de De Renzi e Muratori, Tuscolano II



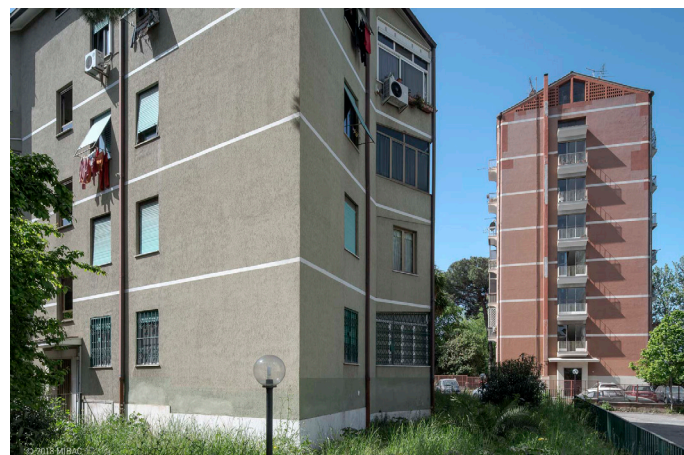


Figura 14. Edifícios em linha de Vagnetti e Tassotti  
Figura 15. Torres de De Renzi e Muratori  
Figura 16. Espaço entre casas



Figura 17. Edifício em linha de Cambellotti e Perugini  
Figura 18. Edifício quebrado de De Renzi e Muratori  
Figura 19. Edifícios em linha de Vagnetti e Tassotti

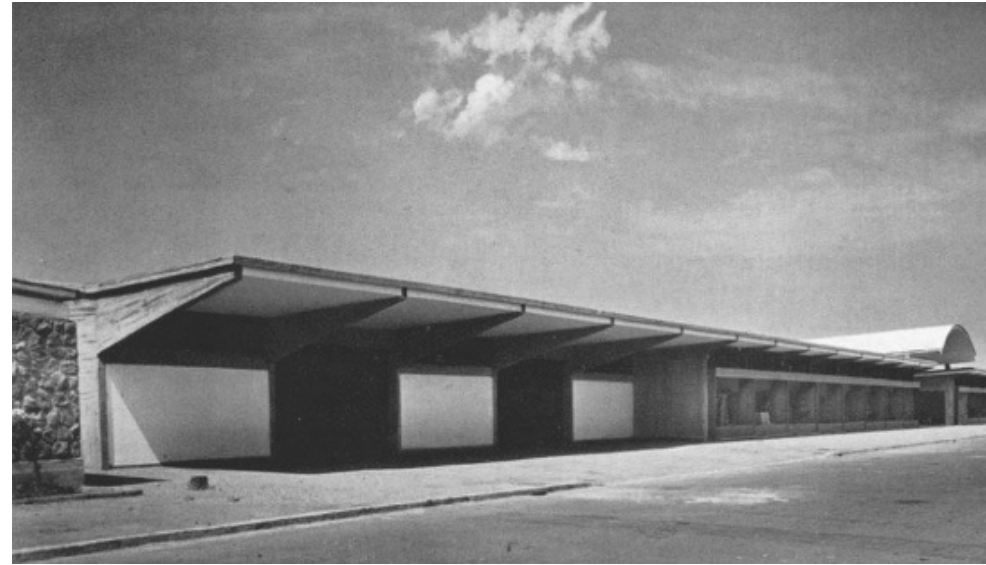


através de um piso de lojas e serviços, onde podemos encontrar uma farmácia, papelaria, quiosque e pastelaria, entre outros. Os restantes cinco pisos são residenciais.

Atravessando o *boomerang* pela sua única abertura, consegue ver-se, ao fundo, o grande arco que marca a entrada da Unidade de Habitação. É entre estes dois momentos que se encontra o *Tuscolano II*. Foi construído entre os anos 1952 e 1957 como uma ampliação dos padrões de habitação dos bairros *Stella Polare* e *S. Paolo in Valco*, e desenhado pelos arquitetos Mario De Renzi (1897-1967) e Saverio Muratori (1910-1973). Percorrendo a *via Sagunto*, o eixo estruturante a partir do qual se desenvolve o bairro, podemos observar uma grande variedade de tipos de construção. A sua área é bem definida e integra edifícios em linha, em linha quebrada, torres e, do lado Este, edifícios em forma de estrela. Embora os edifícios tenham sido projetados por diferentes arquitetos, o desenho urbano é bastante claro e organizado.

É-nos apresentada uma zona cuidada, onde predominam os vermelhos, laranjas e amarelos dos edifícios, que contrastam com o verde dos espaços entre as casas. Podemos reconhecer a identidade urbana e arquitetónica deste espaço através dos seus edifícios em linha, dos pátios e dos espaços entre casas que nos fazem percorrer o bairro. As calçadas, que se alternam com caminhos pedestres, levam-nos, pelo meio de jardins e áreas comuns, à entrada das habitações. Quando nos deparamos com as grades e cancelas que nos impedem de seguir caminho, percebemos que, no que diz respeito à privatização, este bairro sofreu várias alterações. Os espaços entre as casas, considerados entre o público e o privado, pensados como algo para ser vivido em conjunto pelos habitantes, tornaram-se totalmente privados e funcionam como zona de arrumação ou de estacionamento. O programa definido para o núcleo central do bairro também foi sendo alterado, deixando de ser apenas habitação e passando a incluir alguns serviços, tais como um jardim de infância, o referido centro social, associações desportivas, uma escola de dança, alguns hotéis, um centro de urgência médica e uma bomba de gasolina.





**Figura 21.** Bloco de entrada da Unidade de Habitação Horizontal, 1954  
**Figura 22.** Arco de entrada da Unidade de Habitação Horizontal, 1954



**Figura 23.** Vista do arco de entrada a partir da Via Sagunto  
**Figura 24.** Arco de entrada da Unidade de Habitação Horizontal  
**Figura 25.** Entrada da Unidade de Habitação Horizontal



Devido ao seu reconhecimento histórico e arquitetônico e à visita diária de turistas, podem encontrar-se também alguns apartamentos disponíveis para alojamento de curta duração. As alterações a nível de serviços fizeram com que o bairro se tornasse, ao longo dos anos, cada vez mais autossuficiente.

### 1.3. Tuscolano III

Se a visita ao *Tuscolano I e II* foi algo singular, a chegada à Unidade de Habitação foi realmente impactante.

“Chegando ao Largo Spartaco, ao longo da Via Sagunto, perdendo-se nas passagens internas do bairro, até chegar à entrada abobadada da habitação horizontal de Adalberto Libera, tem-se a sensação de se estar num lugar diferente no que diz respeito ao contexto urbano circundante.”<sup>3</sup>

(Sotgia, 2010, p. 13)

Estávamos finalmente na entrada do complexo que movia a presente investigação. Com apenas um piso, o edifício da entrada destaca-se devido à sua grande abóbada de berço com dupla inclinação, uma peça adicionada apenas numa segunda fase de projeto e que, devido à sua estrutura recuada, dá a sensação de estar suspensa. Esta divide o bloco em duas partes que se organizam através de células, todas com a mesma área que, em conjunto, fazem a frente do complexo. As células são ocupadas por lojas de pequeno comércio que permitem aos moradores suprir as necessidades pontuais. Agarrado às lojas está um muro de tufo poligonal que define o espaço pertencente ao complexo, de modo a que não sejam possíveis ampliações urbanas.

O portão de entrada está dividido, havendo um acesso para carros e outro para peões, e exibe um letreiro que avisa não ser permitida a passagem a estranhos:

3. Citação original: “Arrivando a largo Spartaco, percorrendo via Sagunto, perdendisi negli attraversamenti interni del quartiere, fino a raggiungere l’ingrasso a volta dell’unità d’abitazione orrizontale di Adalberto Libera, si ha la sensazione di trovarsi in un luogo altro rispetto al contesto urbano circostante”



Figura 26. Jardim central da Unidade de Habitação Horizontal





Figura 27. Pormenor das caixas de correio na entrada  
Figura 28. Arco de entrada



Figura 29. Vista da Palazzina 101 a partir da entrada  
Figura 30. Palazzina 101 Figura 31. Piso térreo da Palazzina 101



“propriedade privada—proibido o acesso”.<sup>4</sup> Este complexo foi construído entre os anos 1950-54 e, devido à sua importância na história da arquitetura e do país, é alvo de visitas diárias por turistas ligados à disciplina. O seu arquiteto foi Adalberto Libera (1903-1963), uma personalidade dedicada ao tema da habitação e da relação entre a arquitetura e o indivíduo. Foi também bastante participativo e agente central no sucesso do plano de construção de habitação social, o Plano Ina-Casa, onde foi o responsável pelo *Ufficio Architettura* e uma figura de valor na escrita dos manuais que o regulamentaram.

Atravessando o portão que dá início à Unidade de Habitação, deparámo-nos com outra realidade. Do nosso lado direito havia uma grande parede com inúmeras caixas de correio e, do lado esquerdo, a portaria. Na porta estavam afixadas algumas informações, como uma planta do complexo onde se identificavam todos os setores, alguns números de telefone, avisos relativos à manutenção do complexo e o horário de funcionamento. Era fim de semana e todo o ambiente estava muito calmo e silencioso. Avançamos e estávamos em frente ao grande espaço verde central. A limpeza e o cuidado dos espaços comuns eram notórios. O jardim estava muito bem tratado, os arbustos e as árvores podadas, e não havia lixo no chão. De um modo geral, Roma é uma cidade que apresenta pouco cuidado na recolha de lixo e limpeza das ruas, mas neste local em específico pareceu-nos haver algum zelo por parte do condomínio. As zonas pavimentadas estavam maioritariamente ocupadas por automóveis, um elemento que chamou bastante a minha atenção pela diferença relativamente à imagem que tinha do bairro.

Olhando para o lado esquerdo encontramos o *edificio a ballatoio*, o edifício mais alto do complexo que os moradores apelidaram de *Palazzina 101*. O piso térreo permite a circulação livre e suporta, através de uma malha de *pilotis*, os 3 pisos de habitação. Acolhe 32 apartamentos que se distribuem através da galeria comum a cada piso.

Tal como podemos observar na imagem ao lado, a fachada encontra-se dividida

4. Citação original: “proprietà privata-vietato l’accesso”



Figura 32. Palazzina 101 Figura 33. Galeria de acesso às habitações da Palazzina 101  
Figura 34. Alçado Sul da Palazzina 101





Figura 35. Vista da entrada do sector H, a partir do jardim central  
Figura 36. Entrada do sector H



Figura 37. Corredor comum de acesso às habitações  
Figura 38. Pormenor de planta existente no corredor comum  
Figura 39. Vista da Palazzina 101 a partir do corredor comum  
Figura 40. Corredor comum de acesso às habitações



de forma assimétrica devido à posição da escada de circulação e é deixado um vazio no último piso do edifício, virado a Sudeste. Como referem Mornati e Cerrini (2016) num capítulo dedicado a todo o *quartiere Tuscolano*, este edifício, numa fase inicial de projeto, encontrava-se alinhado com a malha das casas-pátio. Posteriormente, a sua orientação foi alterada de modo a beneficiar de um melhor aproveitamento solar. Neste momento, a fachada principal encontra-se virada a sul. (Mornati e Cerrini, 2016, p. 126)

Este edifício apresenta à vista uma estrutura porticada, em betão armado, com as paredes exteriores em alvenaria, rebocadas. Na fachada Noroeste, virada para o jardim central, a estrutura revela-se através da galeria de acesso, onde podemos ver o ritmo das vigas que se encontram em consola. Conseguimos, ainda, perceber o ritmo da fachada proporcionado pelas janelas, algo característico na arquitetura de Adalberto Libera, que está presente no *Palazzo dei Congressi*. A cobertura é inclinada e encontra-se em consola, tanto na fachada noroeste, bem como na sudeste.

Avançando, chegamos finalmente ao muro que dá início a toda a malha de casas pátio, uma organização espacial que distingue a Unidade de Habitação. A partir da entrada, são desenhadas pequenas ruas pedonais que, quando intersectadas com o muro de tufo que separa o jardim central das casas pátio, se transformam na entrada de cada setor. Esta grelha encontra-se dividida em desassete setores, de A a S, onde se podem encontrar dez casas pátio. Iniciámos a visita pelo setor A.

O espaço de circulação entre as casas tem 2,70m de largura e encontra-se decorado com vasos, plantas e catos e as paredes estão pintadas de cores alegres e quentes. Estamos perante um espaço agradável, com sinais de cuidado por parte dos habitantes. Apresenta um grande destaque, tanto na planta do complexo, pois conseguimos perceber que o desenho do mesmo desempenha um papel na organização do espaço, como no quotidiano dos moradores. É um espaço exterior que funciona como local de encontro entre os moradores e consequentemente, extensão das necessidades particulares dos indivíduos.





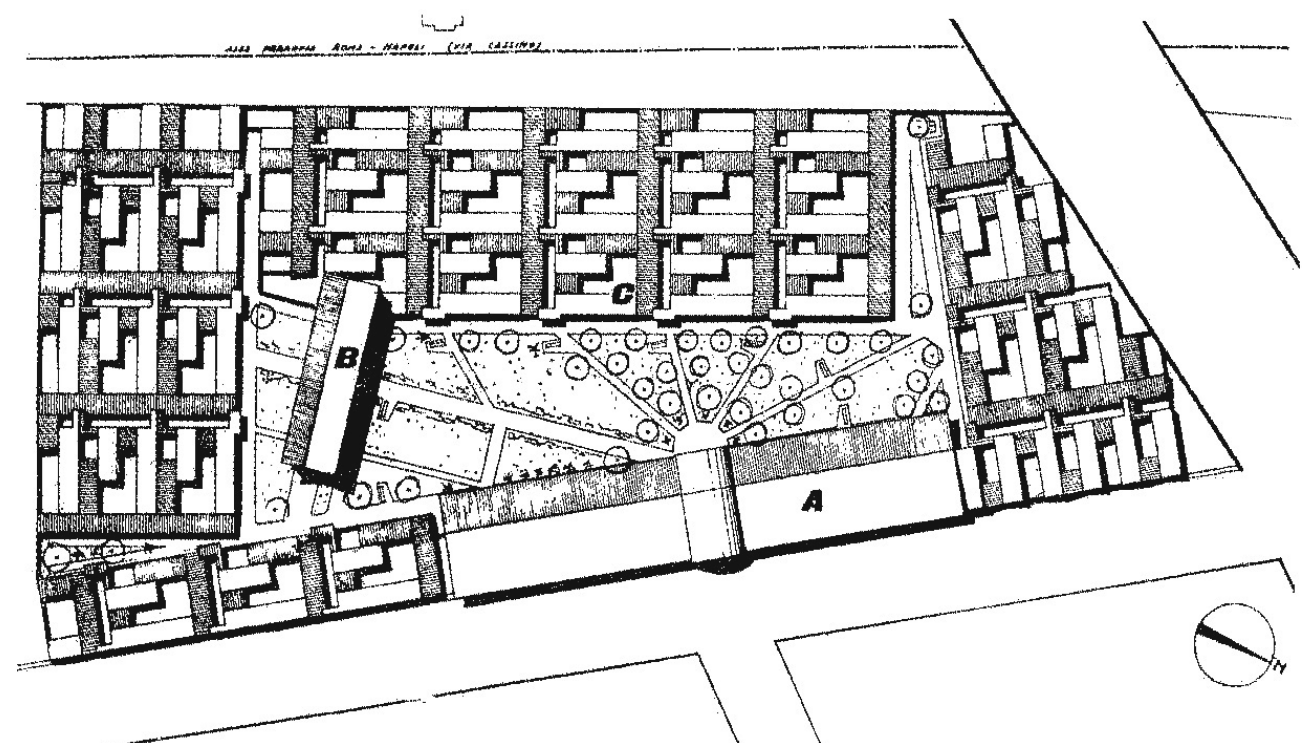


Figura 45. Planta geral Tuscolano III

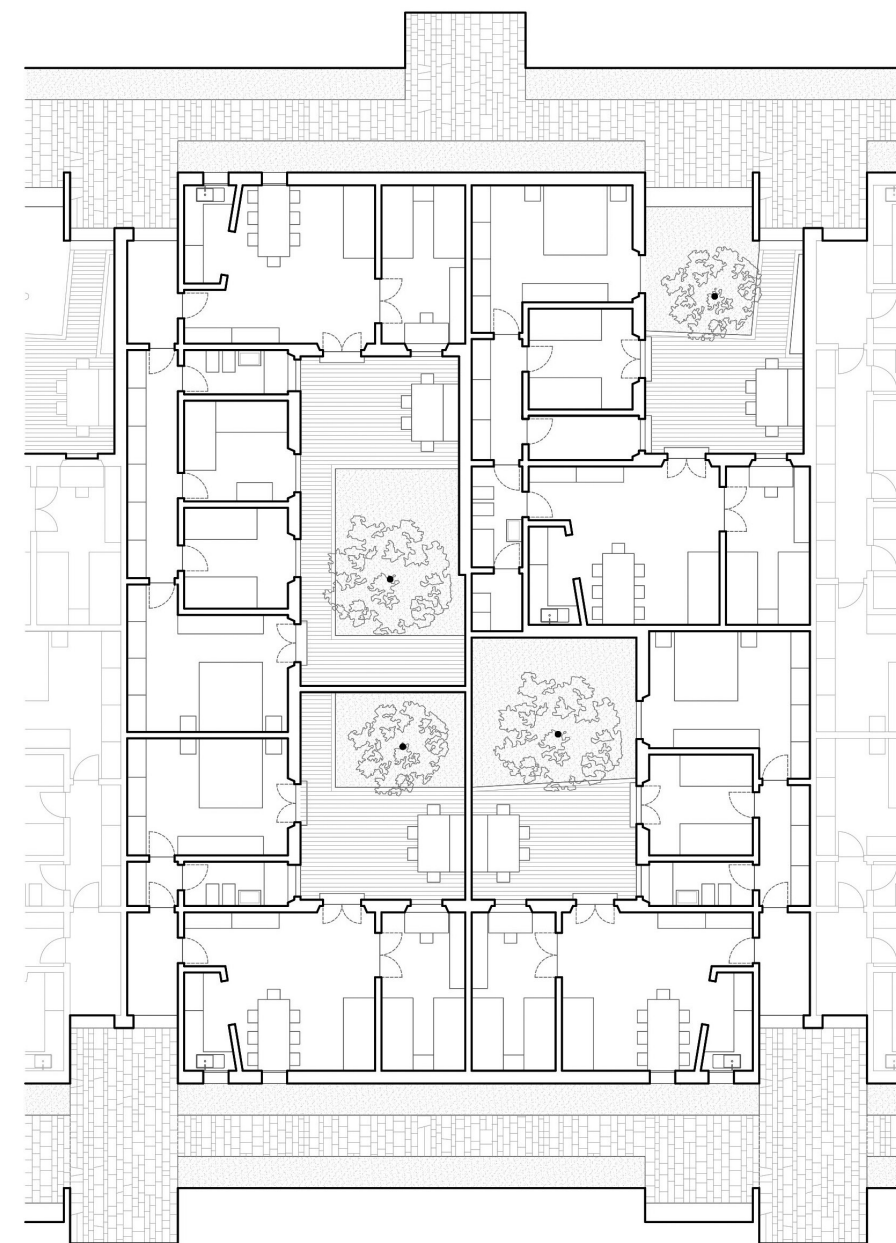


Figura 46. Planta do módulo das 4 casas pátio

Todos os setores são diferentes e vão-se distinguindo através dos materiais e, algumas vezes, da forma do espaço em si. Os corredores funcionam como um todo, mas, ao mesmo tempo, adquirem a sua própria identidade.

Ao analisar fotografias da época em que o complexo foi construído, existe um elemento que sobressai: um banco de jardim, em cada um dos desassete setores, elemento que não foi observado durante a visita. À medida que percorremos os setores percebemos que algumas características destes espaços, tais como os materiais utilizados no pavimento, as portas de entrada, os pátios, foram alterados. A imagem das casas cujo pátio se encontra virado para o espaço de circulação varia bastante em termos de materiais utilizados como revestimento, sendo notório o desejo de criar alguma privacidade por parte dos moradores. São colocadas placas de PVC, de madeira, ou mesmo uma vedação nova para o efeito. Apenas um pátio aparentava manter a vedação original. Muitas janelas e portas, mesmo no pátio interno, foram substituídas por caixilhos de alumínio e ainda foram acrescentadas grades das mais variadas cores e formas.

Observando a planta, conseguimos identificar uma grelha que se define através das casas pátio que jogam umas com as outras como meio de encaixe entre si. O módulo principal e organizador de cada bloco engloba quatro casas que perfazem um retângulo de ouro. Este vai-se repetindo, compondo o espaço da Unidade de Habitação.

Como podemos ver na imagem ao lado, a organização deste módulo é bastante clara: apresenta uma planta em forma de L onde encaixa o pátio, sendo este um elemento central para onde todas as divisões convergem e, como referido por Ricardo Renzi, é garantido a cada núcleo familiar, pela primeira vez, o uso de uma parte do espaço aberto (Renzi, 2016, p. 80). Existem três pátios que estão virados uns para os outros, divididos por uma parede de separação, e um que está virado para o corredor comum do setor a que pertence. Toda a tipologia se repete, exceto nas casas que se encontram ao longo dos limites da Unidade de Habitação, assim como as do *edificio a ballatoio*.

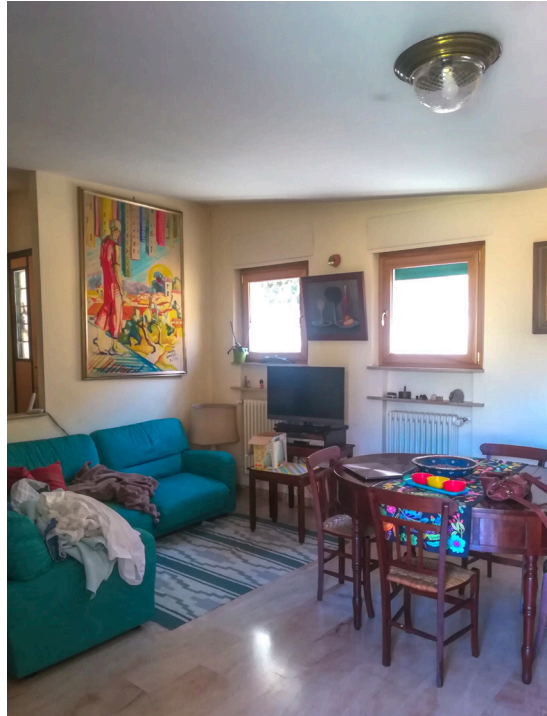


Figura 47. Sala de estar da casa do Sr. Mimmo  
Figura 48. Cozinha da casa do Sr. Mimmo

Todas as casas têm um piso e a sua estrutura, porticada, é composta por aglomerado de betão e pedra pomes. Às paredes externas é ainda acrescentada uma caixa de ar e uma parede de alvenaria, perfazendo uma espessura total de 30 cm.

Olhando para a planta dos apartamentos, conseguimos perceber que os fogos variam em termos de área e disposição. Originalmente, podemos encontrar casas de tipologia T2, T3 e T4. A entrada é sempre feita pelo corredor exterior comum e leva-nos ao hall de entrada. Desta forma, podemos aceder diretamente à zona dos quartos ou então à sala/cozinha, onde podemos encontrar um outro quarto. Existe apenas uma casa de banho que serve todo o apartamento.

À medida que conhecíamos melhor o complexo, iam também surgindo perguntas, tais como «qual será a faixa etária das pessoas que aqui vivem?», «será que esta localização lhes é conveniente?», «os moradores sabem a história do local onde vivem?». Decidimos perguntar diretamente. Comecei por abordar um casal que se dirigia ao exterior, mas que, alegando estar com alguma pressa para chegar ao mercado, não aceitou a conversa. De seguida, vimos uma rapariga a sair de uma das casas, acompanhada pela sua bicicleta, e fomos abordá-la. Perguntámos-lhe se podia fazer uma entrevista no âmbito da pesquisa para a minha dissertação de mestrado, ao que me respondeu que estava atrasada para um *workshop* e não podia conversar naquele momento. Indicou-nos a sua casa e disse-nos que o pai, com certeza, estaria disposto a conversar connosco.

Dirigimo-nos à primeira casa do lado direito do setor D, tocámos à campainha e não esperámos muito até nos abrirem a porta. Recebeu-nos um senhor com os seus 50 anos que se despediu da esposa à porta e nos convidou a entrar. “Olá, o meu nome é Mimmo. Façam o favor de entrar!”<sup>5</sup>

Estávamos na casa do Sr. Mimmo, bastante agradável, de tipologia T3, com

---

5. Citação original: “Ciao, mi chiamo Mimmo. Per favore, vieni!”



muita luz e espaços não muito grandes. Atravessámos a sala e entrámos na cozinha, onde se encontravam alguns sacos de compras à espera de serem arrumados. Depois do diálogo casual, iniciámos a conversa que ali nos levou. Começámos por o questionar sobre a razão de viver ali, ao que nos respondeu:

“A vinda para esta casa foi escolha nossa. O que nos interessou, para além de todo o ambiente do bairro, foi a história do mesmo. Comprámos esta casa a um signatário do plano Ina-Casa, uma pessoa idosa que vivia aqui desde o fim da construção do complexo. Os filhos não tinham interesse em viver cá e venderam-nos a casa em 1999.”<sup>6</sup>

(Mimmo, 2018)

Quando abordámos o assunto do plano Ina-Casa, mostrou-se bastante interessado, fazendo uma breve contextualização:

“Este é um assunto que me motiva bastante. Um político italiano moderado, de nome Amintore Fanfani, nos anos após a segunda grande guerra propôs uma lei de nome “Provvedimenti per incrementare l’occupazione operaia, agevolando la costruzione di case per lavoratori.”<sup>7</sup> e o objetivo era que as grandes cidades, em particular Roma, atraíssem pessoas do Sul meridional. Isto acontecia porque em Roma, naqueles anos, havia uma grande aposta e especulação na construção de edifícios. Desta forma, precisava-se de muitos operários para fazer todo este trabalho de construção manual. Houve, então, a necessidade de criar bairros operários em Roma. Esta lei tinha dois grandes objetivos integrados: a criação de empregos, porque as pessoas que vieram para Roma claramente vieram atrás de uma melhor qualidade de vida; e a reconstrução do país, que era urgente naquela altura.”

(*Ibidem*)

---

6. Entrevista realizada pela autora a Sr. Mimmo, no dia 6 de Abril de 2018, em Roma. Todas as citações encontram-se traduzidas pela autora, bem como a entrevista completa, disponível nos anexos.

7. Legge n° 43 del febbraio 1949, art. 11, *Provvedimenti per incrementare l’occupazione operaia, agevolando la costruzione di case per lavoratori*. Artigo disponível online em <http://www.gazzettaufficiale.it/eli/id/1949/03/07/049U0043/sg>.







Referiu que havia, naquele momento, filhos de pessoas que migraram do Sul, deixaram a agricultura e aproveitaram as casas que se iam construindo com as rendas muito baixas à procura de melhor qualidade de vida. E explicou ainda a forma de aquisição e pagamento das casas, dizendo que:

“era realmente vantajoso porque durante 20 anos pagavam uma renda muito baixa ao estado e, passados esses anos, a casa tornava-se propriedade sua.”

*(Ibidem)*

Para além da visita, pareceu-nos essencial a entrevista a um dos moradores. Esta parte inicial permitiu-nos compreender a consciência que os moradores deste local têm do contexto histórico em que foi criado.

De facto, o Tuscolano apresenta-se com um desenho urbano bastante claro e organizado, caracterizado pelos seus edifícios em linha, pátios e espaços entre casas. É uma zona cuidada, possuidora de uma grande estrutura de apoio, como o *Mercato Tuscolano III* e de lojas de pequena dimensão, o que o torna autossuficiente. Possui ainda alguns serviços. Os espaços verdes são abundantes e de qualidade. Há espaços comuns, caminhos pedonais, que facilitam o convívio entre moradores. Os espaços são limpos e cuidados.

#### **1.4. À procura da excecionalidade do Tuscolano**

A partir do momento em que os residentes se tornaram proprietários dos apartamentos da Unidade de Habitação, houve a oportunidade de fazer algumas alterações que, no seu entender, qualificaram o espaço. Estas foram-se apropriando e transformando-o visual e funcionalmente.

Os projetos Ina-Casa, para além do estudo urbanístico e do desenho das habitações, dispunham de uma cuidadosa organização do espaço público e do mobiliário urbano e ainda, tal como refere Renzi (2016, p. 78), da sugestão do mobiliário interno, decoração e instalação de equipamentos, aconselhando à sua correta utilização. As transformações derivadas da vivência quotidiana



fizeram desta unidade um espaço com novas medidas definidas por quem o habita.

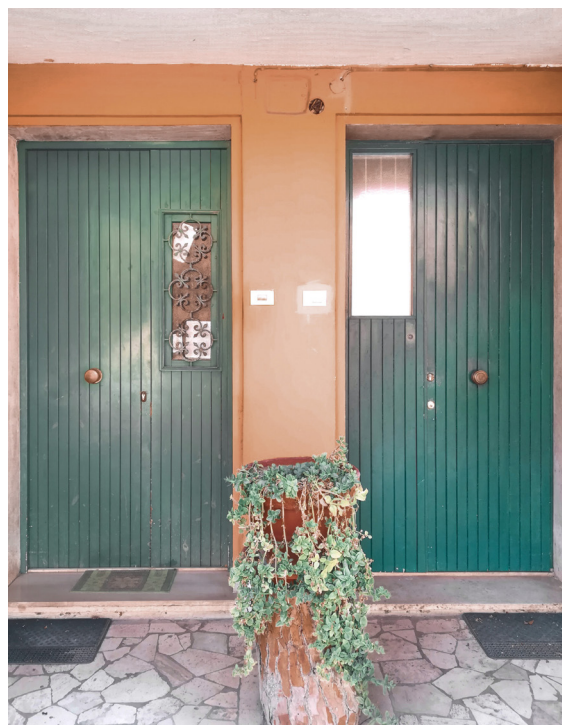
O grande jardim central localizado mesmo à entrada do complexo, foi desenhado de modo a proporcionar aos residentes um lugar amplo, de convívio e incentivo ao encontro dos moradores, que representasse um espaço intermédio entre a via pública e privada. Encontra-se provido de bancos de jardim e espaços de reunião e, desta forma, as pessoas, que facilmente se vão conhecendo, vão assumindo também responsabilidades para consigo mesmas, para com o outro e para com o complexo. A arquitetura atua como um incentivo para as relações entre os moradores que, desta forma, adquirem sentido de comunidade e cidadania. Um dos objetivos do arquiteto ao desenhar este grande jardim era o de promover o convívio e reunião entre os membros, fornecendo-lhes segurança.

O Sr. Mimmo (2018) revelou-nos que, contra a vontade de muitos moradores, as ruas pedonais do jardim central passaram a ser usadas como lugar de estacionamento de carros, motas ou bicicletas. Disse-nos que a questão do estacionamento é debatida mensalmente em reuniões de condomínio devido aos estragos que a passagem diária dos carros está a causar nas ruas e também devido a questões de segurança das crianças e idosos. Tal como nos diz Cerrini e Mornati (2016, p. 5), isto deve-se ao facto de se ter utilizado para outros fins a estrutura onde estaria prevista a garagem. Neste momento, encontra-se encerrada, sem qualquer tipo de programa.

A Palazzina 101 é um edifício de destaque em todo o complexo e que sofreu algumas alterações. Na fachada, podemos reparar em alguns aparelhos de ar condicionado, assim como cordas para secar a roupa, colocados posteriormente. Através de fotografias da época em que o complexo foi construído conseguimos perceber que os vãos foram alterados. Foram aplicadas portadas no local onde, inicialmente, havia um pequeno espaço de varanda (ou caixilho recuado), anulando a profundidade pretendida pelo arquiteto. O vazio existente no último piso, virado a Sudeste, neste momento encontra-se tapado com cimento, um







**Figura 54.** Pormenor das portas de entrada para as habitações **Figura 55.** Corredor comum utilizado como estacionamento  
**Figura 56.** Pormenor das janelas das habitações **Figura 57.** Corredor comum utilizado como estacionamento

**Figura 58 e 59.** Muro de tufo que define o espaço das casa-pátio



material diferente do pré-existente e que altera o desenho inicial do arquiteto. A fachada sofreu notórias alterações que transformaram a imagem e desenho do edifício.

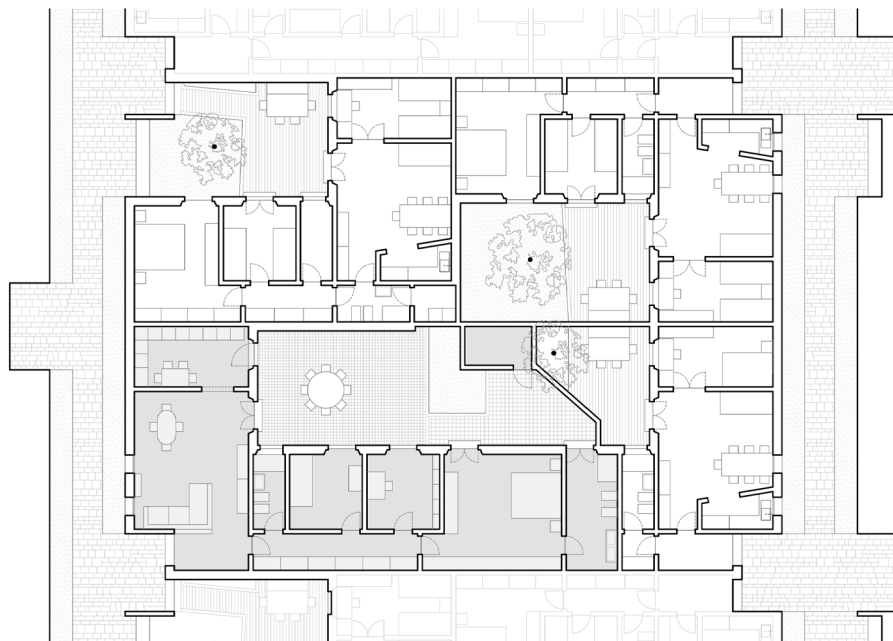
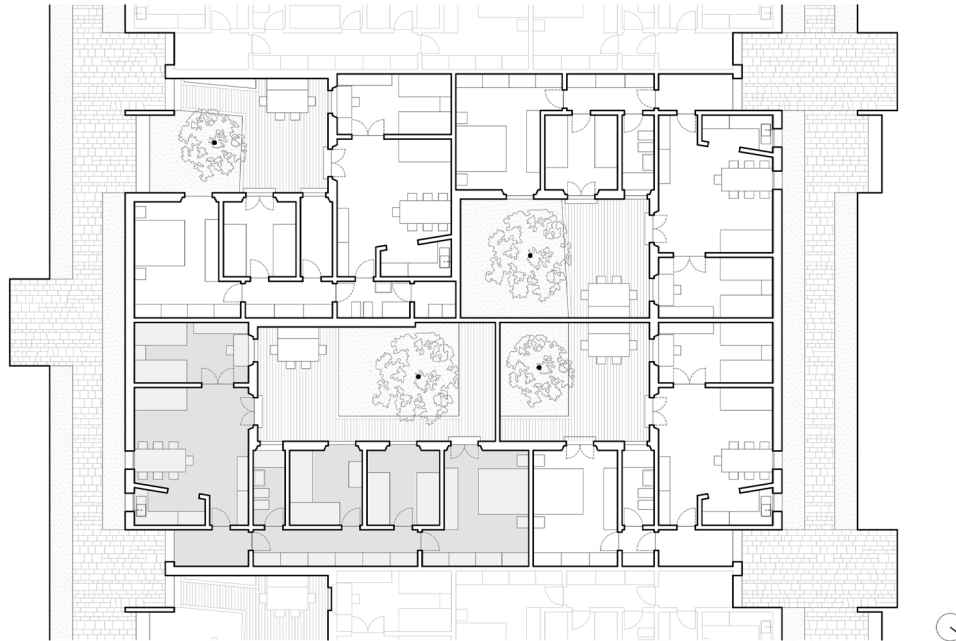
Na zona de circulação de cada setor, Libera projetou um banco de jardim que se tornou bastante característico. Ao longo dos tempos, este banco foi sendo retirado, dando lugar a bicicletas, motas, vasos, ou qualquer objeto que possa permanecer do lado de fora da casa, dos quais apenas um ainda permanece. Originalmente, as portas de entrada das casas eram em ripas de madeira verdes e as janelas, que se podiam ver através do corredor comum, eram de guilhotina e apresentavam, ainda uma peça pré-fabricada que protegia da chuva. Neste momento, detetamos algumas alterações a nível dos materiais, tanto nas janelas, como nas portas.

Após o término da construção do complexo, foram detetados alguns problemas a nível de infiltrações de água no subsolo, o que causou complicações como humidade no interior das casas e o desmantelamento de alguns caminhos pavimentados no interior do complexo. Foi necessário refazer a impermeabilização do muro que define o perímetro da Unidade de Habitação, assim como todas as vias pedonais existentes no interior do mesmo. Optou-se, ainda, pela abertura de mais vãos voltados para o pátio, de modo a aumentar a entrada de mais luz solar para divisões como cozinhas e corredores. Foi também feita uma abertura na parte superior do muro em pedra que divide o grande jardim central e o pátio das casas que estão encostadas ao mesmo, de forma a oferecer mais luz a ambos os espaços.

Devido à questão da má impermeabilização inicial e aos sucessivos ajustes e arranjos realizados, tanto a nível do condomínio, como particular, as cores e materiais do complexo foram sendo alterados, não correspondendo, nos dias de hoje, aos originais. “Cada habitação era, de facto, caracterizada por um esquema de cores diferente”<sup>8</sup> (Cerrini e Mornati, 2016, p. 17), no entanto “a ausência de documentação específica e as fotos da época a preto e branco não

---

8. Citação original: “Ogni alloggio era infatti caratterizzato da un diverso cromatismo.”



**Figura 60.** Planta do módulo original das casas-pátio  
**Figura 61.** Planta do módulo com alteração realizada pelo Sr. Mimmo

nos ajudam na reconstrução das cores originais <sup>49</sup> (*Ibidem*)

Com a evolução dos materiais e da tecnologia, foram feitas, ainda, algumas atualizações necessárias para a vida quotidiana. Nos dias de hoje, encontramos aparelhos de refrigeração, painéis solares e antenas no telhado em quase todos os apartamentos da Unidade de Habitação. São visíveis ainda coberturas aplicadas nos pátios internos.

A visita à casa do Sr. Mimmo proporcionou-nos um exemplo concreto de alterações levadas a cabo no interior da casa. Aquando da aquisição da casa mais pequena, a disposição e áreas foram reformuladas. A sala, cozinha e quarto de casal foram as divisões mais intervencionadas.

“Na verdade, esta casa é um pouco particular porque neste momento está ampliada, tem 120m<sup>2</sup>. Mas ela não nasceu assim, era uma casa de 80 m<sup>2</sup>, muito mais pequena. Passados uns anos, comprámos a casa de trás quando a senhora que lá vivia faleceu. Decidimos alargar esta casa e a outra ficou mais pequena e oferecemo-la à minha filha.”

(Mimmo, 2018)

Originalmente, a cozinha desenhada pelo arquiteto tinha uma área bastante reduzida e, como tal, foi removida, passando todo o espaço a funcionar como sala de estar. A cozinha passou para a divisão onde, anteriormente, existia um quarto duplo. Libera projetou a casa de modo a que os quartos fossem servidos pelo pátio, enquanto que a cozinha e sala recebiam luz do corredor comum. Ao quarto de casal foi ainda acrescentada alguma área, assim como uma casa de banho. Esta alteração da disposição dos espaços internos permitiu a definição de duas zonas distintas, a zona diurna, mais social, e a zona noturna, conseqüentemente mais privada. Deste modo, todas as divisões passaram a receber luz do pátio. Segundo o proprietário, esta é a transformação mais frequente nas casas pátio. (*Ibidem*) O apartamento mais pequeno transformou-se num T1 de áreas reduzidas, onde vivia a sua filha

9. Citação original: “l’assenza di documentazione specifica e le foto d’epoca in bianco e nero non ci aiutano nella ricostruzione dei colori originari.”



Figura 62. Vista aérea das casas-pátio





Figura 63 e 64. Vista do pátio do Sr. Mimmo



mais velha com o marido.

Quando saímos para o pátio, o Sr. Mimmo explicou-nos que o antigo proprietário o usava como depósito de material, sendo uma área um pouco abandonada pela família. Quando comprou a casa, a estereotomia do piso estava modificada e, tal como em muitas outras casas, já não apresentava o espaço de cultivo desenhado por Libera. A nova família decidiu retomar essa ideia e fazer um canteiro junto ao muro de separação entre o seu pátio e o do vizinho. O objetivo era o de poder cultivar os próprios legumes durante todo o ano. Como muitos outros moradores, construiu ainda um anexo que lhes permitia guardar o material de exterior.

Estas modificações possibilitaram uma melhor arrumação e melhor usufruto dos espaços e adaptaram-se à família que os habita. A casa do Sr. Mimmo, embora composta por áreas reduzidas, apresentava bastante qualidade e todas as condições necessárias. De um modo geral, a estrutura inicial do complexo mantém-se, mas os pormenores, os materiais, o desenho dos espaços exteriores e interiores da casa foram-se alterando ao longo dos mais de 50 anos de utilização do complexo.

Pudemos constatar que a Unidade de Habitação funciona de uma maneira muito particular na sua relação entre casas-pátio-espaço público e que o estudo dos espaços agregadores da vida social teve especial destaque no desenho do complexo. Podemos, pois, considerar que grande parte da identidade deste complexo se define pelo modo como os espaços exteriores são vividos. Então o que é que enquadra esta vontade de fazer algo que é muito mais do que a distribuição funcional dos espaços domésticos? O que motivou esta vontade de relacionar de forma tão eficiente a vida social e o tema da habitação? De modo a responder a estas questões, é necessário abordar a dinâmica socioeconómica que deu origem a este projeto e perceber o contexto/debate arquitetónico em que se insere, de modo a perceber as opções e características tomadas para este espaço.





2 | Contexto em que nasce o Tuscolano





## **2. Contexto em que nasce o Tuscolano**

De modo a responder às questões levantadas no final do capítulo anterior, comecemos por abordar o processo socioeconómico que deu origem a este projeto. De seguida, tentaremos perceber o momento arquitetónico em que se integra, de forma a contextualizarmos as opções tomadas pelo arquiteto no Tuscolano. Relativamente às opções, iremos conhecer o mais aprofundadamente possível os manuais que definem os critérios e sugestões de configuração dos novos bairros do Ina-Casa. Que tipo de arquitetura é promovida nestes manuais? De que forma é que estes configuraram preocupações de uma arquitetura mais humana?

### **2.1. A realidade do pós-guerra**

O Tuscolano surge a partir da necessidade de um plano de reconstrução da cidade de Roma, no segundo pós-guerra. Embora não tão destruída como outras cidades italianas, a habitação em Roma era uma questão de urgente resolução, no panorama geral das problemáticas da cidade.

O Sr. Mimmo (2018), que conhecemos no 1º capítulo, proprietário atual de uma casa do Tuscolano III, explica:

“Para esta unidade horizontal, bem como para outros bairros Ina-Casa, vinham viver pessoas que migravam do Sul ou do Centro de Itália, que deixaram a agricultura, atraídas pela promessa de um trabalho, pessoas essas que, naquele momento, eram necessárias



para a grande reconstrução da cidade destruída.”

Neste momento, no final da Segunda Guerra Mundial, cidades destruídas, bairros sobrelotados, pessoas sem teto e doenças infecciosas eram alguns dos cenários presentes em Itália em Março de 1945. O país estava destruído física e psicologicamente e a sua situação económica era preocupante. Variados fatores contribuíam para que o país estivesse em crise: todo o investimento tinha sido direcionado para o conflito armado; a indústria, que dependia das matérias-primas estrangeiras, enfraquecia devido aos custos que o transporte implicava; e o bloqueio marítimo britânico aumentava exponencialmente a escassez de mantimentos. Não havia infraestruturas que suportassem os serviços, o que, juntamente com o retorno dos militares à vida civil, com a desmobilização das indústrias diretamente relacionadas com a guerra e, especialmente o crescimento demográfico que se verificava, aumentava a taxa de desemprego. (Tafari, 1986, pp. 4-39).

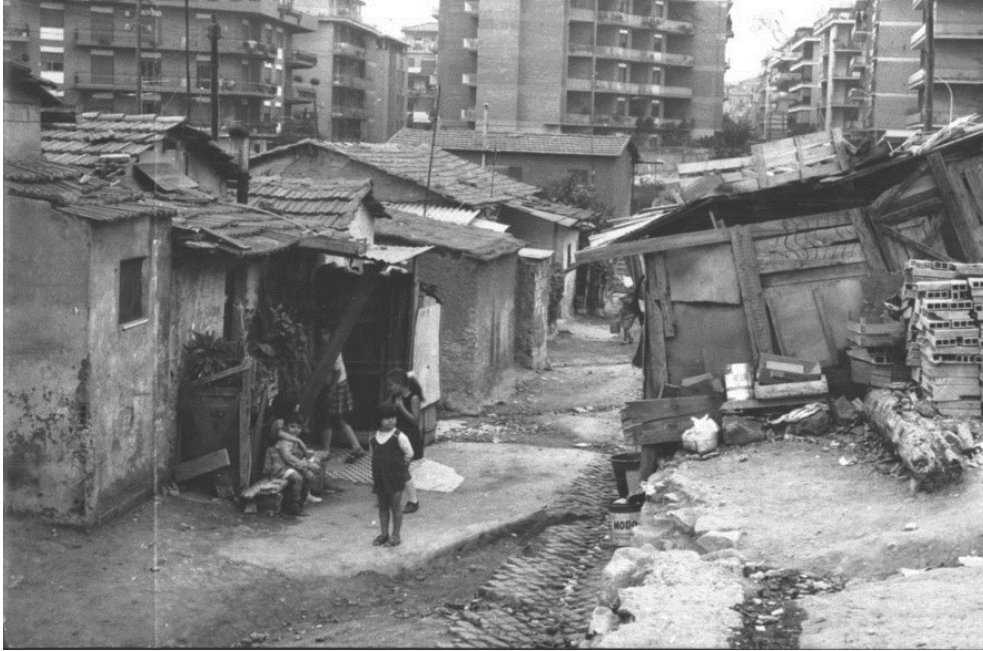
O problema da habitação refletia todas estas dificuldades e encontrava-se num estado particularmente crítico. Com um crescimento demográfico tão significativo ao longo dos anos, o problema da habitação tornava-se cada vez mais sério, tanto em Itália, como em grande parte da Europa. A migração das zonas rurais para as cidades e particularmente da zona Sul, chamada de *Mezzogiorno*, para o Norte era cada vez maior.<sup>10</sup> No município de Roma entre os anos de 1871 e 1951, verifica-se um aumento de 594% da população (Di Biagi, 2010, p. 166). Nos anos após a guerra, grande parte da população vivia nas *borgate*, assentamentos informais que ocupavam uma grande área dos subúrbios, fora do *Piano Regolatore*.<sup>11</sup> Estes bairros foram construídos a partir dos anos 30, “como solução drástica para as necessidades de habitação das faixas mais pobres da cidade”<sup>12</sup> (Villani, 2012, p. 23). Eram

10. *Mezzogiorno* é a zona que compreende o sul de Itália e a Itália insular.

11. O *Piano Regolatore* é um instrumento legal que define o quadro estratégico de desenvolvimento territorial de cada município italiano.

12. Citação original: “come soluzione drastica ai bisogni abitativi delle fasce più povere delle città”







zonas isoladas, “onde o fascismo tinha instalado os habitantes expulsos dos bairros centrais nos anos trinta”<sup>13</sup> (Di Biagi, 2010, p. 166), sem apoio viário e sem infraestruturas ou serviços suficientes para suprir as necessidades dos que as ocupavam. *Borgate* como *Gordiani*, *Tor Marancia*, *Preneestino*, *Pietralata*, *Primavalle*, *Quarticciole*, *Tiburtino III*, *San Basilio*, tornaram-se focos de problemas sociais, dada a sobrelotação e as deficientes condições de habitabilidade e higiene, bem como a criminalidade, doenças infecciosas e mortalidade, especialmente infantil, que se agravaram com a segunda guerra mundial.<sup>14</sup> Gresleri refere que:

“As borgate [...] constituíam um cinturão preocupante em torno da capital: [...] o cancro social e urbanístico, [...] excluindo do processo de modernização em curso a classe menos abastada e incapaz de participar do renascimento do país. Relegado a áreas delimitadas longe do centro urbano, o proletariado é abandonado a si mesmo, destinado a um processo lento e natural de autodestruição, desprovido de identidade”.<sup>15</sup>

(Gresleri, 2006)

Lado a lado com o problema da habitação, estava a pobreza, também agravada pela guerra. Grande parte dos italianos não tinha possibilidade de satisfazer as necessidades básicas. Uma só família não conseguia pagar o aluguer de uma casa, sendo necessário viver em coabitação e em casas sobrelotadas com condições precárias, caracterizadas pelas áreas reduzidas, pouca iluminação, ausência de espaços de convívio, fraca ou inexistente qualidade arquitetónica e falta de planeamento prévio. As habitações dispunham, na maior parte dos

13. Citação original: “dove il fascismo aveva sistemato gli abitanti espulsi dai quartieri centrali negli anni trenta”

14. Filmes como *Brutti, Sporchi e Cattivi* de Ettore Scola, *Romanzo Popolare* de Mario Monicelli e *Mamma Roma* de Pier Paolo Pasolini, entre outros, fazem um retrato pungente das condições de vida existentes nas *borgate* romanas.

15. “Le borgate [...] costituivano una preoccupante cintura attorno alla capitale: [...] cancro sociale e urbanistico, [...] escludendo dal processo di modernizzazione in corso il ceto meno abbiente e impossibilitato a partecipare alla rinascita del Paese. Relegato in aree delimitate lontane dal centro urbano, il proletario è dunque abbandonato a se stesso, destinato a un lento e naturale processo di autodistruzione privo com'è d'identità”

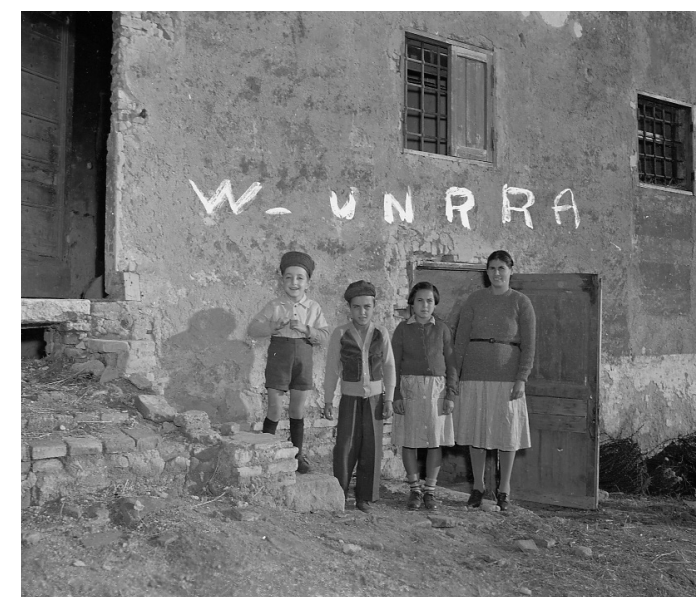


Figura 70. Crianças recebem cuidados médicos da parte da UNRRA  
Figura 71. Família com roupas recebidas pela UNRRA



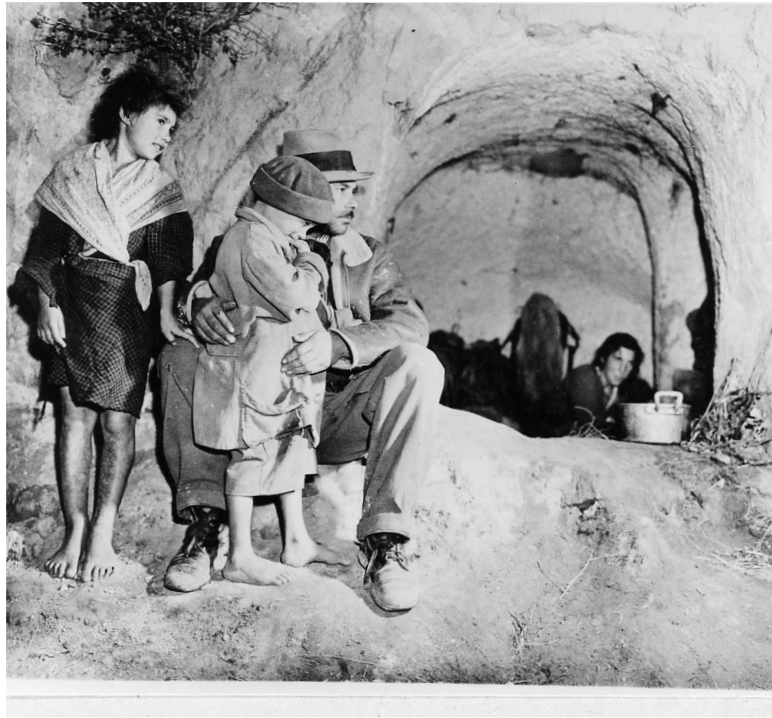


Figura 72. Família a viver numa gruta, Itália, 1945  
Figura 73. Famílias em coabitação, Itália, 1945



Figura 74. Mãe e filhos a viver numa gruta, Itália, 1945  
Figura 75. Condições de habitabilidade numa gruta no Sul de Itália, 1945

casos, de apenas duas divisões que serviam para realizar refeições e dormir, não havendo aquecimento ou luz elétrica (Di Biagi, 2010, p. 49). O censo realizado em 1951 concluiu que apenas 7,4% das casas italianas dispunham de instalações sanitárias e rede de abastecimento de águas, enquanto que 11% não tinham qualquer acesso às mesmas, o que se traduzia num aumento de doenças, especialmente em crianças e idosos. (Di Biagi, 2010, p. 166). Segundo estudos realizados pelo ISTAT (*Istituto Nazionale di Statistica*), mais de 2 milhões de italianos estavam desempregados, 220.000 famílias viviam em habitações impróprias como barracos, caves ou grutas, e 750.000 viviam em coabitação. (Anguissola, 1963, pp. 4-8). Fatores como o grande e crescente afluxo de migrantes, que continuou nos anos subseqüentes e que levou a quase duplicar os habitantes no espaço de vinte anos, desde 1951 a 1971, faziam com que a taxa de desemprego aumentasse. A devastação do país e toda a situação social, política e económica exigia que fossem rapidamente tomadas medidas. Era necessário recomeçar uma reconstrução preocupada com a questão social, onde se promovia a consciência do valor das camadas populares, adotando uma nova atitude arquitetónica, mais preocupada com a qualidade da satisfação das necessidades humanas.

### **2.1.1. Assistência a Itália**

Neste momento de graves dificuldades, foi crucial a existência de um conjunto de medidas de ajuda à Europa adotadas por outros países, nomeadamente a Itália, que contribuíram de forma eficaz e valiosa para a resolução de alguns destes problemas.

A primeira ajuda que Itália recebeu foi em Março de 1945, por parte da UNRRA, *United Nations Relief and Rehabilitation Administration*, através de uma doação de alimentos, medicamentos e roupa. Esta associação, criada no ano de 1943, ainda durante a guerra, tinha como objetivo:

“(...) planear, coordenar, administrar ou providenciar a





**Figura 76.** Crianças ajudam a reconstruir a cidade, 1945

**Figura 77.** Membros de uma família trabalham para reconstruir a sua casa afetada pelos bombardeamentos em Orsogna, 1945



administração de medidas para o alívio das vítimas de guerra em qualquer área sob o controlo de qualquer das Nações Unidas através do fornecimento de alimentos, combustível, roupas, abrigo e outras necessidades básicas, assistência médica e outros serviços essenciais”.<sup>16</sup>

(United Nations: Archives and Records Management Nation)

Após um período inicial de apoio aos casos com carácter de urgência em Itália, em 1948-1949, a UNRRA-Casas desenvolveu o seu próprio programa de construção e, pela primeira vez, à construção dos bairros é aliada uma estrutura de assistência social de apoio aos moradores. (Sotgia, 2010, p. 44). Mais tarde, entre os anos de 1957 e 1963, uma das vertentes deste programa, UNRRA-Casas (*United Nations Relief and Rehabilitation Administration - Comitato amministrativo soccorso ai senzatetto*), que se direccionava especificamente para o resgate de moradores de rua, dedicou-se a ajudar física e economicamente o setor habitacional na recuperação do pós-guerra. (Tedesco, 1998, p. 133).

Em 1947, é implementado o Plano Marshall idealizado por George Catlett Marshall, recém-nomeado secretário de estado americano.<sup>17</sup> Os EUA propunham um:

“programa de ajuda financeira e técnica aos países europeus, incluindo os de leste, destinado a financiar a recuperação da economia da Europa e estabilizar a sua situação política e social.”

(Matos, 2014, p. 109).

Este plano tinha como objetivo a reconstrução dos países europeus, assim como o incremento da sua economia, contribuindo, desta forma, para o desenvolvimento da economia americana que pretendia escoar os seus produtos e impedir o avanço do poder comunista na Europa. Com a duração prevista de

---

16. Citação original: “(...) plan, co-ordinate, administer or arrange for the administration of measures for the relief of victims of war in any area under the control of any of the United Nations through the provision of food, fuel, clothing, shelter and other basic necessities, medical and other essential services”

17. European Recovery Program



quatro anos, viria a estimular os países participantes a romperem o impasse económico em que se encontravam e a auxiliar o cumprimento do processo de reconstrução e de recuperação das suas economias.

### **2.1.2. Papel do Estado-Providência**

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a sociedade estava, como vimos, diferente. Este momento obrigou a que se impusessem novas necessidades sociais, culturais, económicas e políticas, das quais a sociedade e o Estado estão já conscientes. É a partir daqui que começa a tomar corpo a ideia de que o estado devia intervir energeticamente na definição de objetivos para a economia e na definição de programas de proteção social, pelo que são criadas novas políticas de educação, acesso à saúde e promoção de habitação. Pela mão do Estado-Providência,<sup>18</sup> tenta-se minorar as dificuldades dos mais desfavorecidos e controlar uma economia manipulada por estados liberais que fomentavam a desigualdade.

Com o Estado-Providência ou Welfare State retomam-se os princípios da teoria keynesiana, onde a proteção da população e a garantia de habitação e de serviços públicos em termos de saúde, educação e seguro-desemprego são promovidos pelo Estado e estabelece-se um “novo modelo europeu” de provisão de bem-estar. (Svenarton et. al., 2015, p. 8). É entre os anos de 1945-1975, chamados de *Trente Glorieuses* que, com o apoio inicial do Plano Marshall, muitos países ganham força para expandir as suas políticas de

---

18. O Estado-Providência, ou Welfare State, é um conceito do governo em que o estado tem um papel fundamental na proteção e promoção da economia e do bem-estar dos cidadãos. Este modelo teve origem na Grande Depressão e ganhou força depois da Segunda Guerra Mundial, com o fim dos governos totalitários. Pondo em prática um grande conjunto de medidas, o Estado-Providência foi fundamental na reconstrução da Europa do pós-guerra, promovendo a construção de habitação social e assegurando serviços como a educação ou saúde ao “grande número”. (The New Encyclopedia Britannica, Inc. Volume XII, citado em Azevedo, 2009, p. 35)





bem-estar.<sup>19</sup> Neste sentido, com a construção de habitação, hospitais, escolas, centros culturais, artísticos e desportivos, reconhece-se o importante papel da arquitetura na consecução dos objetivos do Estado-Providência.

Em Itália, a esta consciência do valor do Welfare State, junta-se a contribuição do Plano Marshall e o supracitado UNRRA, importantes no desenvolvimento de variadas categorias de construção, tendo as verbas disponibilizadas permitido a criação do plano inovador do INA-Casa, de apoio à reconstrução da habitação, numa forma digna, que definiu regras para um modo de habitar longe das *borgatte* em que os mais necessitados eram obrigados a viver.

## 2.2. O INA-Casa

O Plano Ina-Casa assume-se, portanto, como um plano de reconstrução de Itália no pós-guerra, preocupado com a eficiência das suas construções, mas também com o tipo de arquitetura que estava a gerar e do modo como esta se ia relacionar com as pessoas. Procura o desenvolvimento de uma arquitetura humanista, que não se baseasse apenas no funcionalismo e que, para além dos espaços privados, olhava também para os públicos.

A 28 de fevereiro de 1949, o Parlamento Italiano aprova a Lei n° 43 “*Provvedimenti per incrementare l’occupazione operaia, agevolando la costruzione di case per lavoratori*”<sup>20</sup>, apresentada por Amintore Fanfani (1908-1999), Ministro do Trabalho e da Providência Social do governo de De Gasperi, dando início ao Plano Ina-Casa.<sup>21</sup> Este plano, também conhecido como Plano

---

19. O termo Trente Glorieuses é criado por Jean Fourastié e apresentado no seu livro “Les Trente Glorieuses ou la révolution invisible de 1946 à 1945” (1980) e define um período de forte crescimento económico.

20. Tradução: “Medidas para aumentar o número de empregos dos trabalhadores, facilitando a construção de casas para os mesmos” Artigo disponível online em <http://www.gazzettaufficiale.it/eli/id/1949/03/07/049U0043/sg>

21. Amintore Fanfani foi ministro do Trabalho e da Providência Social no IV e V governo de De Gasperi, de Maio de 1947 a Janeiro de 1950. Era professor universitário da Cattolica di Milano e um estudioso da economia durante o fascismo. (Di Biagi, 2010, pp. 34-35)



Fanfani, visava combater o desemprego e a crise habitacional provocados pelos terríveis fardos da guerra, do fascismo, do subdesenvolvimento e da pobreza em Itália, através do desenvolvimento do setor da construção. Esteve ativo durante dois períodos de sete anos, entre os anos de 1949-1963. Fanfani contou, numa entrevista à revista *Architettura-Cantiere*, em 1957, que o plano para a construção de habitação para os trabalhadores através da promoção de empregos foi algo que sempre ambicionou desde a sua entrada no ministério. (Di Biagi, 2010, p. 11).

Devido à urgente necessidade de atuação e, considerando o tempo que se iria depender para a criação de uma nova entidade complexa e burocrática, optou-se pela instituição de uma organização nacional diretamente relacionada com o *Istituto Nazionale di Assicurazione* (INA). O INA era presidido por Annetto Puggioni, autor de várias propostas ligadas ao tema da habitação social, incluindo uma proposta sem sucesso, similar ao Plano Ina-Casa, apresentada ao primeiro ministro De Gasperi dois anos antes.

A estrutura organizativa do Ina-Casa era composta por dois organismos fundamentais: *Comitato di Atuazione* e a *Gestione Ina-Casa*. Filiberto Guala (1907-2000) liderava o *Comitato di Attuazione*, um órgão legislativo e deliberante que lidava com os regulamentos, distribuição de fundos e de tarefas, e da supervisão no geral.<sup>22</sup> A cargo de Arnaldo Foschini (1884-1968) estava a *Gestione Ina-Casa*, um órgão autónomo com poderes jurídicos encarregue das questões ligadas ao urbanismo e arquitetura, assim como da supervisão das repartições.<sup>23</sup> A *Gestione* incluía uma subdivisão, *Ufficio Architettura*, coordenada por Adalberto Libera até 1952, a partir da qual era feita a triagem dos projetos e a seleção dos arquitetos.

O Plano Ina-Casa de Fanfani baseou-se em duas propostas feitas anteriormente acerca do tema da habitação social, mas nunca postas em prática: num plano

---

22. Filiberto Guala era mestre em engenharia, presidente do San Vincenzo de Paoli de Torino e ligado ao grupo de católicos (Di Biagi, 2010, p. 14)

23. Arnaldo Foschini era o presidente da Facoltà di architettura di Roma e dirigente da associação dos arquitetos (*Ibidem*)

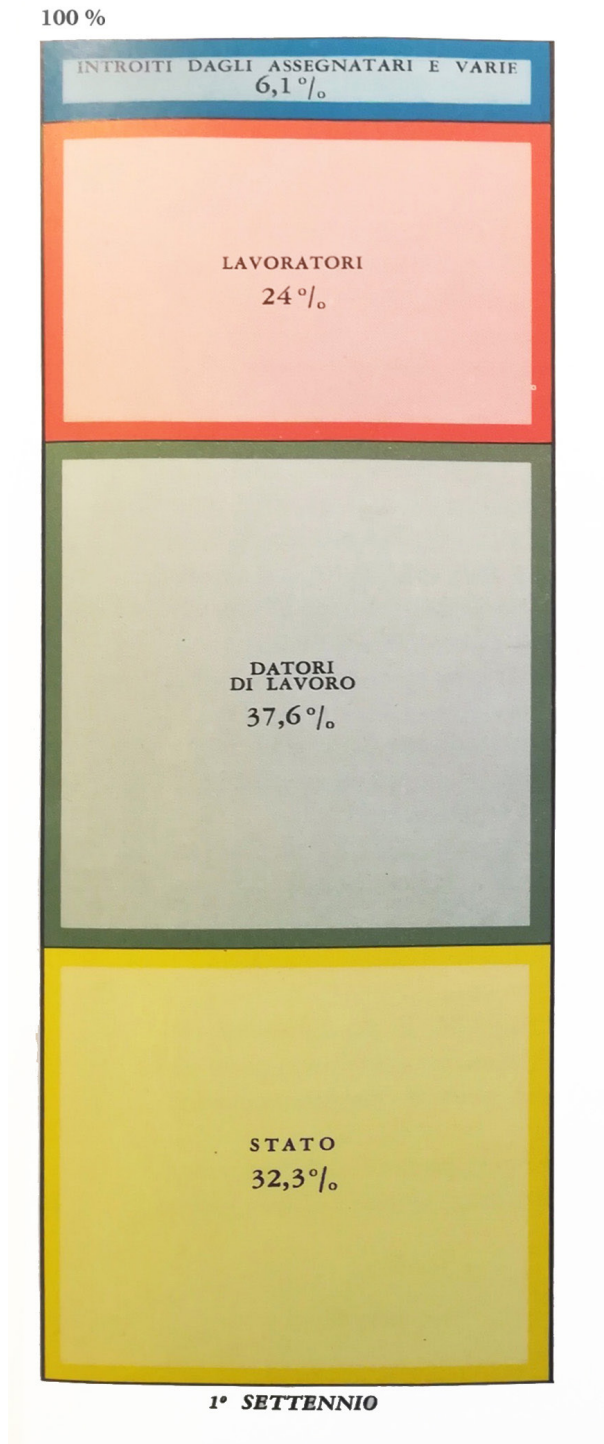


Figura 83. Total das contribuições feitas ao Plano Ina-Casa



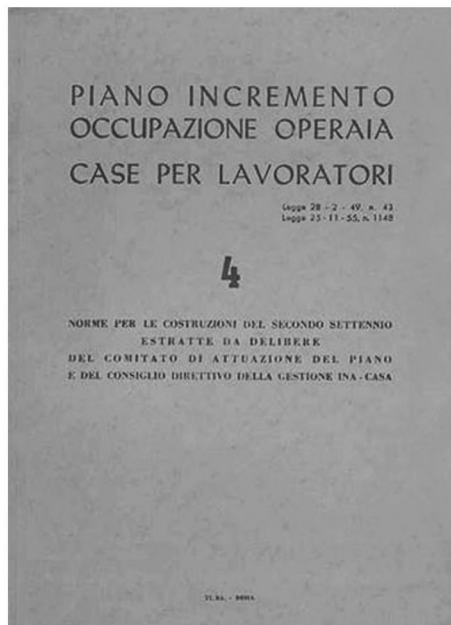
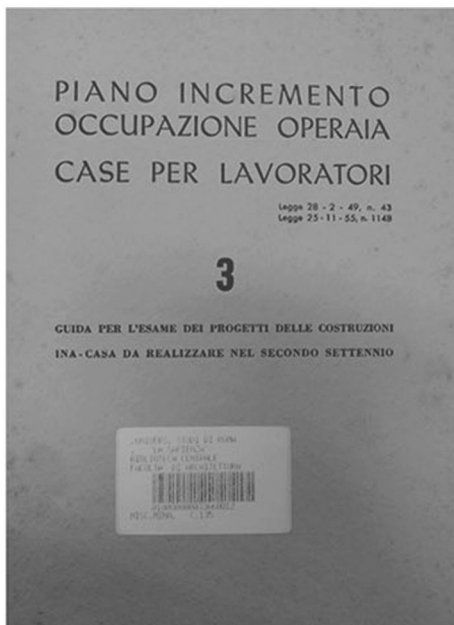
da autoria de Puggioni, projetado em 1947, e num ensaio por Piero Bottoni, em 1945, intitulado de “La casa a chi lavora” (Di Biagi, 2010, pp.36-39). Puggioni propunha um mecanismo de financiamento para a construção de habitação através da criação de um plano de seguros. Passava pela recolha de impostos aos trabalhadores para a construção de alojamentos que, passados 25 anos, lhes seriam entregues. O ensaio de Bottoni propunha a construção de alojamentos para trabalhadores, financiada através da parceria entre trabalhador e empregador que contribuíam com uma quota de 25% cada e o Estado com uma quota de 50%. Neste último caso, a habitação era assumida permanentemente como propriedade do estado.

No que diz respeito ao Plano Ina-Casa, segundo o artigo 5 da lei nº 43, o plano seria financiado através de um sistema “misto”, a fundo perdido, contando com contribuições obrigatórias do Estado, dos trabalhadores e das entidades patronais. (Di Biagi, 2010, p. 11). No que diz respeito aos trabalhadores, a sua contribuição correspondia a 0.60% do seu salário mensal líquido, havendo uma redução da percentagem para 0,40% para chefes de família que tivessem a seu cargo mais de 3 pessoas comprovadamente impossibilitadas de trabalhar. As entidades patronais contribuíam com 1.20% do valor pago aos seus funcionários. O Estado contribuía com 4,20% do total das contribuições referidas anteriormente e, segundo o artigo 22 da lei nº 43, durante 25 anos contribuía também com 3,20% do custo de cada alojamento construído nos primeiros sete anos do plano.

Em Dezembro de 1948, foram criadas comissões regionais que tinham como objetivo lidar com as candidaturas e os processos de seleção para a obtenção de casa. “Deve lembrar-se, no entanto, que o alojamento construído sob o plano se destina exclusivamente aos trabalhadores que contribuem para o mesmo,”<sup>24</sup> (Sotgia, 2010, p. 70) ou seja, apenas os trabalhadores que prestavam os seus serviços à comunidade e que pagavam as contribuições

---

24. Citação original: “È bene ricordare, tuttavia che gli alloggi realizzati dal piano sono destinati esclusivamente ai lavoratori che vi contribuiscono,”



impostas pelo plano podiam candidatar-se. Estas famílias passariam, ainda, por um processo de avaliação das suas condições atuais.

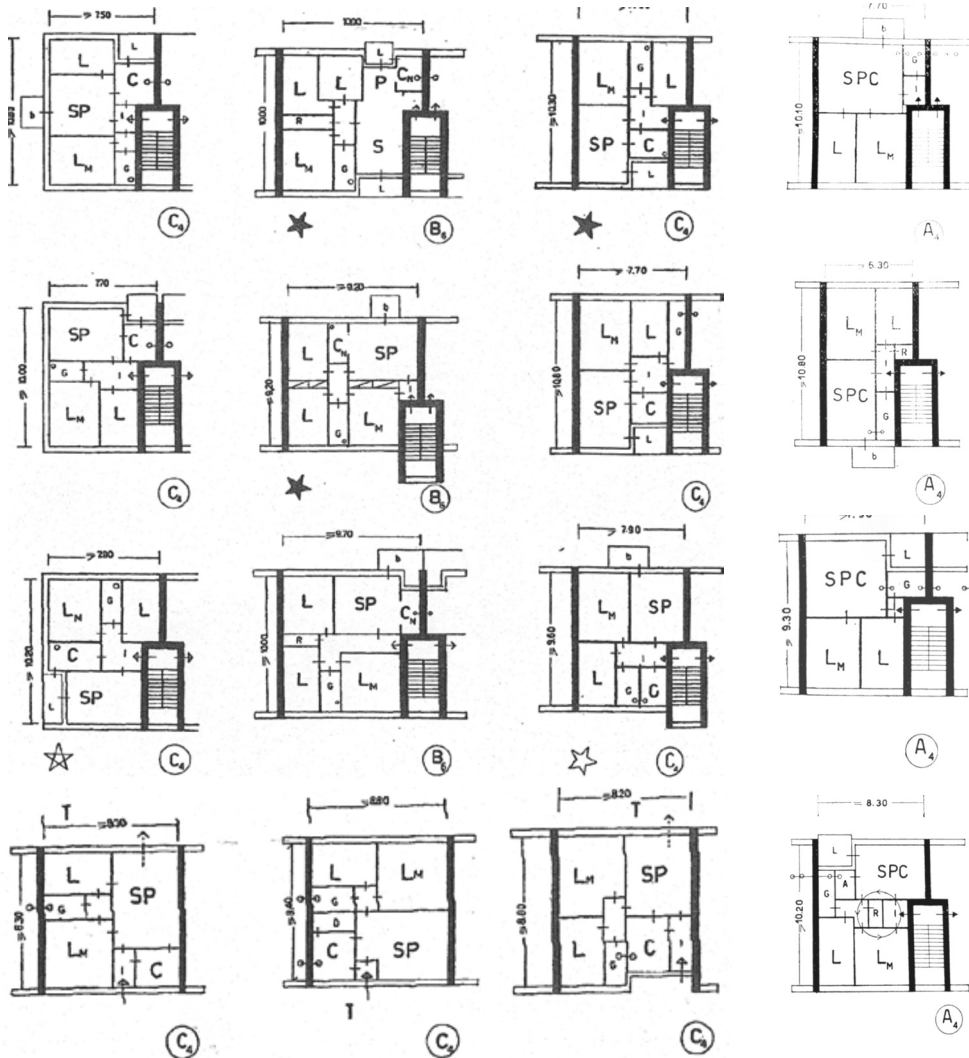
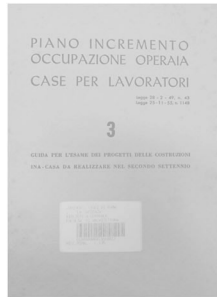
A primeira seleção passava por perceber as necessidades relativas à falta de alojamento ou habitação imprópria: se havia algum procedimento de despejo em andamento, se o alojamento presente era higiénico, se a distância ao local de trabalho era de mais de duas horas, se as casas se encontravam danificadas, se a família vivia em sobrelotação ou coabitação e se tinha havido separação do núcleo familiar. (*Ibidem*). A partir da classe de necessidade que lhes fosse atribuída, era ainda analisada a situação de rendimentos dos trabalhadores, o número de membros do aglomerado familiar sem trabalho remunerado e, ainda, se tinha havido perda de casa durante a guerra. (Sotgia, 2010, p. 71) Era-lhes dada uma classificação e, com base nos critérios de necessidade, atribuída uma casa com contrato de aluguer ou de compra em parcelas, com entrega imediata. Este contrato permitia a atribuição da casa como propriedade ao morador, após 25 anos de cumprimento da renda. Havia, ainda, a possibilidade de efetuar pagamentos para além dos mensais obrigatórios de modo a reduzir os anos de dívida.

### **2.3. Os manuais do INA-Casa**

paradigma de uma arquitetura humanista

Para que o Plano Ina-Casa fosse rapidamente posto em prática e obtivesse a qualidade pretendida, foi produzido um **conjunto de quatro manuais que definia os critérios de configuração dos novos bairros, definia princípios e, conseqüentemente, orientava os arquitetos no desenho da arquitetura residencial italiana**. Libera foi o responsável pelos dois primeiros manuais, que apelavam a um estudo do problema local, onde os detalhes técnicos e arquitetónicos fossem aprofundados tendo em consideração o meio onde estavam inseridos, nos quais se descartavam as soluções-tipo. Renato Bonneli, um dos arquitetos que trabalhava com Libera no Ufficio Progetto, diz-nos que houve a necessidade de criar estes manuais no sentido de “(...) ensinar





80 **Figura 85.** Piano Incremento Occupazione Operaia. Case per Lavoratori, VOL. 1. Suggerimenti, norme e schemi per la elaborazione e presentazione dei progetti. Bandi dei Concorsi  
**Figura 86.** Esquemas de organização tipológica das habitações

um método, de reeducar os arquitetos, iniciando-os num novo caminho profissional.”<sup>25</sup> (Pilat, 2016, p. 34).

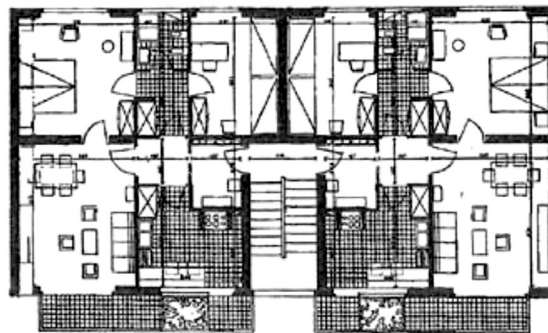
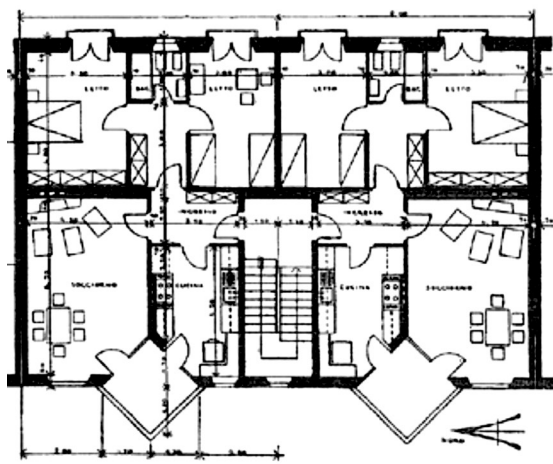
Nos dois primeiros manuais, de título, *1. Suggestimenti, norme e schemi per la elaborazione e presentazione dei progetti: Bandi dei Concorsi*, e *2. Suggestimenti, esempi e norme per la progettazione urbanística: Progetti tipi*. era apresentado um conjunto de sugestões e de normas que passavam pelas várias opções de desenho e construção, que deveriam ser livremente interpretadas, de modo a evitar a excessiva homogeneidade entre propostas. Ambos serviam de guia para os arquitetos durante o primeiro septénio do plano.

Publicado em 1949, o primeiro manual, popularmente conhecido como *idealtipi*, foca-se especialmente na organização tipológica das habitações e na sua distribuição funcional. Uma das primeiras recomendações que encontramos neste manual é relativamente à implantação da casa. Esta deve ser sólida na sua estrutura, tecnicamente perfeita na sua implantação e cuidada nos seus acabamentos, de modo a limitar as despesas de manutenção ao mínimo possível. Relativamente ao seu interior, a distribuição dos espaços agregativos deve ser cuidadosamente estudada, assim como a disposição dos móveis, de modo a proporcionar um ambiente acolhedor e o melhor usufruto possível dos espaços internos da casa.

Este estudo deu origem a 81 esquemas, em relação aos quais o arquiteto deve ser crítico, que ilustram algumas soluções de organização interna dos apartamentos e de distribuição dos conjuntos habitacionais, acompanhados de breves notas. Estes esquemas são agrupados por quatro tipos de habitação: edifício contínuo de vários andares com dois apartamentos por piso, edifício isolado de vários andares com dois apartamentos por piso, casa em banda de um piso e casa em banda de dois pisos. (1. Suggestimenti, norme e schemi per la elaborazione e presentazione dei progetti: Bandi dei Concorsi, 1949, p. 13). Aconselhava-se que os arquitetos tivessem em conta os hábitos de vida que

---

25. Citação original: “(...) teach a method, to re-educate designers, initiating them on a new professional course.”



82 Figura 87 e 88. Diferentes exemplos de soluções para edifícios contínuos de vários pisos (planta, alçado e desenho perspético)



se expressavam nas formas de uso entre os espaços diurnos (cozinha, sala de estar e sala de jantar), e a capacidade do apartamento, que variava entre 1, 2 ou 3 quartos de dormir. Para a disposição dos espaços diurnos, os manuais apresentavam três configurações: cozinha isolada da sala de jantar e de estar; cozinha em nicho, onde havia uma pequena separação da sala de estar e de jantar; e cozinha, sala de estar e sala de jantar num único ambiente.

As notas que acompanham os esquemas são encaradas como conselhos práticos específicos a cada uma das diferentes organizações tipológicas que o arquiteto pretenda adotar e que se referem à importância da exposição solar, ventilação, a distinção de espaço noturno e diurno, criação de espaços de arrumação, entre outros aspetos. É ainda referido que o desenho da casa deve contribuir para a formação do ambiente urbano “tendo em mente as necessidades espirituais e materiais do homem, do homem real e não de um ser abstrato.”<sup>26</sup> (1. Suggestimenti, norme, e schemi per la elaborazione e la presentazione dei progetti: Bandi dei concorsi, 1949, p. 10). Para reforçar a necessidade de se atender ao problema específico do local, é recomendado, para além do estudo dos esquemas apresentados, “estudar outros, principalmente tendo em consideração aquelas que são as necessidades dos vários lugares de Itália,”<sup>27</sup> (*Ibidem*, p.13) permitindo alguma liberdade ao projetista. O objetivo era o aproveitamento e a valorização das tradições locais e regionais, tirando partido do clima, da topografia, dos espaços verdes, dos materiais locais, analisando com particular atenção as características locais onde a habitação se ia inserir, além dos hábitos de vida dos futuros habitantes, de modo a encontrar a melhor solução para o lugar e população em questão.

É possível ver no Tuscolano III, projetado por Libera, a aplicação das orientações presentes neste primeiro manual, do qual foi coautor. Conseguimos

26. Citação original: “tenendo presente i bisogni spirituali e materiali dell’uomo, dell’uomo reale e non di un essere astratto.”

27. Citação original: “di studiare altri, tenuto principalmente conto di quelle chi sono le esigenze delle diverse località d’Italia”

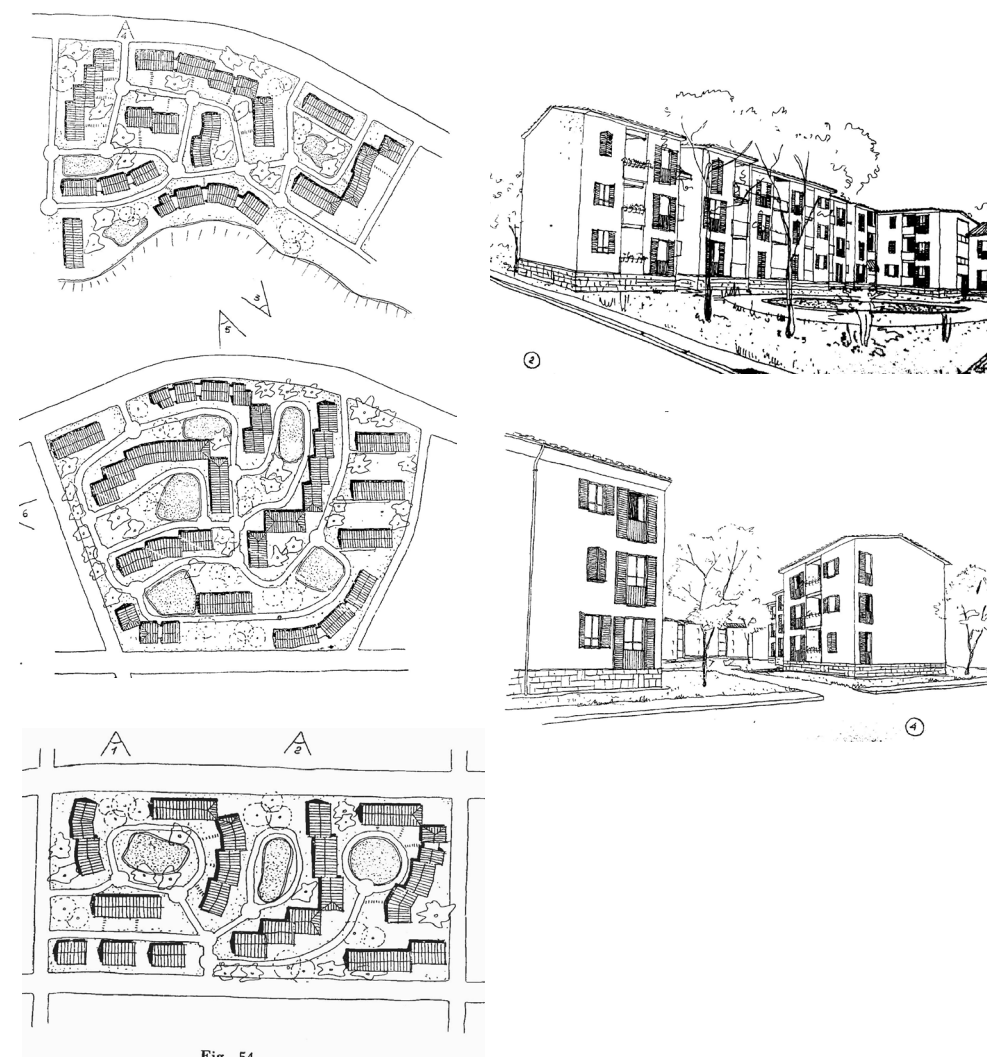
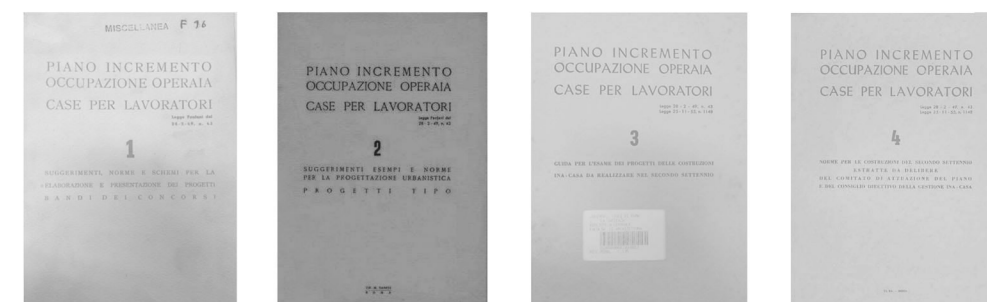


Figura 89. Piano Incremento Occupazione Operaia. Case per lavoratori, VOL. 2. Suggestimenti esempi e norme per la progettazione urbanistica. Progetti tipo  
 Figura 90. Diferentes tipos de articulação para a composição de um bairro  
 Figura 91. Desenhos perspéticos do complexo ilustrado na figura. 90

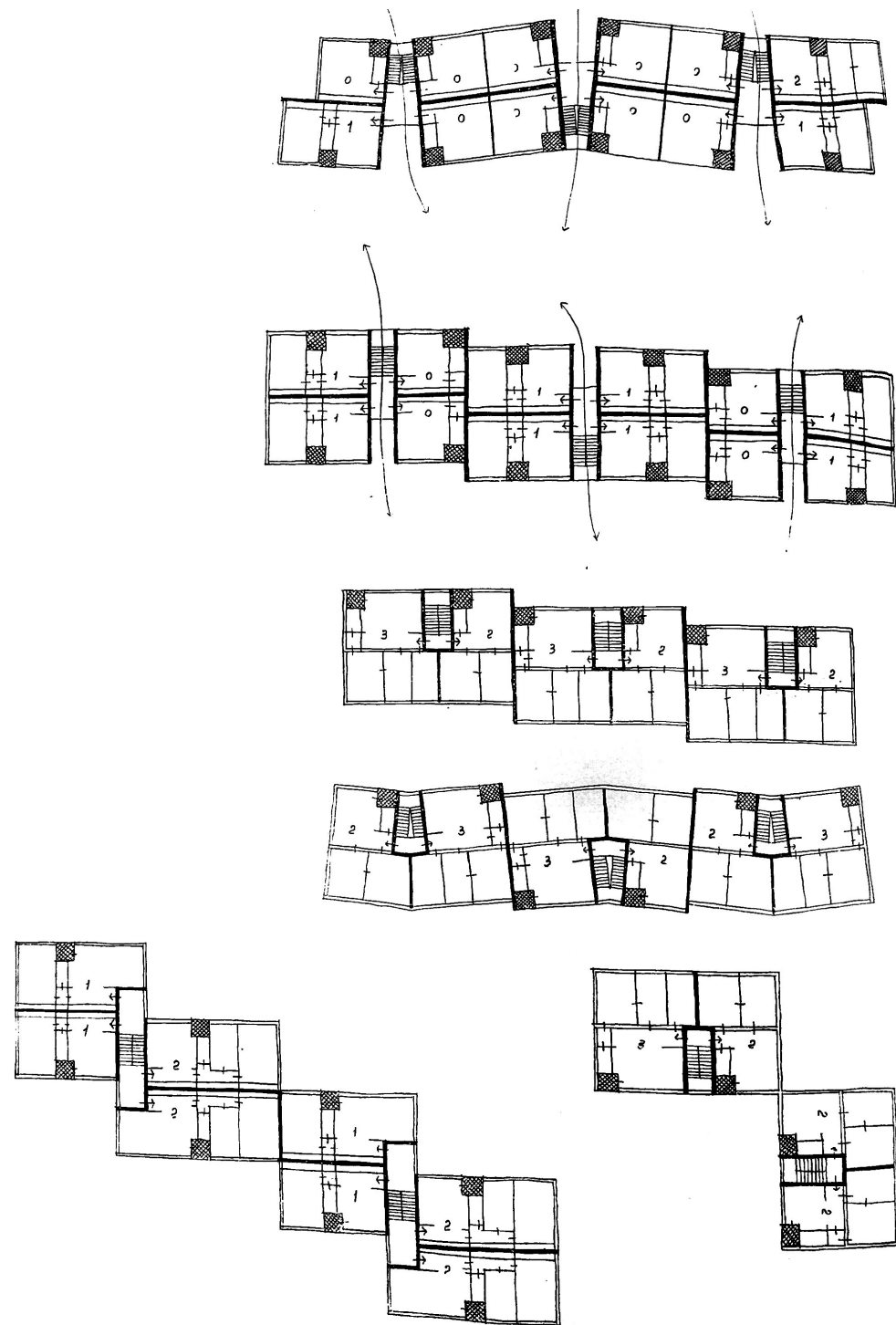


Figura 92. Esquemas planimétricos que ilustram as diferentes formas de agregação de casas em banda de um piso

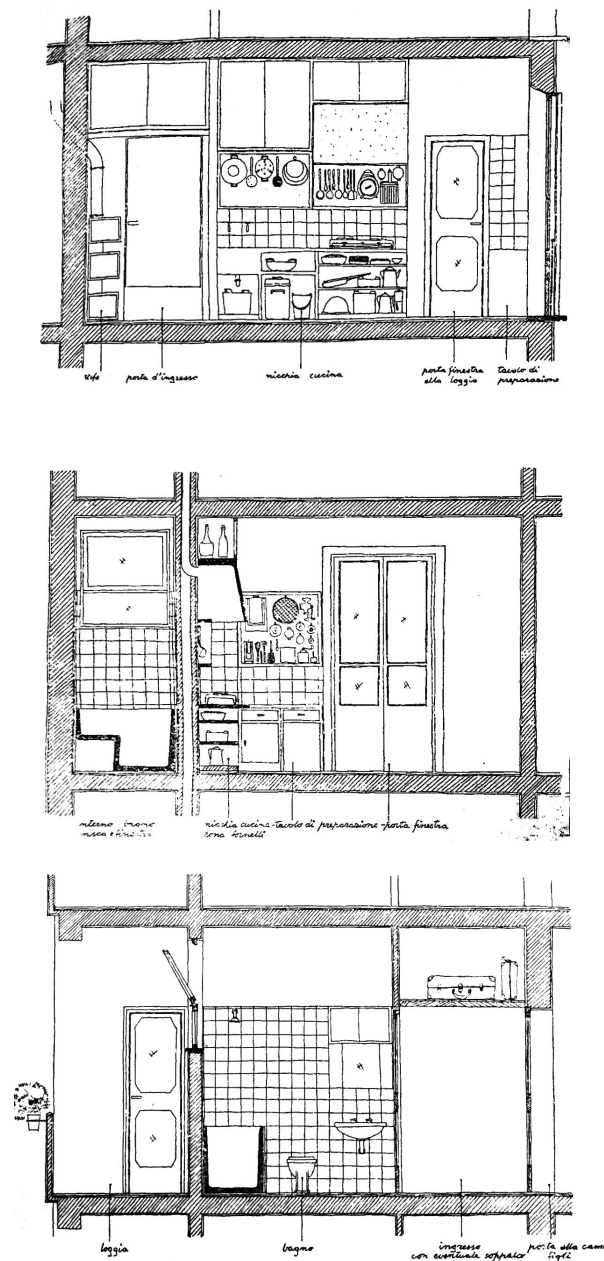


Figura 93. Estudo do funcionamento de uma cozinha e de uma casa de banho

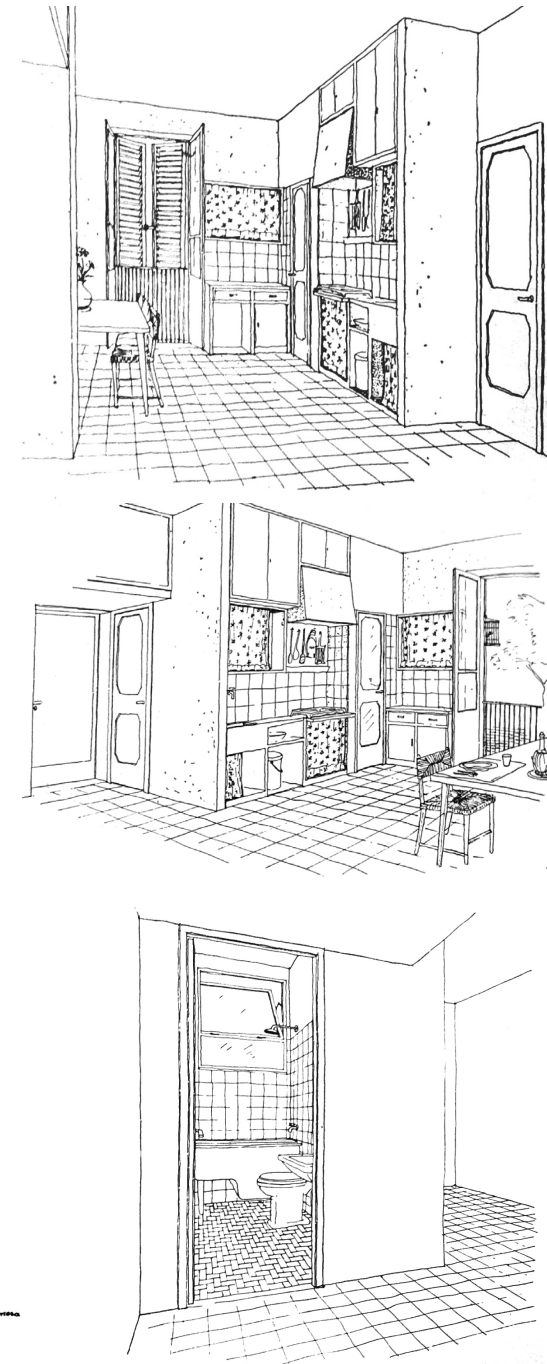


Figura 94. Desenhos perspécticos. Estudo do funcionamento de uma cozinha e de uma casa de banho

reconhecer no seu projeto a distribuição funcional dos espaços agregativos, comuns, a preocupação com o ambiente acolhedor, com o usufruto otimizado dos espaços, o respeito pelos hábitos de vida dos futuros moradores, além da importância dada à exposição solar. Trata-se de projetar casas tendo em consideração, como foi acima referido, as necessidades do ser humano que as iria habitar e não de um ser abstrato.

Publicado em 1950, o segundo manual, conhecido como *esempio*, foi estruturado por Libera e Mario Ridolfi e trata o planeamento urbano dos bairros. É iniciado com uma regra fundamental que deve servir de base para todos os projetos: “limitar a densidade dos novos edifícios num máximo de 500 habitantes por hectare.”<sup>28</sup> (2. Suggestimenti, esempi e norme per la progettazione urbanística: Progetti tipi, 1950 p. 7). Ao controlar a densidade populacional, seria também possível controlar alguns aspetos de higiene, criminalidade e sobrelotação que estiveram muito presentes na Itália de então. A implantação dos bairros podia ser feita de duas formas: “a) construção de um centro isolado ou semi-isolado, com a presença de um fator paisagístico predominante ou significativo” e “b) criação de um novo bairro como expansão em contacto ou ligado a um núcleo histórico antigo”<sup>29</sup> (2. Suggestimenti, esempi e norme per la progettazione urbanística: Progetti tipi, 1950, p. 9).

A partir destes dois tipos de abordagem, seguem-se 21 regras de atuação, tendo sempre em atenção que a relação dos bairros novos com os existentes devia ser cuidadosa, proporcionando alguma continuidade urbana e visual entre os mesmos. São também apresentados esquemas de como as regras podiam ser aplicadas em apartamentos, edifícios e na sua agregação em unidades habitacionais. Devido à vontade de relacionar o espaço exterior

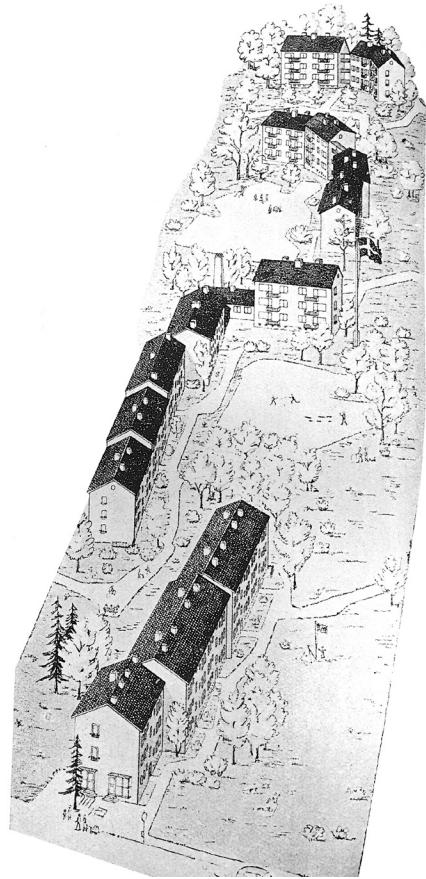
---

28. Citação original: “limitare la densità dei nuovi complessi edilizi entro un massimo di 500 abitanti per ettaro.”

29. Citação original: “a) edificazione di un centro isolato o semi-isolato, in presenza di un fattore predominante o notevole di paesaggio” e “b) creazione di un nuovo quartiere come espansione direttamente a contatto o collegata ad un vecchio nucleo storico”.



“Note-se como é feliz o arranjo destes grupos de casas, destinado a construir ambientes arquitetônicos recolhidos, a criar vistas agradáveis em perspectiva, compondo sempre os elementos do edifício com a vegetação e a natureza.” (Rassegna Critica di Architettura n. 5)



Amsterdam. - Porzione di prospetto sul « Canale dei Signori ».



Copenhaga - Parte della fronte sul Canale.

**Figura 95.** Habitação para operários em Sandviken, Suécia

**Figura 96.** Exemplos de associações espontâneas de edifícios expostos ao longo de uma rua, onde os elementos singulares se assumem como um todo. Exemplos de Amsterdão e Copenhaga.

com o doméstico, a unidade residencial, aqui entendida como bairro autossuficiente, era a solução adotada para a tipologia dos bairros. Estes deviam ser desenhados de modo a serem providos de estruturas viárias e de todos os serviços básicos tais como escolas, mercados, centros de saúde, igrejas, etc., de modo a que não fosse necessária a deslocação ao centro da cidade.

Os custos da construção dos bairros deviam corresponder às exigências impostas, nunca comprometendo a qualidade habitacional. De modo a qualificar a vida dos residentes ao ar livre, recomendava-se a inclusão de zonas verdes em abundância, espaços de convívio e ruas largas que permitissem a entrada do sol. “O espaço entre a rua e a casa é destinado à horta e ao jardim, mas sobretudo ao espaço “para estar ao ar livre”<sup>30</sup>. (2. Suggestimenti, esempi e norme per la progettazione urbanistica. Progetti tipi, 1950, p. 42). Este espaço ao ar livre era, aliás, um aspecto central da organização da casa e do bairro, “intimamente ligado à casa, [que] pode ser considerado como a sua primeira divisão”<sup>31</sup> (*Ibidem*). Era também importante que houvesse uma boa relação entre vizinhos, o que se iria traduzir no bem-estar psicológico dos moradores. A topografia do lugar não devia ser alterada, e a escolha do sistema construtivo e a sua adaptação ao esquema distributivo devia ser tida em consideração, bem como a escolha dos materiais. Como refere José António Bandeirinha (2011, p. 55), a maior parte dos projetos realizados pelo Ina-Casa encontra a sua imagem no imaginário popular, recorrendo também às técnicas construtivas artesanais, nomeadamente ao uso do ferro forjado e abobadilhas à romana.

Neste manual, são ainda apresentadas referências e modelos para os futuros bairros do Plano. Estes são maioritariamente projetos realizados no Norte da Europa, mais especificamente em Copenhaga, Dinamarca, Suécia e

---

30. Citação original: “Lo spazio tra la strada e la casa è destinato ad orto e giardino ma, soprattutto, a spazio “per stare all’aperto” ”.

31. Citação original: “intimamente legato all’alloggio, [che] può essere considerato come la prima stanza della casa”





Finlândia, onde a linguagem e soluções são o produto de um pensamento humanista, onde é praticada uma arquitetura preocupada com os cidadãos e com os espaços coletivos. (Di Biagi, 2010, p. 254).

Como produto final dos manuais apresentados, surgem variados bairros por toda a Itália desenhados a pensar nas questões sociais, na qualidade de vida do morador e na relação entre o edifício e o espaço exterior, e entre bairro e cidade. Podemos destacar o *quartiere di Valco San Paolo*, o *quartiere Tiburtino* (1950-54), o *quartiere Tuscolano* (1950-60), e a Unidade de Habitação de Adalberto Libera (1950-54), que corresponde ao Tuscolano III. Este último, objeto do nosso estudo, é um exemplo de um bairro construído junto de outro já existente, onde é perceptível que o planeamento urbano do bairro previu o controlo da densidade populacional, sendo incluídas zonas verdes, espaços de convívio e ruas largas por onde o sol pode penetrar. Da mesma forma, são desenhados espaços destinados a pequenas hortas e jardins, além dos pátios, espaços de excelência “para estar ao ar livre.” É, ainda, dotado de estruturas viárias que possibilitam o acesso a todos os serviços básicos e o fácil acesso ao centro da cidade.

A 26 de Novembro de 1955, com a lei nº 1148 “*Proroga e ampliamento dei provvedimenti per incrementare l’occupazione operaia agevolando la costruzione di case per lavoratori*” o plano foi renovado por mais sete anos, o que permitiu uma reformulação dos manuais, assim como do processo de seleção para a aquisição de habitação. Após bastantes reclamações por parte dos trabalhadores, percebeu-se que a maior parte da habitação estava a ser atribuída às famílias que migravam do *Mezzogiorno* para as zonas do Norte e Centro. Como consequência das críticas ao plano, as classes de necessidade anteriormente referidas acerca da distribuição da habitação no primeiro septénio foram restruturadas. Passou a ser avaliada a situação de desemprego e de sobrelotação habitacional de cada família e foram, ainda, atribuídos pontos adicionais a quem residisse há mais tempo no município para onde se pretendia candidatar. Mas a grande mudança que esta lei trouxe



foi a possibilidade de trabalhadores ou cooperativas de trabalhadores, que possuíssem alguma poupança ou rendimentos, participar livremente no Plano Ina-Casa e reservar uma casa a partir do pagamento de uma parte do seu valor total. Isto permitia que a casa lhes fosse atribuída num período de 10 ou 15 anos, em vez dos 25 inicialmente estipulados, referidos no primeiro septénio. (Anguissola, 1963, p. xiii).

Outra melhoria significativa nesta segunda fase do plano foi a possibilidade de correção, nos novos projetos, de algumas questões mal resolvidas durante o primeiro septénio. Estes pontos fracos foram identificados através da aplicação de questionários aos moradores da primeira fase do plano, “a fim de fazer com que as casas construídas pelo Ina-Casa correspondessem da forma mais próxima possível às necessidades reais dos trabalhadores a quem se destinam,”<sup>32</sup> (3. Guida per l’esame dei progetti delle costruzioni Ina-Casa da realizzare nel secondo settenio, 1956, p. 5)

Como refere Anguissola:

“O planeamento devia respeitar a individualidade, de modo que cada cessionário fosse capaz de reconhecer a sua casa à distância, entre todas as outras, onde entrasse e se sentisse à vontade, num ambiente adequado às suas necessidades, onde adquirisse o gosto das coisas bem feitas e a alegria de viver em família”<sup>33</sup>

(Anguissola, 1963, p. xvii)

As respostas foram analisadas e separadas em problemas funcionais e construtivos de maior ou menor importância, com o objetivo de os resolver nas construções futuras.

Com base na experiência dos moradores do primeiro septénio foi formulado

---

32. Citação original: “Allo scopo di fare aderire il più possibile le case costruite dall’INA-Casa alle reali esigenze dei lavoratori cui sono destinate,”

33. Citação original: “La pianificazione doveva rispettare l’individualità, perché ciascun assegnatario fosse in grado di riconoscere da lontano, fra tutte le altre, la propria casa, ed entrandovi si trovasse a suo agio, in un ambiente adatto alle sue esigenze, e vi acquistasse il gusto delle cose bene fatte e la gioia di vivere in famiglia.”





DIFESA TERMICA: tabella riassuntiva dei valori da raggiungere

CLIMA	Strutture		Coperture		Pavimenti a piano terra e vanti disabitati	Infissi
	Opertura in muratura	Opertura in c. a. e tamponamenti leggeri	Piano o leggermente inclinate (e solai)	a tetto		
<b>FREDDO</b> Temperatura media del mese più freddo, generalmente gennaio, non superiore ai 4°C sopra zero (Alta Italia, Appennini). Deve essere previsto il riscaldamento di tutti gli ambienti, sufficiente ad assicurare una temperatura media di 16°C (da 14°C a 18°C secondo l'uso dei locali). Sia per esigenze igieniche sia per ridurre la spesa d'impianto e di esercizio del riscaldamento vanno accuratamente isolate contro l'eccessiva dispersione termica tutte le strutture perimetrali, i parapetti delle finestre, il coperto, i pavimenti a piano terreno o al rialzato se soprastante a vanti disabitati.	Resistenza termica totale (R) delle murature di perimetro pari almeno ad 1. A tale misura di resistenza corrisponderebbe, nella muratura tradizionale di mattoni pieni lo spessore di 55 centimetri ed in quella di pietrame pesante (siliceo o calcareo) circa il doppio, spessori entrambi economicamente e costruttivamente inaccettabili. Per ottenere la resistenza termica suddetta eguale ad 1 è indispensabile derogare dalle consuetudini costruttive locali ed integrare le murature perimetrali tradizionali, compresi i parapetti delle finestre, con contropareti e pannelli isolanti. Possono, a volte, essere necessarie contropareti in agglomerati leggeri oppure in laterizi forati a due o più serie di fori. Nella muratura perimetrale non debbono ricorrevi incassi, nicchie, armadi a muro.	Resistenza termica totale dei tamponamenti di perimetro pari almeno ad 1. Incassi, nicchie, armadi a muro non devono essere ricorrevi nelle murature di perimetro.	Resistenza termica complessiva della struttura coprente non inferiore ad 1,1, da ottenersi con proporzionato spessore di caldama o massetto leggero (impasto di calce con gretoni, o pomiche, o scorie, ed elementi espansi) oppure con coibenti termici inorganici e non putrescibili in lastre o pannelli ubicati al disopra od al disotto del solaio, ed eventualmente con camere d'aria stagiate incorporate nella struttura, escluse quelle ricavate con controsoffitto in rete metallica e gesso.	Il complesso costituito dalla falda, dalla camera d'aria e dal sottotetto, deve raggiungere una resistenza termica totale non inferiore ad 1,1. Il controsoffitto in rete metallica e gesso o strutture plane analoghe, non praticabili, sono da escludere.	L'insieme costituito da pavimento e solaio oppure tavolato, o volmine deve avere una resistenza termica totale almeno uguale ad 1, da ottenersi eventualmente con massetti leggeri oppure con coibenti termici in lastra stratificata fra struttura portante e pavimento. I cuspidi di ghiaia o pietrame, o tufo sono da escludere, anche se rivestiti di stratificazione di sfalto.	Provvedere le finestre di avvolgibili oppure di persiane con aggiunta in tal caso di scuretti perfettamente aderenti in chiusura a gli sportelli a vetri. Ottenere protezione in ogni caso quella dei due vetri sullo stesso telaio quando il maggior costo può essere compensato da corrispondente contrazione dell'impianto di riscaldamento.
<b>TEMPERATO</b> Temperatura media del mese più freddo superiore ai 4°C. Il riscaldamento sarà, di regola, previsto soltanto se ad una temperatura media del mese più freddo non superiore ai 6°C si verifica una condizione molto sfavorevole di clima locale, quale la forte ventosità o la nebbia stagionale persistente o simili.	Resistenza termica totale (R) delle murature di perimetro, compresi davanzali delle finestre, pari almeno a 0,8. Per i quadranti nord e per le esposizioni sistematicamente soggette alla pioggia a vento integrare la resistenza termica fino ad 1, con contropareti o con pannelli isolanti. Evitare intonaci esterni di cemento liscio.	Resistenza termica totale dei tamponamenti di perimetro pari almeno a 0,8. Per i quadranti nord e per le esposizioni soggette alla pioggia a vento $R = 1$ .	Anche nel clima temperato è necessario ottenere per le coperture piane almeno $R = 1,1$ per difesa dagli eccessi di insolazione estiva.	Anche nel clima temperato è necessario ottenere per la copertura $R = 1,1$ per difesa dagli eccessi di insolazione estiva.	Valgono le stesse indicazioni che per il clima freddo, allo scopo di proteggere i locali dalla condensazione primaverile ed autunnale.	Provvedere le finestre di avvolgibili oppure di persiane con aggiunta in tal caso di scuretti perfettamente aderenti in chiusura a gli sportelli a vetri.

92 Figura 100. Piano Incremento Occupazione Operaia. Case per lavoratori, VOL. 3. Guida per l'esame dei progetti delle costruzioni Ina-Casa da realizzare nel secondo settennio.

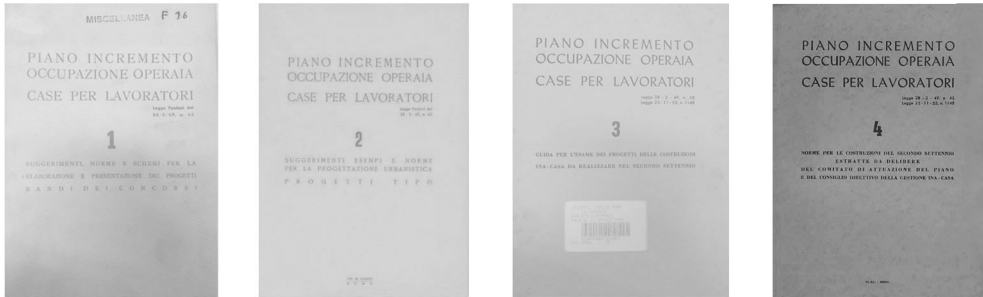
Figura 101. Tabela de objetivos a seguir a nível térmico nas novas construções do segundo septénio do Plano Ina-Casa

pela Gestione Ina-Casa, em 1956, um terceiro manual, *3. Guida per l'esame dei progetti delle costruzioni Ina-Casa da realizzare nel secondo settenio*. Como nos diz Libera, começou-se por resumir os estudos e as primeiras experiências urbanas do INA-Casa e, a partir daí, fazer uma revisão das regras apresentadas nos manuais anteriores, que se traduzisse em soluções para melhorar alguns elementos problemáticos e elaborar um guia prático, válido para um aperfeiçoado planeamento urbano. (Di Biagi, 2010, p. 111).

Este terceiro manual está dividido em categorias: edifícios, apartamentos, bairros e problemas construtivos. Uma das questões abordadas é o número de pisos nos edifícios habitacionais. Muitos dos moradores afirmaram que subir mais do que três pisos causava algum desconforto e sugeriram a aplicação de elevadores numa segunda fase do Plano. Devido aos custos que essa aplicação implicava, o limite para os bairros Ina-Casa passou a ser de três pisos, salvo algumas exceções devidamente justificadas pelos arquitetos e aprovadas pela Gestione Ina-Casa. Foram, então, introduzidos padrões urbanos que permitiram “proporcionalidade” aos bairros, como é referido no manual. Os apartamentos no piso térreo eram outra questão problemática: as janelas encontravam-se ao nível da rua, a humidade era elevada e o tempo do apartamento exposto ao sol era inferior ao dos outros pisos. (*3. Guida per l'esame dei progetti delle costruzioni Ina-Casa da realizzare nel secondo settenio*, 1956, p. 12). Deste modo, foram tomadas algumas providências e controladas algumas situações no que diz respeito aos apartamentos localizados no piso térreo, onde surgiram soluções que resolviam o problema da humidade e o alargamento das ruas, para que fossem garantidas mais horas de exposição solar, como por exemplo a elevação do piso pelo menos 60cm do nível do solo ou a colocação de caves. No entanto, como é referido no manual, “é preferível não construir habitação no piso térreo se as condições acima não puderem acontecer.”<sup>34</sup> (*3. Guida per l'esame dei progetti delle costruzioni*

---

34. Citação original: “è preferibile non costruire alloggi a piano terra, se le condizioni suddette non possono verificarsi”



94 **Figura 102.** Piano Incremento Occupazione Operaia. Case per lavoratori, VOL 4. Norme per le costruzioni del secondo settennio. Estratte da deliberare del comitato di attuazione del piano e del consiglio direttivo della Gestione Ina-Casa

**Figura 103.** Palazzina 101



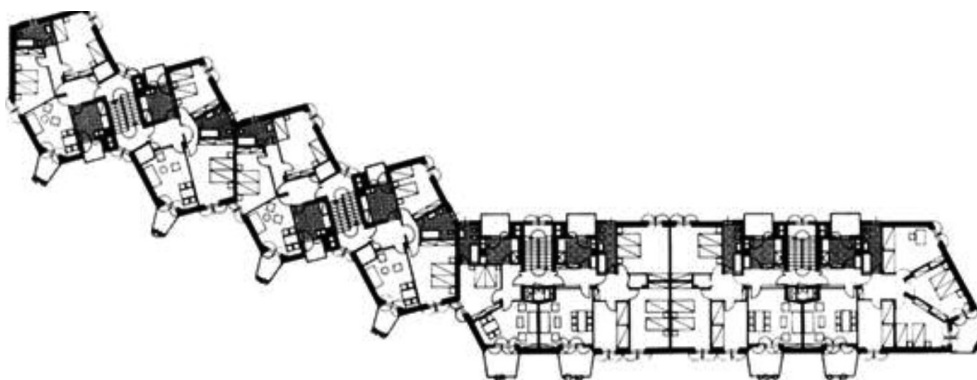
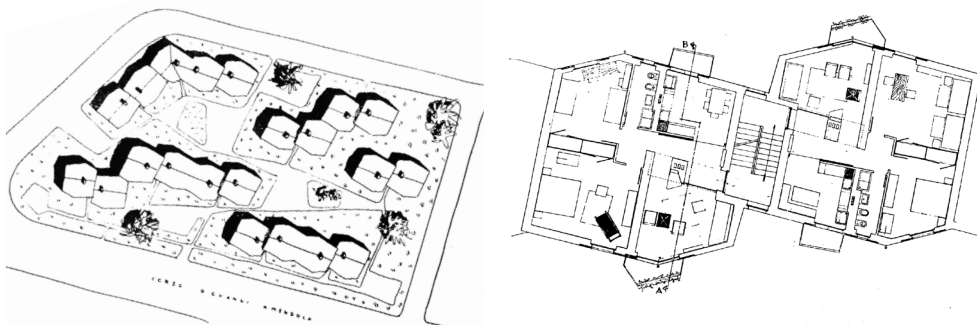
Ina-Casa da realizzare nel secondo settenio, 1956, p. 12). Os espaços internos sofreram também algumas atualizações: foi introduzida uma divisão para a lavanderia; o esquema de agregação dos espaços comuns, que no primeiro septénio podia ter três configurações diferentes, passou a funcionar com a sala de jantar e cozinha numa só divisão e a sala de estar noutra. Os móveis passaram a ser embutidos e desenhados pelos arquitetos e as divisões que inicialmente eram desenhadas com as dimensões mínimas, passaram a dispor de maiores áreas.

No edifício em altura, *Palazzina 101*, situado na zona central da Unidade de habitação do Tuscolano, podemos observar algumas destas regras. O prédio é composto por três andares de habitação e um piso térreo, elevado do solo de forma a permitir a circulação de pessoas e precaver a humidade. A zona que o circunda é ampla, verde e garante uma total exposição solar.

Em 1956 foi , ainda, publicado o quarto manual, *4. Norme per le costruzioni del secondo settenio. Estratte da deliberare del comitato di attuazione del piano e del consiglio direttivo della Gestione Ina-Casa*. Este apresenta uma análise da relação entre tipo de construção, áreas e custos aplicados às diferentes situações: projetos urbanos, edifícios, apartamentos e divisões.

Estes manuais configuram uma peça essencial e de grande importância na história do plano Ina-Casa, pois refletem o cuidado existente com as exigências coletivas, a dignidade e o bem-estar do futuro morador.

A 14 de Fevereiro de 1963 termina o segundo septénio do plano com a aprovação da lei n.º 60 “*Liquidazione del patrimonio edilizio della Gestione Ina-Casa e istituzione di un programma decennale di costruzione di alloggi per lavoratori*” e a gestão dos bairros é entregue a outros órgãos de gestão, nomeadamente a



- 96
- Figura 104.** Projeto para o 1º concurso do Ina-Casa, realizado por Michele Valori. Tipo de habitação com três apartamentos por piso
- Figura 105.** Projeto para o primeiro concurso do Ina-Casa para um edifício contínuo em Eboli, realizado por Federico Gorio
- Figura 106.** Projeto para o 1º concurso do Ina-Casa para um edifício do Tuscolano, realizado por Piero Barucci

GESCAL (Gestione Case Lavoratori).<sup>35</sup> Após 14 anos de atividade do Plano Ina-Casa, pode-se considerar que os objetivos estabelecidos no início foram alcançados. Construíram-se 1 920 000 fogos, correspondentes a 355 000 edifícios, que permitiram alojar muitas famílias. (Di Biagi, 2010, p. 17). De 1950 a 1962 foram empregadas 102 milhões de pessoas diretamente relacionadas com a construção dos bairros Ina-Casa, o que, devido aos vários setores envolvidos, contribuiu para uma restauração da economia nacional. (*Ibidem*).

#### **2.4. Os arquitetos do INA-Casa**

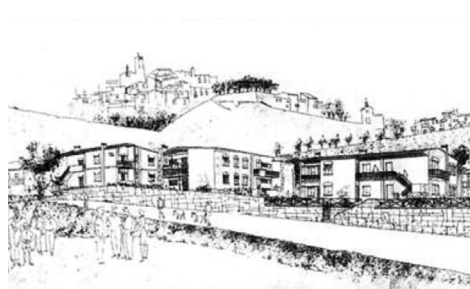
autores de uma arquitetura humanista

Em Outubro de 1949, foi realizado o primeiro de 31 concursos públicos por parte da *Gestione Ina-Casa*, no qual participaram 203 arquitetos e 137 engenheiros. (Di Biagi, 2010, pp.93-96). Propunha-se o desenvolvimento de quatro tipologias de baixo custo: edifício contínuo de vários andares com dois apartamentos por piso, edifício isolado de vários andares com dois apartamentos por piso, casa em banda de um piso e casa em banda de dois pisos, já apresentadas no primeiro manual (1. Suggestimenti, norme e schemi per la elaborazione e presentazione dei progetti: Bandi dei Concorsi, 1949, p. 13). Com este exercício pretendiam conhecer as várias opções de desenho dos participantes. Entre os selecionados encontramos nomes como Franco Albini, Giancarlo Di Carlo, Luigi Figini, Ludovico Quaroni, Gino Pollini, entre outros. Arquitetos como Adalberto Libera, Mario Ridolfi, Saverio Muratori, Mario De Renzi, autores das últimas duas fases do Tuscolano, não precisaram de se submeter a concurso, devido ao seu envolvimento na organização do Plano Ina-Casa. Estes concursos foram realizados apenas

---

35. A GESCAL era um fundo destinado à construção e à distribuição de casas para trabalhadores através de contribuições provenientes de trabalhadores, de empresas e do estado e foi constituído através do Plano Ina-Casa com a lei nº60 “Liquidazione del patrimonio edilizio della Gestione Ina-Casa e istituzione di un programma decennale di costruzione di alloggi per lavoratori.”





**Figura 107.** Prespétiva esquemática de um edifício contínuo de vários pisos para Termi apresentada por Mario Ridolfi no primeiro concurso do Ina-Casa

**Figura 108.** Desenho de casas em banda em Perugia apresentado por Diambra de Sanctis no primeiro concurso do Ina-Casa

**Figura 109.** Desenho de um bairro em Abruzzo apresentado por Piero Maria Lugli no primeiro concurso do Ina-Casa

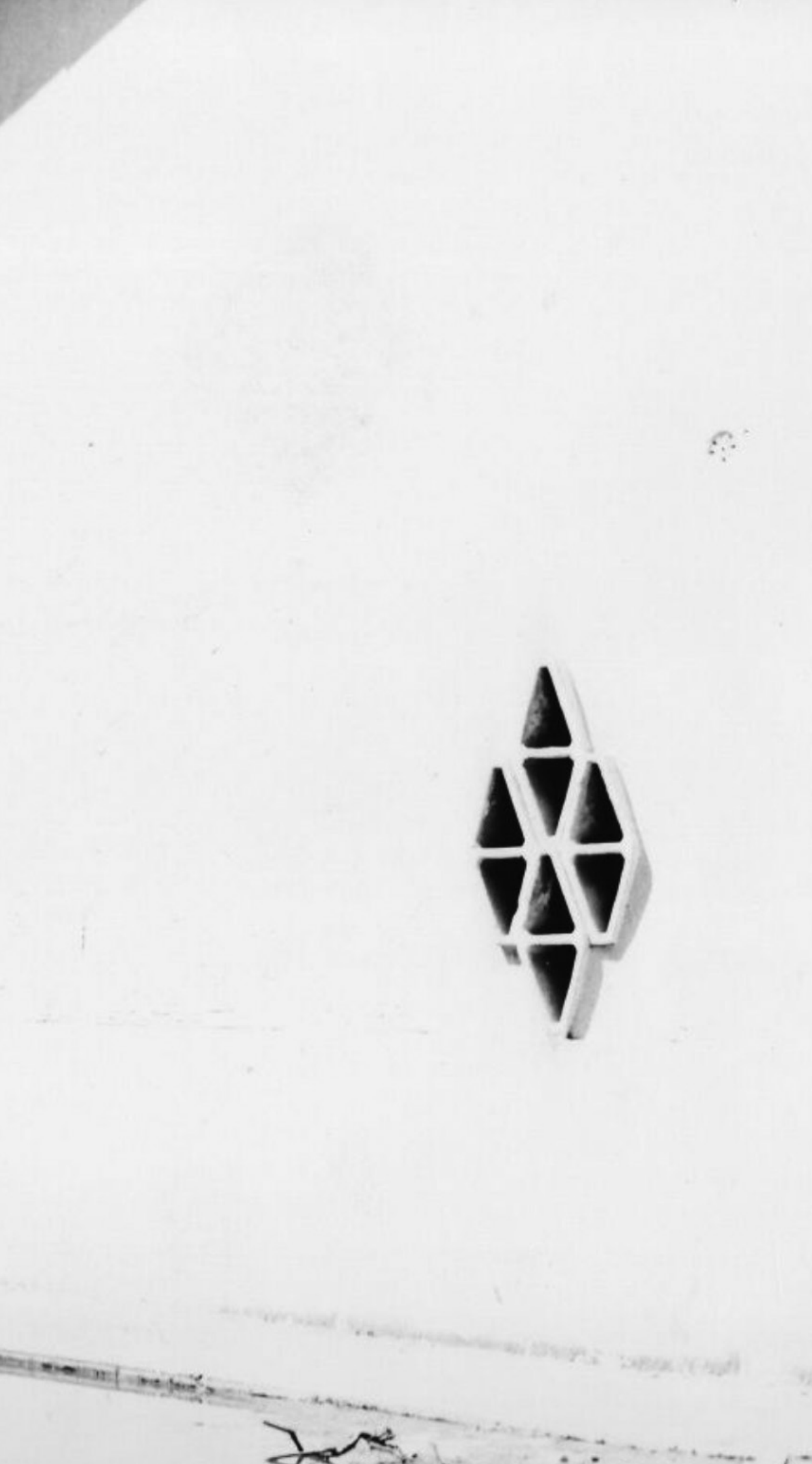
**Figura 110.** Desenho de um bairro em Ceccano apresentado por Alberto Gatti no primeiro concurso do Ina-Casa

durante os dois primeiros anos do plano, a partir dos quais foi possível obter uma lista de arquitetos para realizarem os projetos dos anos seguintes.

Daqui emergiu uma geração de arquitetos, que, inseridos numa política de *welfare*, se mostraram preocupados com as classes populares, com a história e tradição do lugar, em dar ênfase aos valores tradicionais do lar, da comunidade e da propriedade, em perceber o problema local e qual a melhor forma de intervir no território. O conhecimento e a prática de arquitetura destas personalidades à volta dos valores humanistas referidos constituíram certamente uma experiência educativa de valor para estes arquitetos. Alguns deles foram vozes ativas na crítica ao movimento moderno, que aconteceu com os Team 10, como veremos a seguir, como é o caso de Giancarlo Di Carlo.







### 3 | Enquadrando a arquitetura humanista



### **3. Enquadrando a arquitetura humanista**

através da revisão ao Movimento Moderno

Continuando a nossa busca pela compreensão desta “arquitetura humanista”, de que é exemplo o Tuscolano III, passemos a perceber o momento/debate arquitetônico em que o bairro se integra.

Vamos considerar alguns momentos importantes do Movimento Moderno, perceber qual a sua importância e de que forma os seus postulados foram postos em causa para a formação de uma corrente arquitetônica que surge, não em oposição a este movimento, mas na adaptação das suas características ao ambiente local e às pessoas. Essa corrente arquitetônica tem o seu expoente em Itália através do movimento neorrealista, movimento abrangente que influenciava já a pintura, o cinema e a literatura. Mais tarde, esta experiência passa para o campo e do urbanismo e da arquitetura.

#### **3.1. Para uma definição do Movimento Moderno**

É na exposição *Modern Architecture: International Exhibition*, apresentada no MoMA (Museum of Modern Art), em Nova York, em 1932, por Henry-Russel Hitchcock e Philip Johnson, que é dado a conhecer ao mundo o estilo pretendido pelos arquitetos modernos no desenho da cidade. São expostas mais de 70 obras europeias e americanas, entre as quais a Villa Savoye, de Le Corbusier e a Casa Tugendhat, de Mies van Der Rohe, ambas de 1928, que se apresentam como grandes referências e ilustram aquilo que pretendem ser





Figura 114. CIAM IV, Atenas, 1933

Figura 115. Poster do CIAM IV presente no átrio do edifício Averof, que abriga a Escola de Arquitetura em Atenas, onde teve lugar grande parte das reuniões do Congresso

as características a seguir pelos arquitetos: volumetrias puras, de fachadas lisas e brancas, sem ornamentos, onde materiais como o ferro e o vidro são dominantes. (Montaner, 2017, p. 13). As obras apresentadas não incluíam toda a produção arquitetónica de então, mas sim os resultados que melhor representavam o estilo desta nova arquitetura, definido pelos arquitetos modernos como Estilo Internacional.

No IV CIAM (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna), realizado a bordo de um cruzeiro que navegava no Mar Mediterrâneo, foi composta a Carta de Atenas, que propunha a relação entre o urbanismo, a arquitetura e o meio ambiente. É um documento central para o planeamento urbano moderno. A negação do tecido existente e a construção de edifícios elevados em altura, afastados entre si e com grande densidade, libertando o espaço público, configurava o modelo universal que se considerava dar resposta aos problemas da cidade industrializada.

Segundo Le Corbusier, a cidade moderna, considerada um organismo funcional, devia ser separada em 4 áreas - trabalho, residência, circulação e lazer - solução que põe em prática na Ville Radieuse (1935) e na revolucionária Unité d'Habitation de Marselha (1947-1953). A arquitetura moderna pretendia aliar a perfeição técnica ao rigor construtivo, das quais deveria resultar uma construção económica, limpa e funcional.

As discussões dos anos 50 são marcadas pela dualidade entre continuidade ou crise do moderno, iniciadas pelas gerações mais novas de arquitetos, onde se procurava uma arquitetura mais humana, com atenção às culturas locais e às necessidades dos cidadãos. Começaram a explorar-se novas possibilidades de tratar a casa e de intervir nas cidades e nos bairros, considerando a tradição do lugar. (Hereu et. al., 1999, p.289). Adotou-se uma atitude que critica a linguagem universalista resumida pelo Estilo Internacional, e que põe em causa a visão funcionalista do urbanismo e da arquitetura moderna promovida pelos CIAM e difundida pela Carta de Atenas: uma mudança que se caracteriza por tentar “manter a ortodoxia do Movimento Moderno ao





mesmo tempo que se corrigem as suas limitações”.<sup>36</sup> (*Ibidem*).

“Os tempos mudaram. As coisas têm agora, que ser construídas. A evolução tem que ser natural e não brusca - isto é o que eles pedem. Continuemos como em Hoddesdon. Incluam-se uns quantos jovens de cada vez”.<sup>37</sup>

(Candilis, 1952 como citado em Bosman, 1992, p. 15)

Com estas palavras, Candilis reconhece a necessidade de uma evolução na arquitetura moderna e não uma rutura, propondo que os jovens tenham um papel mais interventivo e regular. O próprio Le Corbusier constata que as gerações mais antigas pertencentes aos CIAM se mostravam cada vez mais rígidas no que dizia respeito às matérias humanas e sociais, ao contrário das gerações mais novas. (*Ibidem*).

### 3.2. O MARS Group

O dogmatismo postulado na Carta de Atenas, que define características universais para a organização da cidade, é posto em causa pelo MARS Group (Modern Architectural Research), grupo anfitrião do 6º encontro dos CIAM, em Bridgewater, Inglaterra, em 1947. Este grupo de jovens arquitetos, bastante ativos no debate arquitetónico, questiona algumas das premissas do Movimento Moderno e procura uma nova linguagem estética da arquitetura moderna, assim como novas metodologias para a resolução dos problemas do momento. Neste congresso, tal como a arquiteta e historiadora Ana Tostões nos diz:

“É a primeira vez que, depois da experiência traumatizante da guerra, o conceito de racionalidade surgido como marca primária da arquitetura do movimento moderno é discutido de

---

36. Citação original: “mantener la ortodoxia del Movimiento Moderno al tiempo que se corrigen sus limitaciones”

37. Citação original: “Times have changed. Things must now be *built*. Evolution *must* be natural & not brusque – this is what they ask. Continue as at Hoddesdon. Take a few youngsters each time”



um modo profundamente perturbador num fórum de arquitectos expressamente aberto ao pensamento filosófico.”<sup>38</sup>

(Tostões, 2010, p. 347)

Quando todo o grupo de arquitetos se reúne novamente em 1953, em Aix-la-Provence, no 9º CIAM, o grupo MARS expõe as suas preocupações relativamente ao modelo de planeamento racionalista, pretendendo uma arquitetura que se relacionasse com as particularidades do contexto local. Sugerem a substituição das quatro categorias funcionalistas da organização da cidade moderna antes propostas por um outro nível de questões apoiadas nas relações humanas. Cria-se, então, um grupo de arquitetos mais jovens que ficaria responsável pela organização do 10º Congresso Internacional de Arquitetura Moderna. Nascia assim o Team 10.

### 3.3. Team 10

Esse grupo, criado em 1953, do qual se destacam Jaap Bakema, Alison e Peter Smithson, Georges Candilis, Shadrach Woods, Giancarlo Di Carlo e Aldo Van Eick, esteve ativo entre os anos de 1954 e 1984. A vontade de questionar a humanização dos espaços produzidos como arquitetura moderna marca a criação deste grupo. Criticavam o funcionalismo proposto pelos CIAM. Consideravam que humanização é a “(...) possibilidade de incorporar na produção rigorosa e doutrinada da arquitetura funcionalista a questão das inter-relações sociais no espaço construído.” (Barone, 2002. p. 61).

Ana Cláudia Barone (*Ibidem*), autora da monografia intitulada “Team 10: Arquitetura como crítica” explica que:

“(...) a partir da noção de que o homem se organiza em comunidades, que desenvolve a necessidade de se diferenciar, de se identificar com o local onde habita, criar vínculos sociais e apreender o espaço a partir dos seus próprios valores culturais,”

---

38. Teoria e Crítica de Architectura - Século. XX, p. 347

" HABITAT "

SMITHSONS

2 FEB 1960

- 1) It is useless to consider the house except as a part of a community owing to the interaction of these on each other.
- 2) We should not waste our time codifying the elements of the house until the other relationship has been crystallised.
- 3) "Habitat" is concerned with the particular house in the particular type of community.
- 4) Communities are the same everywhere.
  - 1) detached house - farm.
  - 2) Village.
  - 3) Towns of various sorts (Industrial, Admin., Special.)
  - 4) Cities (multi functional.)
- 5) They can be shown in relationship to their environment (Habitat) in the Geddes valley section.

- 6) Any community must be internally convenient - have ease of circulation, in consequence whatever type of transport are available, density must increase as population increases, i.e. (1) is least dense (4) is most dense.
- 7) We must therefore study the dwelling and the groupings that are necessary to produce convenient communities at various points on the valley section.
- 8) The appropriateness of any solution may lie in the field of architectural invention rather than social anthropology.

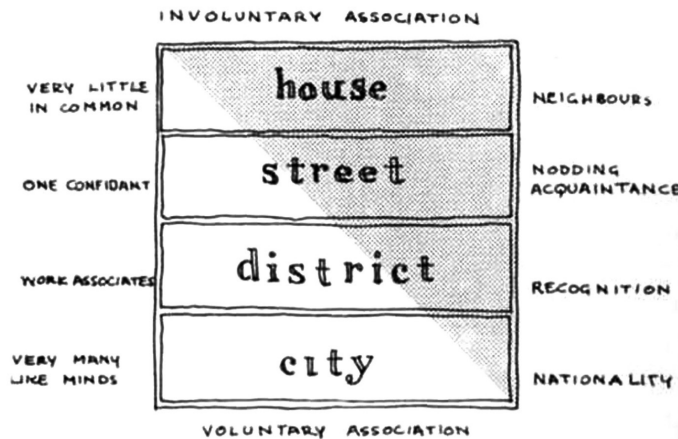


Figura 118. Manifesto de Doorn  
Figura 119. Alison e Peter Smithson, categorias de associação



os princípios da Carta de Atenas e o Estilo Internacional eram já temas do passado. Acreditavam que os espaços deviam ter identidade própria, sendo que as características locais e culturais diferenciam as suas necessidades. (*Ibidem*).

O Team 10 entendia que “deveria haver um espaço aberto, dentro e fora da instituição, onde as questões da arquitetura moderna pudessem ser tratadas sem as amarras de um dogmatismo concebido *a priori*.” (*Ibidem*, p. 57). Este grupo manifestava-se contra a produção de um corpo teórico representativo das suas propostas, no entanto, logo no início da sua atividade crítica, em 1952, foi feita a sua primeira publicação: o Manifesto de Doorn (1954).

O Manifesto de Doorn, anterior ao reconhecimento do Team 10 como grupo, apresentou uma nova forma de olhar e conceber o espaço. Propôs um estudo baseado nas associações humanas, considerando o modo de vida das comunidades e a relação entre as pessoas e a arquitetura, numa clara revisão metodológica das 4 funções da Cidade Funcional definidas pelos primeiros CIAM. Formulou uma preocupação referente a questões que, inicialmente, foram deixadas de parte pelo movimento moderno, especialmente a inclusão da comunidade no processo de organização da cidade. Propôs a intervenção por parte da arquitetura e do urbanismo em diferentes escalas de associação - *casa, rua, bairro e cidade* - considerando o desenvolvimento da comunidade, no tratamento dessas várias escalas. Como explica Barone (2002), “a casa era uma primeira unidade de associação,” seguindo-se a rua, considerada como espaço que organiza o construído e que o relaciona com os moradores. (*Idibem*, p. 70). O bairro, a terceira escala de aproximação, funciona como intermediário entre a arquitetura e o urbanismo que definia as comunidades urbanas. Esta seria uma verdadeira solução para o espaço urbano que surgia naturalmente de uma hierarquização orgânica apoiada nas relações humanas e que traria sentido ao quotidiano urbano.

Alison e Peter Smithson, arquitetos pertencentes ao grupo, defendiam que uma cidade construída a partir do conceito de tábua rasa não podia ser mais



do que uma cidade sem alma, sem identidade e sem vida urbana. Afirmavam, ainda, que “o urbanismo considerado e desenvolvido nos termos da Carta de Atenas tende a produzir cidades nas quais a associação humana vital é expressada inadequadamente”. (Smithson, 1954, como citado em Bosman, 1992, p. 6).

A arquitetura humanista, promovida pelos Team 10, começava a fazer sentido, não só para a geração mais jovem, mas também para os membros mais antigos, participantes nos CIAM. Siegfried Giedion, um membro bastante ativo nos Congressos de Arquitetura Moderna, apoiava então a ideia de humanização no desenho da cidade defendida pelos mais jovens, criticando a visão mecanicista promovida nos primeiros congressos. Referiu:

“Outro dia analisei cuidadosamente as nossas publicações sobre os blocos de habitação, o que me deu algumas ideias sobre os vários erros naquele tempo. O elemento humano não existia naquele período.”

(Giedion, 1967, como citado em Bosman, 1992, p. 8)

No ano de 1959, em Otterloo, aconteceu a primeira reunião dos Team 10, e simultaneamente, o fim dos CIAM. Este encontro representou o início de um novo ciclo, onde a geração de arquitetos mais jovem assumiu a criação de uma nova identidade para a arquitetura moderna. Esta forma de pensar a arquitetura, iniciada pelo Team 10, influenciou uma gama vasta de arquitetos europeus. Foi o caso de Portugal, embora mais tardiamente, com os arquitetos Fernando Távora e Nuno Teotónio Pereira, e o caso de Itália, onde conseguimos identificar, na arquitetura de Libera, as características desta corrente.

É Giedion que, num apanhado das características formais da arquitetura realizada nos anos 50 e 60, reconhece características que atribuiu como sendo apanágio dos Team 10, e que são perfeitamente reconhecíveis nas obras resultantes do Plano Ina-Casa, mais especificamente da Unidade de





Habitação Horizontal de Libera. É o caso da relação da arquitetura com a natureza, em que o edifício deixa de ser visto como um elemento isolado dentro da cidade, em que se passa a valorizar uma arquitetura que se envolva com o contexto em que se insere, uma arquitetura mais humanista, na forma de pensar o espaço e de desenhar o conjunto. Passa a ser dada importância não só ao construído, mas também ao espaço entre o construído.

### **3.4. Itália e o Neorrealismo**

Em Itália, esta revisão ao movimento moderno iniciada pelos Team 10, e continuada por muitos outros arquitetos, toma a sua via e cria a sua própria linguagem. É através de arquitetos como Mario Ridolfi e Ludovico Quaroni, mas especialmente através do Plano Ina-Casa e de todos os arquitetos nele envolvidos, que a experiência da habitação social faz a arquitetura tomar um novo rumo.

Após os problemas económicos, políticos e sociais trazidos pelo período de ditadura de Mussolini e pela Segunda Grande Guerra, eram exigidas sérias medidas de recuperação do país, que se entabularam à luz de uma maior consciência do valor das camadas populares. Deste modo, a arquitetura italiana procura desenvolver um novo conceito de cidade, adotando uma linguagem próxima do povo, do tradicional, recriando as condições, o modo de habitar, e utilizando as técnicas de mais fácil domínio e os métodos construtivos da arquitetura tradicional italiana. Esta aproximação às condições reais referidas constitui a experiência do neorrealismo na arquitetura, como referimos já com uma vasta obra no campo do cinema, da pintura e da literatura em Itália. Este movimento neorrealista não ocorre de uma forma organizada ou regulamentada. Esta corrente começa a ganhar forma nos finais dos anos 40 e início dos anos 50 do século passado, em Roma, da qual são expoentes obras de Rossellini, Vittorio de Sica, Visconti e Fellini. Estas obras cinematográficas contribuem para a consciencialização das reais dificuldades sentidas pelas



camadas populares e para o papel da arquitetura no bem-estar das pessoas, respeitando os seus modos de viver e de se agrupar. (Di Biagi, 2010, pp. 206-207).

Esta nova linguagem, embora não excluindo a marca do movimento moderno, liga-se

”aos valores de uma tradição autêntica e, como tal, (...) mais facilmente apreensível pelos destinatários. As suas propostas terão sempre como base aprofundados estudos sociológicos. Dar-se-á particular atenção aos métodos construtivos, optando-se pelas técnicas tradicionais de mais fácil domínio, em detrimento de sistemas mais sofisticados”.

(Fernandez, 1988, p.88)<sup>39</sup>

A procura de uma linguagem neorrealista respeita as condições, o ambiente, o espaço arquitetónico e o modo de vida, de bairro, características da arquitetura tradicional popular italiana. Os seus principais seguidores foram Ignazio Gardella, Michele Valori, Mario Ridolfi, Carlo Aymonino, Ludovico Quaroni e Giovanni Michelucci. Adalberto Libera, embora não tenha sido uma figura de destaque do neorrealismo italiano, teve contacto com esta corrente ideológica e foi, do nosso ponto de vista, e tendo em conta as características dos manuais, permeável às suas influências.

O neorrealismo assume-se como a linguagem do Ina-Casa, dado que foi uma reação ao movimento moderno e onde o neoclassicismo e o monumentalismo, praticados na época fascista, são deixados de parte.

O Ina-Casa apresenta características neorrealistas e humanistas. Nasce a par de movimentos arquitetónicos essenciais para a formação da arquitetura humanista, como é o caso dos Team 10. É um exemplo da concretização dos ideais neorrealistas, o caso do Tiburtino, dos arquitetos Mario Ridolfi e Ludovico Quaroni e o caso do Tuscolano III, onde a preocupação com o bem-estar das classes populares, a quem se destinavam as casas, foi amplamente

---

39. 1ª ed. 1985





descrita aquando da nossa apresentação dos manuais que regulamentam a aplicação do Plano.

Face ao exposto, podemos discutir o Ina-Casa como uma experiência em que a forma de pensar a arquitetura, defendida mais tarde pelos Team 10, teve uma expressão e crescimento marcantes, fortemente influenciada pela crescente consciencia da importância do welfare, marcada pelos ideais neorrealistas vigentes, respeitadores das reais necessidades da população a quem se destinava.







4 | Libera e a procura de uma arquitetura humanista



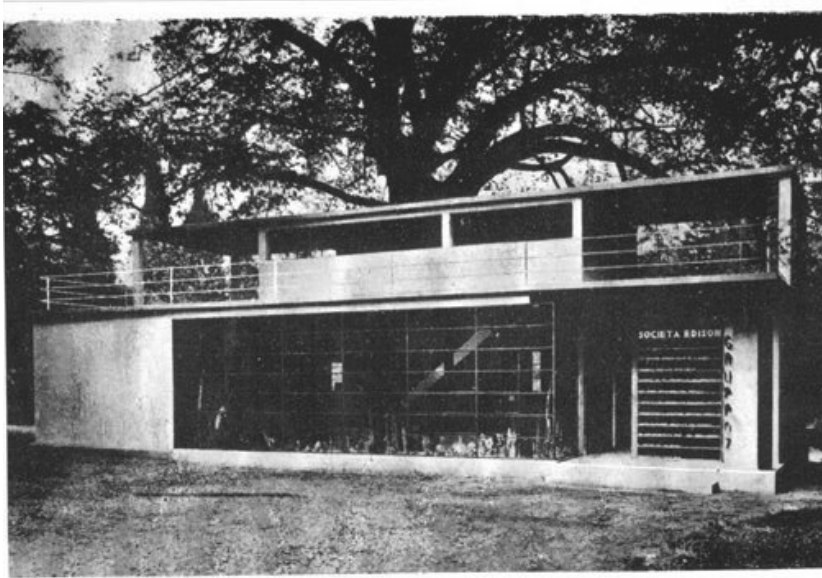


#### 4. Libera e a procura de uma arquitetura humanista

através do pátio

Adalberto Libera foi, como já vimos, um arquiteto com um papel fundamental no que diz respeito ao desenvolvimento do plano Ina-Casa, que integra a Unidade de Habitação Horizontal, no Tuscolano. Foi um grande interessado pelo tema da habitação e dedica parte da sua vida a estudá-lo. Através de um pequeno grupo de obras e projetos, como o *Palazzo dei Congressi*, o *Ufficio postale* em Roma, a *casa Malaparte* em Capri e o *progetto dell'arco simbolico all'E42*, Libera tornou-se numa figura facilmente identificável no panorama da arquitetura italiana do séc. XX. (Garofalo e Veresane, 2002, p. 6). É o seu projeto para a Unidade de Habitação Horizontal que, no entanto, devido à sua particular composição arquitetónica e capacidade de exploração das relações entre espaço público e privado, atrai a nossa atenção como objeto de estudo.

O presente capítulo é uma procura das razões subjacentes à escolha de Libera pelo pátio como principal elemento compositivo da Unidade de Habitação Horizontal. Discute-se aqui como o arquiteto conseguiu associar o pátio a uma arquitetura humanista, procurando compreender como esta tipologia contribuiu para o bem-estar das pessoas que habitam o complexo habitacional. Para tal, em primeiro lugar, será desenvolvida uma reflexão sobre os momentos e referências que consideramos essenciais no percurso intelectual do arquiteto e que o conduziram à opção de desenho da Unidade de Habitação. Em segundo lugar, será feita uma análise à vivência atual dos moradores do complexo, para



**COSTA L. 60.000**  
 COMPLETAMENTE AMMOBILIATA E ARREDATA  
 COMPRESI LE LAMPADE ED ESCLUSI GLI APPARECCHI ELETTRICI  
**COSTA LIRE 80.000**

**GRUPPO 7** ARCH. FIGINI - POLLINI - FRETTE - LIBERA  
 MILANO - VIA MORONE 3 - TEL. 80-442



perceber se esta tipologia contribuiu e contribui, de facto, para uma melhoria de qualidade de vida dos moradores.

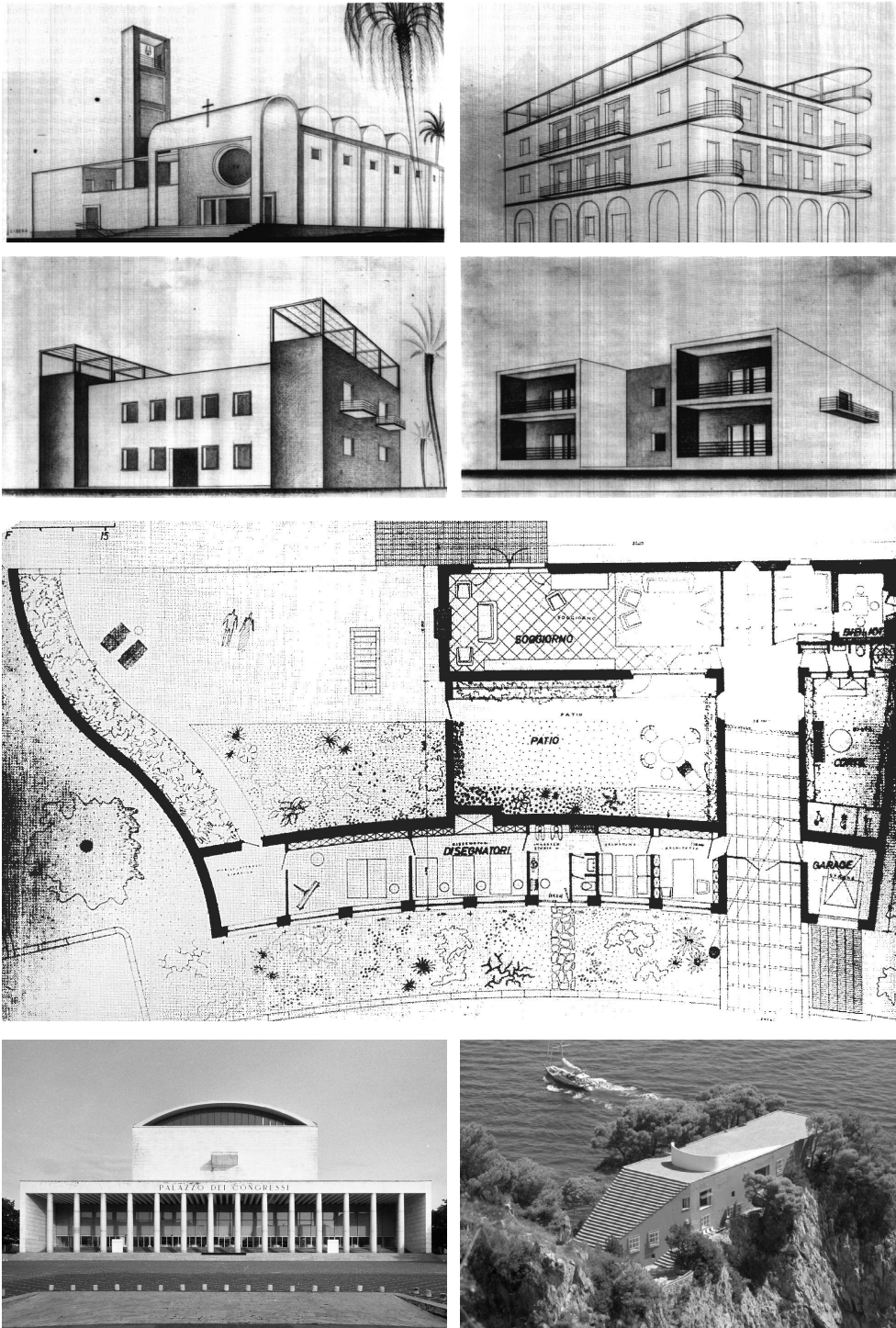
#### **4.1. Unidade de Habitação Horizontal – momentos e referências**

Arquiteto emergente do regime e autor de projetos-chave da propaganda e da imagem duradoura do fascismo, Libera é uma figura de relevo internacional do movimento racionalista italiano. Ainda estudante, em 1927, foi convidado a integrar o *Gruppo Sette*, juntamente com Pollini, Rava, Terragni, Figini, Larco e Frette.<sup>40</sup> Defendiam uma arquitetura movida pela lógica e pela racionalidade, onde o valor estético deveria aparecer ligado à necessidade humana, e a forma ao sistema construtivo e que, tal como descreve Walter Gropius, “não encontra a sua razão de ser dentro dela, surge da maneira de construção, da função que precisa de preencher”. (Oliveira, 2016, p. 59). Pretendiam, ainda, aproveitar os benefícios da tradição e da cultura popular, integrando-a, harmoniosamente, com a necessidade de mudança e “associaram ao processo de modernização (...) as noções de funcionalismo, de racionalização da construção, das tipologias habitacionais, (...) do respeito pela tradição e da responsabilidade individual do arquiteto.” (Bruna, 1995, p. 53).

O Gruppo Sette expande-se através do MIAR (Movimento Italiano di Architettura Razionale) em 1930, para o qual Libera é eleito secretário geral, representando Itália nos CIAM. Sendo uma personalidade com relações de trabalho com alguns elementos do regime fascista, Libera teve oportunidade de participar em eventos como a *IV Esposizione Triennale Internazionale delle Arti Decorative ed Industriali Moderne* em Monza, em 1930, onde foi apresentada a Casa Elettrica, considerada um dos primeiros exemplos de arquitetura racionalista em Itália, a *I Mostra di architettura razionale*, inaugurada por Mussolini em 1931 e a *Mostra del Decennale della Rivoluzione*

---

40. O Gruppo Sette foi constituído em 1926.



**Figura 128.** Igreja para uma vila na Líbia **Figura 129.** Edifício residencial em Trípoli, Líbia

**Figura 130.** Casas a baixo custo na Líbia

126

**Figura 131.** Planta da casa que Libera desenhou para si mesmo

**Figura 132.** Palazzo dei Ricevimenti e dei Congressi, Roma, 1954 **Figura 133.** Casa Malaparte, Capri, 1938



*fascista* em 1932, juntamente com De Renzi. Realiza pavilhões para várias exposições, nomeadamente a Exposição Mundial de Chicago em 1933, a Exposição internacional de Bruxelas em 1935, e a Exposição das Colónias de Verão no *Circo Massimo*, em Roma.

Entre 1927 e 1930, Libera realiza alguns projetos para a Líbia, confrontando o tema da arquitetura colonial, embora não se saiba ao certo as circunstâncias que o levaram lá. Os projetos iniciais não passaram da fase de concurso, como é o caso do pavilhão colonial para a feira de Milão e do edifício residencial para Tripoli. É com o projeto para a praça em frente à catedral de Tripoli que Libera começa a tornar-se mais consciente das necessidades locais e a perceber que a relação entre arquitetura e clima era importante e iria enriquecer os seus projetos. Para Libera, o fator climático alia-se ao formal e estilístico como um indicador da sua mediterraneidade, como um projeto que se apropria das condições ambientais. (Garofalo, 1987, p. 10).

Embora tivesse já construído algumas obras, é com a vitória do concurso para a construção do *Palazzo dei Ricevimenti e dei Congressi* que se inicia uma nova fase no percurso de Libera, onde aumentam as possibilidades de encomenda. Este edifício seria construído no âmbito da Exposição Universal - E42 - que se realizou no ano de 1942, em Roma, no âmbito da 20ª Marcha sobre Roma fascista.<sup>41</sup> Ainda para a exposição, Libera projeta o *Arco simbolico*, a *Villa Salinos*, a casa-estúdio para si mesmo e participa no concurso para o *Palazzo dell'Acqua e della Luce*. No ano de 1938 é iniciado o projeto para a sua mais conhecida e polémica obra: a *Casa Malaparte*, em Capri.

Com o início da guerra, Libera refugia-se na sua terra natal, Villa Lagarina, em Trento, entre os anos de 1943 e 1946.

41. E42 é o nome dado a uma zona da cidade de Roma construída propositadamente para a Exposição Universal que iria celebrar a 20ª Marcha sobre Roma fascista, em 1942. No entanto, a exposição nunca se chegou a realizar devido ao início da Segunda Guerra Mundial. Neste momento essa zona da cidade tem o nome de EUR (Esposizione Universale di Roma) e apresenta algumas obras projetadas antes da guerra, mas concluídas após a mesma, como é o caso do Palazzo dei Ricevimenti e dei Congressi, do Archivio Centrale dello Stato e do Palazzo della Civiltà Italiana, entre outras.

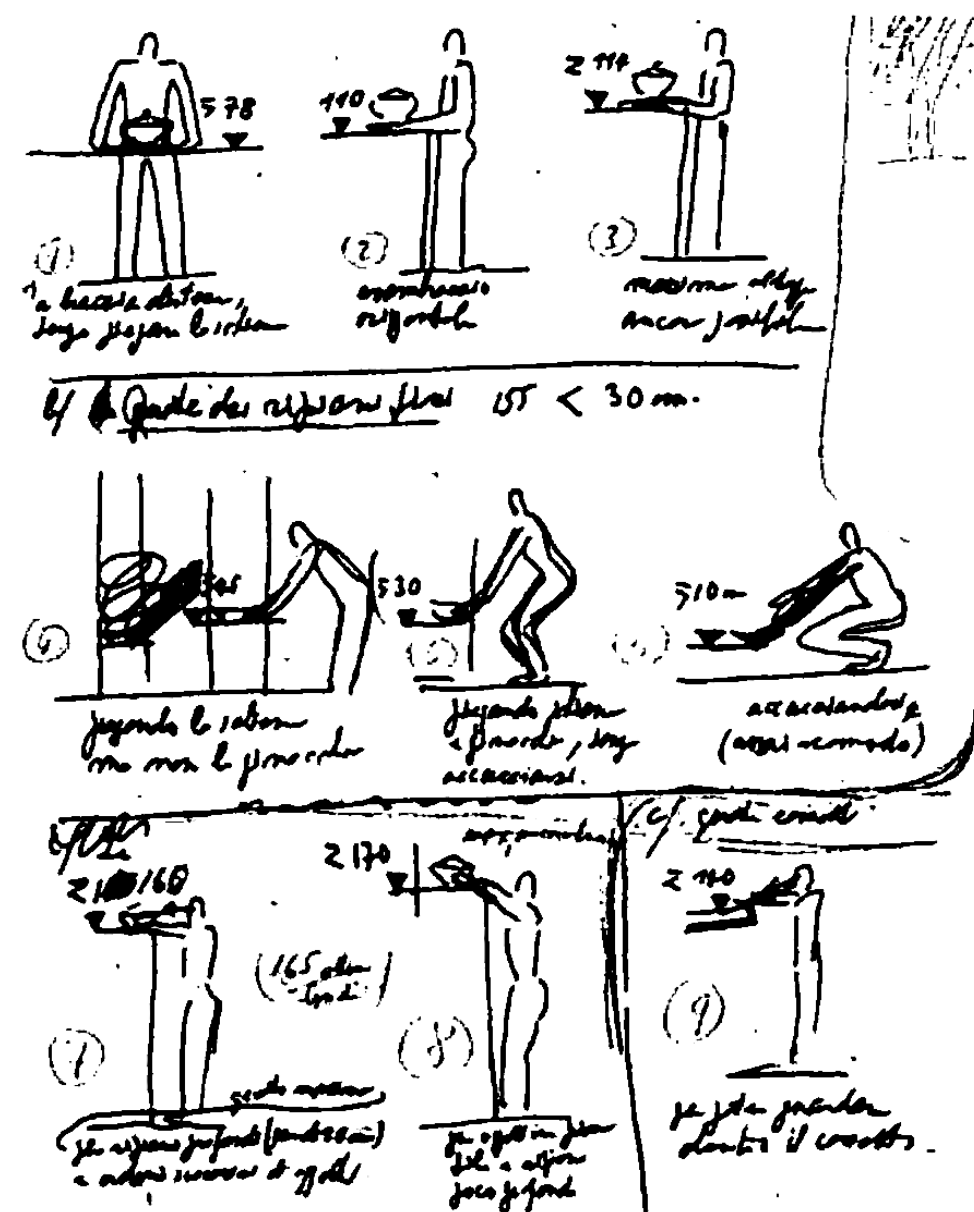


Figura 134. Estudos ergonómicos

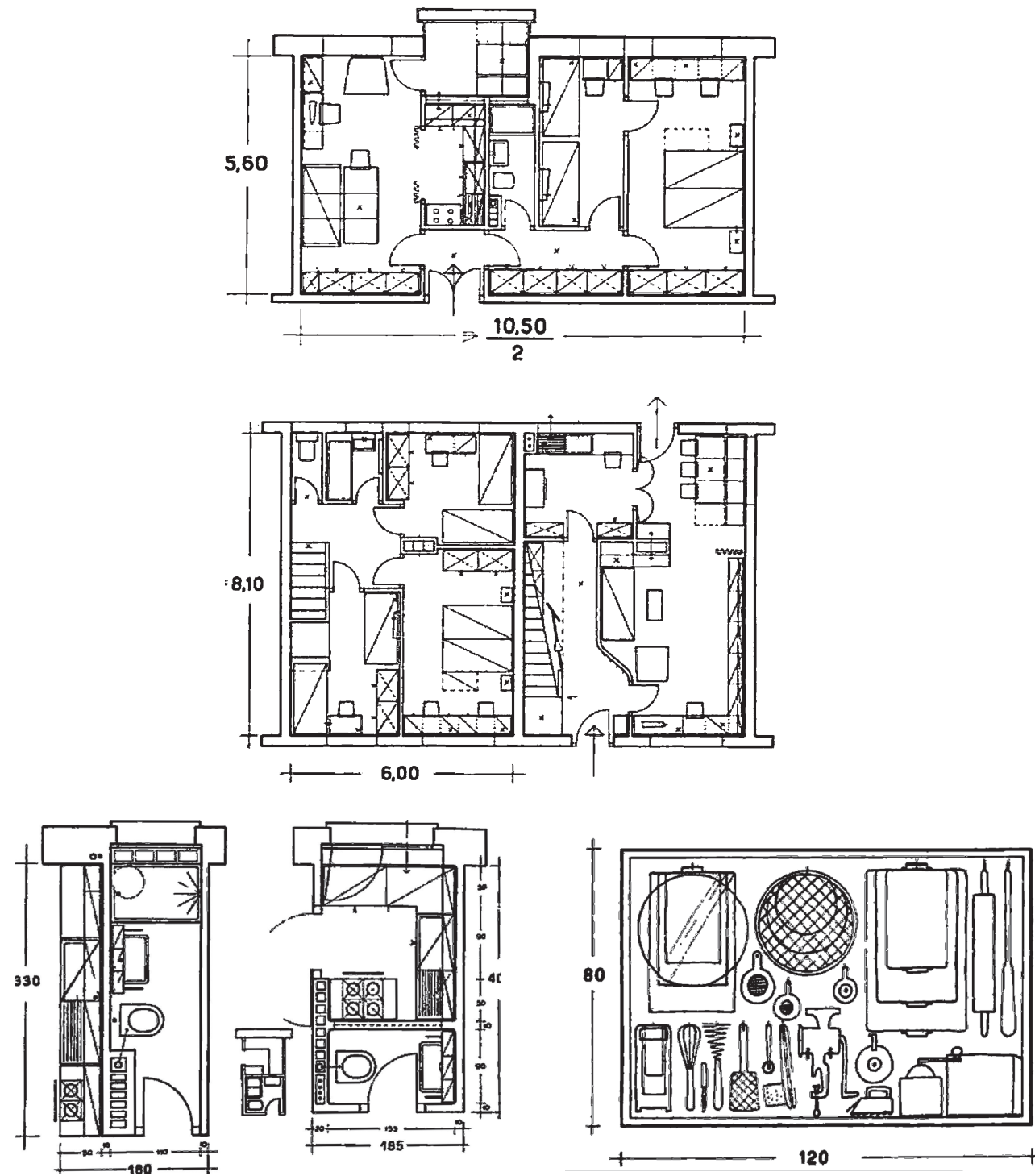


Figura 135. Planta de um apartamento para quatro pessoas  
 Figura 136. Planta de uma casa em banda com dois pisos  
 Figura 137. Plantas de uma casa de banho e cozinha  
 Figura 138. Pormenor da organização dos utensílios num armário da cozinha

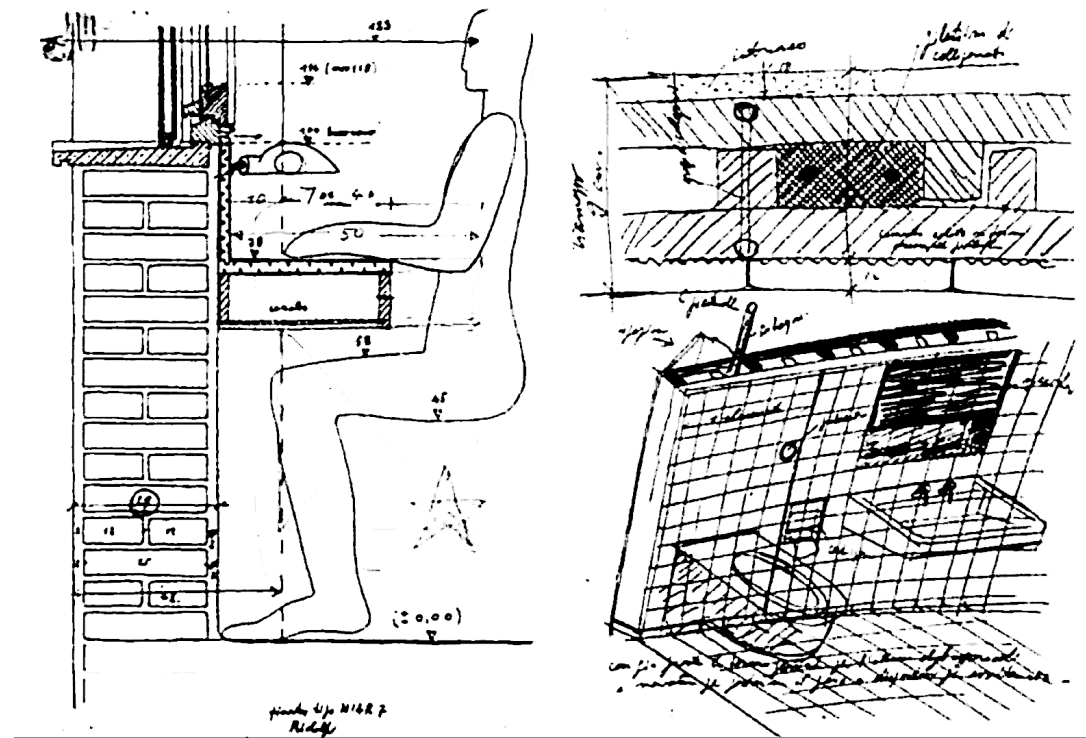
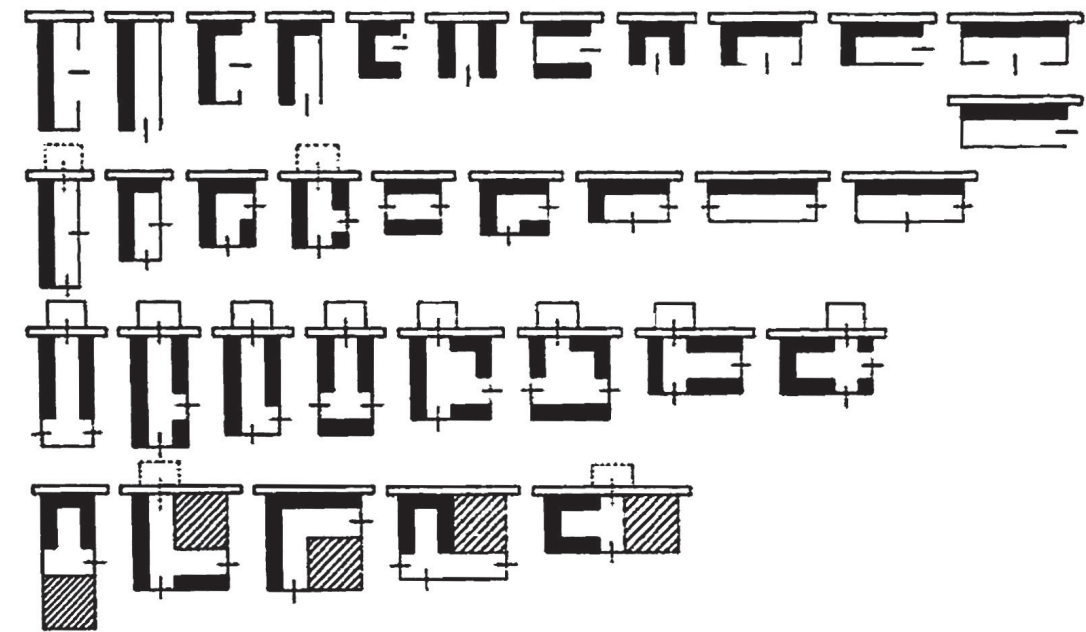


Figura 139. Esquemas de distribuição para o núcleo da cozinha  
 Figura 140. Estudo ergonómico para uma secretária de trabalho e para o módulo da casa de banho

Lá empreende reflexões teóricas sobre o tema da habitação, focando-se num modelo de “apartamento padrão para a produção em massa”, baseando-se no seu próprio método e poder de criatividade, em vez de analisar as pesquisas já existentes no campo. Tenta perceber os aspetos funcionais, construtivos e estéticos da casa, que compara com a tríade vitruviana *utilitas, firmitas e venustas*, sugerindo a primazia da funcionalidade em relação às restantes vertentes. O estudo do espaço doméstico que Libera realizara com Vaccaro, tratando a relação entre o ser humano e o mobiliário, tanto fixo como móvel, bem como entre as peças que compõem o espaço, contribuem para a perceção de uma melhor organização espacial das tipologias. Propõe uma composição diferente para cada uma delas e ainda a sua decoração, afirmando querer lidar com a escala que vai desde “a colher ao bairro residencial.” (Garofalo e Veresane, 2002, p. 12). Todo o estudo é acompanhado por desenhos realizados pelo arquiteto, onde se consegue perceber a vontade de relacionar o corpo humano com a casa.

Este estudo dá origem ao livro *La tecnica funzionale dell’abitazione*, que nunca foi publicado mas que se revela bastante útil durante o período em que Libera faz parte da *Gestione Ina-Casa*. A pesquisa de Libera suscita o interesse de Gio Ponti, um defensor da produção de mobiliário em série, importante para a diminuição de custos. (Di Biagi, 2010, p. 51). Deste modo, em 1945, em colaboração com outros arquitetos e engenheiros, Libera e Ponti publicam *Verso la casa esatta*, o primeiro dos *Quaderni della Ricostruzione*, um livro que oferecia “soluções específicas derivadas da aplicação de materiais, técnicas e patentes das indústrias através de um catálogo”, e que se tornou uma referência para a reconstrução arquitetónica de Itália. O arquiteto regressa a Roma em 1946 e, em 1947, inicia a sua colaboração com o Ina-Casa, onde permanece entre os anos de 1949 e 1952 como responsável pelo *Ufficio Progetto*, uma estrutura autónoma que se ocupava das diretrizes regulatórias, da coordenação e fiscalização do trabalho dos profissionais externos, e preparação dos concursos e dos manuais que regulamentam os bairros do Ina-Casa.





Na *Casa Ina* na *via Galilei*, em Trento, a primeira obra construída de Libera depois da segunda guerra, o arquiteto utiliza os seus estudos no desenho dos espaços interiores. Garofalo e Veresane (2002, p. 145) afirmam que é exatamente no desenho das plantas que o seu estudo sobre o tema da habitação é notório:

“a economia da distribuição é o aspeto que mais sobressai no desenho dos espaços, onde o arquiteto utiliza os cantos irregulares e móveis embutidos para atingir o máximo de capacidade (...) de acordo com as urgentes necessidades de reconstrução do momento.”<sup>42</sup>

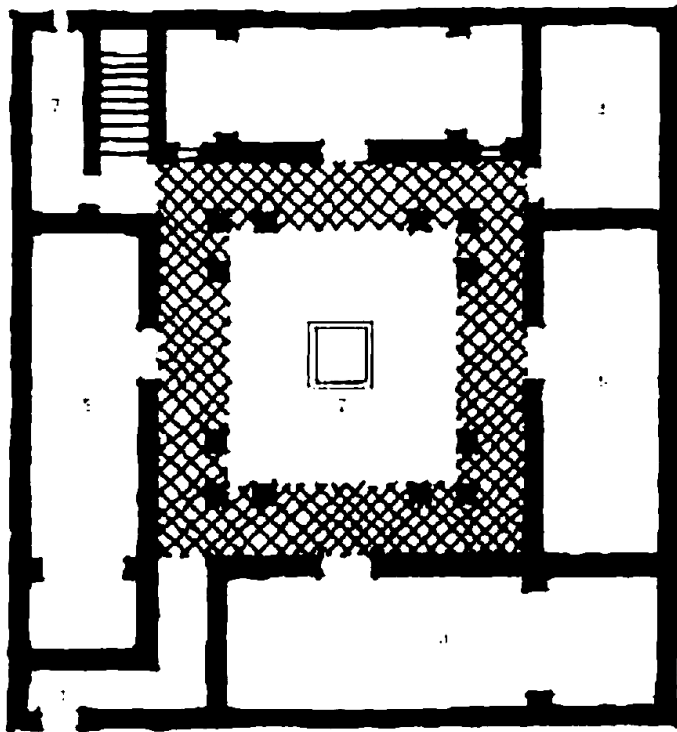
Se para Libera, durante o regime fascista, havia ainda bastantes questões que se colocavam acerca da habitação, começou então a propor respostas para algumas dessas questões capazes de se tornarem num modelo a seguir.

Neste sentido, consegue-se já começar a perceber que existem dois momentos distintos na prática da arquitetura de Adalberto Libera: antes da guerra, altura em que faz questão de produzir arquitetura com uma imagem monumental; e depois da guerra, onde vemos um arquiteto menos sensacionalista e mais preocupado com o conforto e bem-estar do utilizador dos espaços que desenha. Como refere o seu filho, Alessandro Libera, “É como se duas pessoas muito diferentes vivessem no seu corpo, antes e depois dos cinco anos da Segunda Guerra Mundial, que mudou profundamente a sua personalidade.”<sup>43</sup> (Libera, 2014).

---

42. Citação original: “the economy of distribution is the salient aspect of a meticulous design which makes us of irregular corners and built-in fixtures to reach a maximum capacity (...) in keeping with the urgent needs of the reconstruction.”

43. Citação original: “It is as if though two very different people lived in his body, before and after the five years of the Second World War deeply changed his personality.”



#### 4.1.1. Viagem a Marrocos e o desenho do Tuscolano III

Em 1950, Libera inicia o desenho da 3ª fase do bairro *Tuscolano*. O projeto, encomendado por Foschini, destinava-se a um terreno localizado entre o *Parco degli Acquadotti* e o *Tuscolano II* e, inicialmente, previa duas torres que marcavam a linha contínua desse mesmo aqueduto. (Genta, 2003 como citado em Remiddi e Greco, 2003, p. 89)

Em Setembro de 1951, o arquiteto realiza uma viagem a Marrocos para participar num congresso internacional, durante a qual faz escala em Marselha, França, onde visita a emblemática *Unité d'Habitation* de Le Corbusier. No destino final conhece um pouco da arquitetura de Marrocos e fica fascinado com a cidade antiga e tradicional que encontra nas *medinas*.

A medina é caracterizada pela ausência de planeamento urbano moderno, o que resulta num aglomerado de construções denso e de ruas labirínticas, de diferentes dimensões, com uma forte identidade social.<sup>44</sup> Os espaços públicos são dispostos segundo uma hierarquia: no centro encontram-se os locais de maior importância, tais como a mesquita, o *souq* e as escolas religiosas, seguindo-se as escolas públicas e os *hammam* e só depois a zona habitacional e as pequenas lojas de comércio.<sup>45</sup> As casas tradicionais são conhecidas como *dar* e desenvolvem-se em torno de um pátio. O pátio desempenha um papel de grande importância, tanto no quotidiano dos moradores, como na organização espacial da casa pois, para além de ser um espaço de privacidade e reunião da família, algo bastante importante na cultura muçulmana, funciona como organismo de controlo acústico e térmico, favorecendo a ventilação dos espaços da casa.

---

44. O termo medina refere-se à cidade antiga dentro de muralhas, onde se encontra a vida comercial e onde a população vive. Casbah refere-se à cidade fortificada, construída para fins defensivos e inclui edifícios militares e uma pequena parte de edifícios residenciais, seguindo o modelo da medina. São termos que identificam diferentes porções de cidade no contexto do Norte de África.

45. *Souq* refere-se ao mercado tradicional a céu aberto dentro da medina; *hammam* refere-se a um local que se assemelha a termas, onde se podem fazer variados tratamentos de higiene e relaxamento.







Como refere Capitel, o pátio é:

“a base de um verdadeiro sistema de composição (...) tão importante que pode dizer-se que para muitos dos usos e numerosas culturas (...) se identificou, em alguns períodos e civilizações, com a arquitetura, ela própria.”<sup>46</sup>

(Capitel, 2005, p. 6)

Quando Libera se encontra em Casablanca e tendo ficado encantado com esta arquitetura, envia um postal a Foschini, o presidente do Ina-Casa, com uma imagem da *medina* vista de cima, onde escreve: “Ecco la INA-CASBA.” (Mornati e Cerrini, 2016, p. 5).

Já de regresso a Roma, numa conferência de imprensa na *Accademia di S. Luca*, Libera conta que durante as 5 horas de voo de regresso, “à memória do limite tentado por Le Corbusier sobrepõe-se a visão de Casablanca vista de cima, com a sua *medina*, que a história e o clima criaram em conjunto, tal como todas as *medinas* e *casbah* do norte de África.”<sup>47</sup> (Garofalo e Veresane, 2002, p. 149). Como nos diz uma das suas colaboradoras da altura, do fascínio que o arquiteto sentiu pela arquitetura regionalista da cidade mediterrânica presente nas cidades antigas de Fez, Marraquexe e Rabat, nasce a vontade de querer desenhar um complexo habitacional que se assemelhasse ao ambiente que sentiu nas *medinas*, onde a relação entre arquitetura e clima se traduz numa atmosfera vivida, ao ar livre e em comunidade. (Genta, 2003 como citado em Remiddi e Greco, 2003, p. 89).

Esta vontade reflete uma nova visão, decorrente do desconforto relativamente às características funcionalistas dominantes na Europa de então e relacionadas com a arquitetura do movimento moderno.

---

46. Citação original: “la base de un verdadero sistema de composición (...) tan importante que puede decirse que para muchos de los usos y para numerosas culturas humanas (...) se há identificado em algunas etapas y civilizaciones con la arquitectura misma.”

47. Citação original: “al ricordo del limite tentato da Le Corbusier si sovrappone la visione di Casablanca dall’alti con la sua Medina che la storia e il clima hanno creato, assieme a tutte le medine e casbah dell’Africa del nord.”



## 4.2 A casa pátio como expressão da arquitetura humanista

Libera afasta-se dos cânones modernos e desmonta as características da arquitetura racionalista, no sentido de conferir identidade e humanidade aos edifícios. Considera os pontos fortes da casa unifamiliar, tais como o contacto com a natureza e a privacidade, e as vantagens dos edifícios em altura, que promovem contacto com os vizinhos e uma autossustentabilidade do edifício.

No artigo “Conceito da casa em pátio como célula social”, Portas reflete:

“Será essa uma forma de conceber uma casa da *cidade*, tão humana e diversificada como a que se havia concebido para o subúrbio ou o campo, mas agora em termos *populares*, capaz de manter em toda a sua força as tensões sociais que a casa dispersa progressivamente volvia nas conversões individualistas da burguesia? Uma casa da cidade em que o intimismo familiar, a salubridade e poética da Natureza entrassem, mas organicamente concebida por forma que mantenha a concentração urbana necessária à intensa vitalidade dos seus centros comunitários?”

(Portas, 1959, p. 33)

Deste modo, adota a tipologia da casa-pátio para o Tuscolano III como solução para uma arquitetura humanista, propiciadora de contacto com o exterior e com a comunidade: uma solução que se apresenta como alternativa aos dois principais modelos divulgados pelo Movimento Moderno.

Durante o primeiro momento do movimento moderno, as soluções que resultaram de novos conceitos de habitar concretizaram-se em duas soluções opostas, “quer quanto à forma de agrupamento, quer quanto à própria célula familiar” (Portas, 1959, p. 32): a casa unifamiliar e a unidade de habitação vertical.

No que concerne à casa unifamiliar, devido ao facto de ser desenhada para um cliente particular, esta permite as mais variadas soluções e, como refere Alzina de Meneses, permite ao arquiteto a criação de um ambiente individualizado. (Meneses, 1959, p. 30). Da mesma forma, Nuno Portas foi





da opinião de que esta solução relativa à casa unifamiliar com jardim não apresenta demorada justificação urbanística nem grande preocupação com o espaço público devido ao princípio de implantação da tipologia passar pela colocação do volume numa posição mais ou menos central relativamente ao terreno, deixando o perímetro envolvente como área de jardim. A questão da redução, cada vez mais acentuada, dos lotes para a construção de habitação obriga a pensar em soluções que garantam um espaço livre em proporção e harmonia com as dimensões da casa pois, à medida que o lote diminui, o espaço verde é também ele reduzido, tornando-se num “anel de terreno que circunda onde mal cresce uma pequena árvore.” (*Ibidem*). Esta habitação mais comum para as classes mais altas, começa a necessitar ser repensada, devido à escassez de terreno e à diminuição das posses monetárias. É necessário construir casas o mais baratas possível para indivíduos que delas necessitam, numa forma digna, promovendo o seu bem-estar.

Nuno Portas defendeu que a unidade de habitação vertical foi, até à segunda guerra mundial, o maior contributo do movimento moderno no campo da habitação social, não tendo sido, no entanto, o que melhor correspondeu às necessidades das famílias que a ocuparam. (Portas, 1959, p. 32). A célula em altura foi considerada como solução para problemas como o grande crescimento demográfico, criados pela Revolução Industrial, opondo-se à tipologia da casa burguesa. Esta solução oferecia, para além de habitação, outro tipo de serviços como lojas, restaurantes, lavandarias, salas de convívio, etc., apresentando-se como uma verdadeira máquina de habitar, tal como lhe chamou Le Corbusier. No entanto, esta solução era limitada no que diz respeito à interação dos habitantes com a natureza e entre si, permitindo apenas contacto na forma visual, considerando-a somente como paisagem. Outra situação que se impunha, como muito bem explicou Nuno Correia na sua tese de doutoramento, é o resultado repetitivo deste tipo de edifícios, “submetido a princípios de modulação e pré-fabricação, que os tinha convertido em edifícios e conjuntos urbanos formalmente e funcionalmente monótonos.” (Correia, 2015, p.207).



A casa pátio configura uma tipologia que, de melhor forma, permite responder às necessidades da vida quotidiana moderna dos moradores, às necessidades de espaço e de bem-estar, onde se torna possível uma vida em família, de relação com a natureza e com a comunidade, numa dimensão que “deve ser assumida por uma nova consciência do viver em comum.” (Portas, 1959, p. 64). Resolve alguns dos conflitos existentes acerca das noções de individual e coletivo que surgiram devido à completa divergência entre a tipologia da casa unifamiliar e da habitação coletiva vertical. Além disso, o seu agrupamento possibilita um grau de povoamento próprio das cidades, mais denso.

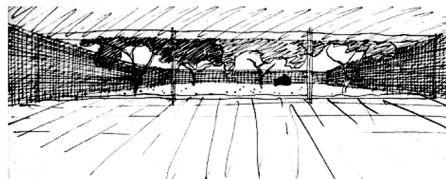
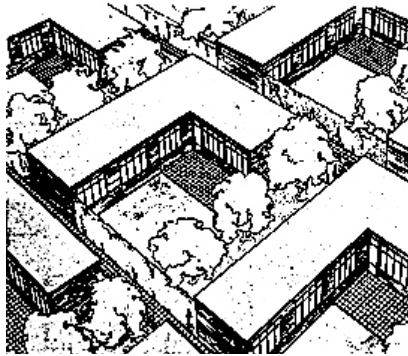
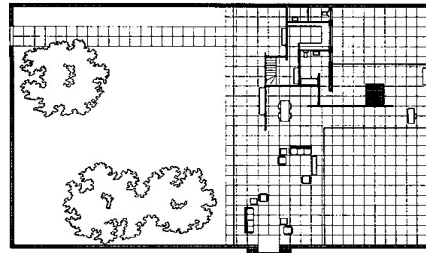
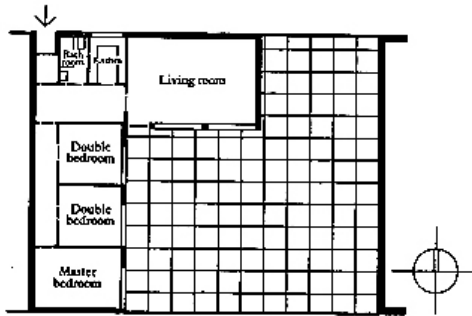
Podemos definir pátio como “recinto descoberto, no interior de uma casa, ou terreno murado contíguo a ela; vestíbulo; átrio” (Dicionário Português, 1998), “espaço deixado a descoberto para a admissão de luz e ar” (*Ibidem*), sendo que este não pode ser visto como um elemento arquitetónico isolado, servindo como base de um sistema de construção “capaz de abrigar uma grande quantidade de usos, formas, tamanhos, estilos e características diferentes.”<sup>48</sup> (Capitel, 2005, p. 6). O pátio, que, em termos de volume, é considerado um vazio, concentra em si uma grande capacidade de “habitar entre limites”, proporcionando aos moradores um local ao ar livre seguro e privado. Deste modo, e no contexto da casa, o vazio relaciona-se de tal forma com o cheio que formam um todo a que se podemos chamar de casa-pátio. “A casa-pátio é a tipologia que inclui na sua massa construída um espaço livre que constitui o próprio centro do espaço doméstico ou comunitário”<sup>49</sup> (Pedragosa, 1997, p. 16) e que se distingue da casa com pátio no sentido em que, na última, o pátio diz respeito ao espaço sobrance do lote de uma casa.

A casa pátio teve a sua aplicação mais relevante nas zonas mediterrânicas, nomeadamente na cultura mourisca. No entanto, como nos diz Nuno Portas, este tipo de organização é experimentado nos últimos anos por arquitetos

---

48. Citação original: “capaz de cobijar una gran cantidad de usos, formas, tamaños, estilos y características diferentes.”

49. Citação original: “la casa con patio, el tipo que incluye en su masa construida un espacio libre que constituye el propio centro del espacio doméstico o comunal”



142 **Figura 144.** Casa-pátio em L, Ludwig Hilberseimer, 1931 **Figura 145.** Desenho perspético, planta e alça-  
do da Casa com Três Pátios, Mies Van der Rohe, Berlim, 1934  
**Figura 146.** Complexo habitacional em Marrocos, ATBAT, 1951 **Figura 147.** Quartiere Harrar, desenha-  
do por Figini, Pollini e Ponti, Milão, 1955



norte americanos e também por arquitetos nórdicos. (*Ibidem*, p. 34).

É de salientar que as experiências realizadas por estes arquitetos se concentravam na ideia de proporcionar, com a sua tipologia, condições de vida que contemplassem, para além dos aspetos funcionais, relações comunitárias entre os moradores, conferindo-lhe uma dimensão social. O trabalho de estudo desta tipologia, realizado pelo grupo pioneiro, constituído por Mies van der Rohe, Ludwig Hilberseimer (criador da casa pátio em L) e Philip Johnson a partir dos anos 30 do século XX, é continuado por Mies, nomeadamente na “Casa com três pátios” (1934). José Luis Sert, projeta um conjunto de casas pátio nos seus trabalhos para a América Latina e o plano para Chimbote, na Venezuela, em 1945.

Os arquitetos nórdicos desenvolveram também experiências relativamente a esta tipologia, num local não expectável dadas as condições climáticas, dos quais se destaca Jorn Utzon que, em 1954, realizou um modelo de casas pátio a baixo custo para Skane, no sul da Suécia, e que, embora nunca tenha sido construído, serviu de base a importantes realizações posteriores.

Também em África, são importantes os trabalhos do grupo francês ATBAT (Atelier de Bâtitseurs), do qual fazia parte Shadrak Woods e Georges Candilis, nomeadamente em Marrocos, onde apresentam a tentativa de transportar o conceito de pátio, neste caso em forma de L, para apartamentos em altura, resolvendo problemas de ordem espacial, sem alterar o conceito tradicional das casas marroquinas.

Em Itália, após o estudo de Pagano e Marescotti, em 1940, sobre a casa pátio, destaca-se o Quartiere Harrar, inserido no Plano INA-Casa, de diversos arquitetos como Luigi Figini e Gino Pollini, ou seja, a casa-pátio foi um tema trabalhado por vários arquitetos modernistas para enfrentar o desafio de habitar de forma eficiente, mas também socialmente sustentável.

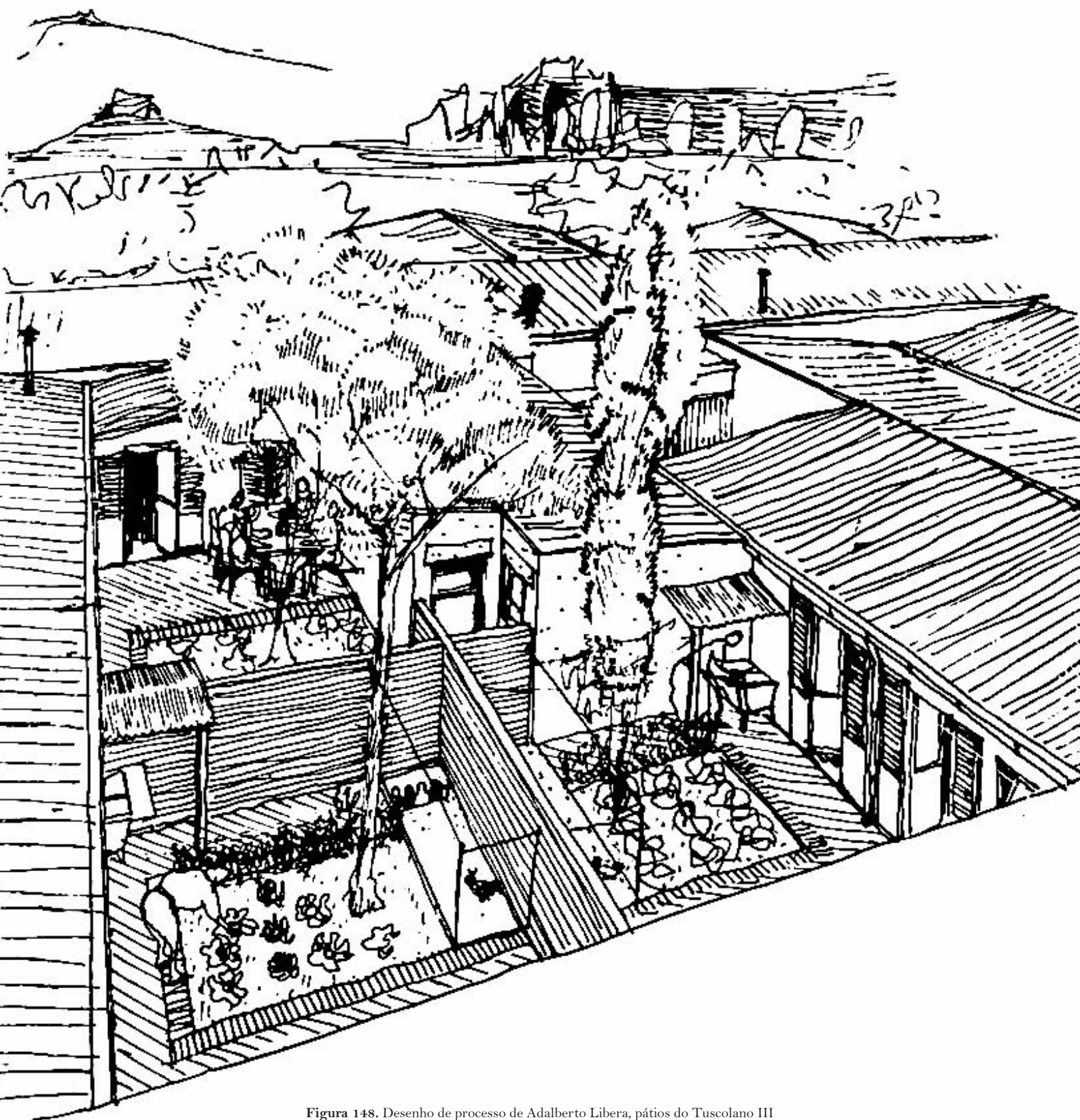


Figura 148. Desenho de processo de Adalberto Libera, pátios do Tuscolano III

Para Nuno Portas, nos anos 60, no entanto, “foi talvez a Adalberto Libera que coube a obtenção da sua mais madura expressão arquitetónico-urbanística.” (Portas, 1959, p. 33).

Assim, sustentado no seu estudo e na sua experiência de viagem, Libera permite-se dedicar ao desenho da **escala do bairro e do planeamento urbano** do mesmo modo que se dedica à **organização interna dos apartamentos**, através do elemento compositivo do **pátio**. Por outras palavras, reinterpreta o tema da casa-pátio no sentido em que tratou de:

“explorar a capacidade de concentração e agrupamento da moradia em pátio, na sequência da citada tradição urbana mediterrânica, organizando um habitat claramente social e popular dotado de uma dimensão capaz de criar condições de auto-suficiência para o equipamento comunitário essencial.”

(Portas, 1959, p. 35)

Podemos então dizer que a Unidade de Habitação Horizontal é o produto de uma longa pesquisa que Libera desenvolve acerca da habitação “à escala humana” e do fascínio que sentiu pela arquitetura marroquina, e que foi possível implementar integrada no plano INA-Casa.

Na Unidade de Habitação, o arquiteto procura um “equilíbrio entre a vida individual e a vida coletiva” possibilitando diferentes momentos de encontro e comunicação ao ar livre entre os moradores do complexo, sendo possível chegar à ideia de “unidade” entre os habitantes. Em primeiro lugar, o pátio, local seguro e privado, de encontro da família; em segundo lugar, o corredor ou espaço entre casas, local de encontro dos vizinhos do respetivo setor; e, em terceiro lugar, o grande jardim central, mais amplo e destinado à comunidade, local de encontro de todos os moradores do complexo. Libera acreditava que “o planeamento urbano é a *projeção espacial das necessidades da vida civil e coletiva*”<sup>50</sup> (Sotgia, 2010, p. 63) e, evocando o que acontece nas ruas

---

50. Citação original: “l’urbanistica è la *proiezione sul piano spaziale delle esigenze del vivere civile e collettivo.*”





da *medina*, desenhou ruas para Unidade de Habitação com o propósito de serem locais de encontros e vivências.

O pátio, como dissemos, “local seguro e privado, de encontro da família” é entendido como forma verdadeira de estar, forma de se estar bem em família e em sociedade, como uma espécie de um concentrado repleto de significados positivos.

Tentemos perceber de que **forma esta tipologia contribui, no presente e num caso concreto, para o desenvolvimento de uma arquitetura humanista, isto é, para o bem-estar dos habitantes da Unidade de Habitação.**

Em primeiro lugar, vamos **explorar a relação do pátio com a casa**, em segundo, **da casa com o complexo** e, por fim, **refletir acerca da sua importância no quotidiano dos seus moradores**. Para tal, necessitamos de saber o que dizem os habitantes do complexo acerca da sua vivência do espaço.

Parte da informação a seguir exposta foi recolhida através de uma entrevista e parte por intermédio de um questionário a uma amostra de residentes, que se encontra disponível em anexo.

Começamos pela casa do Sr. Mimmo, que já conhecemos no primeiro capítulo. Como vimos, foi fazendo algumas alterações ao longo do tempo. Foi o caso da disposição dos espaços internos que permitiu a definição de duas zonas distintas, zona diurna e noturna, consequentemente mais privada. O local da cozinha foi também alterado, permitindo a relação entre esta e o espaço exterior do pátio.



No que diz respeito ao pátio, vimos que o Sr. Mimmo (2018) decidiu retomar a ideia de espaço de cultivo desenhado por Adalberto Libera nos anos 50 e fazer um canteiro junto ao muro de separação entre o seu pátio e o do vizinho.

“(...) decidimos, posteriormente, fazer um aumento, como referi há pouco, de forma a que pudéssemos tirar mais proveito dele, mudámos um pouco a estereotomia do chão porque queríamos ter um espaço para cultivar, então resolvemos encher uma parte com terra. Fizemos, ainda, uma pequena sala de arrumações porque percebemos que há muita coisa que queremos guardar durante certas estações do ano e então achámos que esta era a solução mais confortável, funciona como um anexo de apoio ao pátio.”

Através do Sr. Mimmo, percebemos que o seu pátio é o local central da habitação, cuja vivência determinou alguns melhoramentos ao longo do tempo, e que é um espaço exterior para o qual confluem a maioria das divisões interiores da casa, coincidentes com duas frentes. A terceira é virada para o corredor do setor, ligando assim o pátio a uma zona comum aos outros moradores.

Gino (2018), um dos seus vizinhos, diz-nos:

“Para mim, o pátio é o espaço mais importante da nossa casa. É onde cultivamos inúmeras plantas e gostamos de o manter cuidado com bastantes flores. É muitíssimo usado no Verão, fazemos todas as refeições lá fora e é também um lugar muito agradável para receber os convidados.”

Sofia Sachetti (2018), uma outra moradora do complexo, acrescenta:

“Não usamos o pátio tanto como gostaríamos, mas ainda temos lá alguns vasos, fazemos alguns trabalhos com os miúdos no verão e usamos imenso para secar a roupa. (...) O pátio é a parte central da casa, onde a nossa família convive bastante. Temos uma pequena horta, o que nos permite ter alguma independência dos supermercados a nível de legumes. Quando chega o Verão





**Figura 150.** Pátio de uma casa do Tuscolano III  
**Figura 151.** Corredores exteriores comuns, Tuscolano III



organizamos muitos jantares e festas no jardim. É um espaço muito bonito e íntimo. (...) Gosto muita da organização desta casa. O pátio permite-nos ter muita luz em casa durante a tarde, o que é muito confortável.”

Segundo estes moradores, o pátio permite a reunião da família em momentos de lazer, na realização de refeições e o cultivo de plantas sazonais que utilizam na sua alimentação. É um espaço que gostam de cuidar e manter agradável, onde fazem festas, ideal para receber os amigos.

Após a compreensão da relevância do pátio na vida familiar, dediquemo-nos à relação da casa com o complexo. Como vimos no capítulo I, cada conjunto de dez casas está agrupado num setor, organizado por um corredor localizado a eixo, que faz a distribuição para a entrada das casas. Esse corredor, com aproximadamente 2,7m de largura, possuía inicialmente um banco destinado a proporcionar conforto ao descanso aos moradores no convívio do final da tarde ou do fim de semana. É um espaço comum, disponível para os vizinhos mais próximos. É de salientar a existência de um portão que impediria a entrada de estranhos ou a saída das crianças que hipoteticamente se encontrassem a brincar no espaço. É fácil de imaginar janelas e portas abertas, possível numa grande cidade unicamente devido à tipologia deste bairro, como nos confirma o Sr. Mimmo (2018):

“Quando os nossos filhos eram pequenos e precisávamos de sair, ficávamos muito descansados se os deixássemos com os nossos amigos e vizinhos. E, por experiência própria, tudo isto acontece porque vivemos aqui, num local tão seguro e tão agradável ao convívio. O projeto de Libera era muito ligado à socialização, e quantos mais espaços de convívio existissem, melhor. (...) Num certo momento da vivência desta unidade horizontal, estes espaços eram muito usados porque era onde as pessoas se encontravam depois do trabalho ou ao fim-de-semana para pôr a conversa em dia. (...) Por exemplo, em todos os setores existem pequenos largos onde foram colocados bancos nos anos 50 (...)”



152 **Figura 152.** Casal com um carrinho de bebé descansar num dos bancos do jardim central do Tuscolano III

Além dos corredores privativos de cada um dos diversos setores, existe um espaço ajardinado comum a todos eles. Esse espaço é arborizado e disponibiliza percursos pedonais por onde as pessoas passeiam e diversos bancos que utilizam para descansar, conversar, ler ou simplesmente usufruir de ar livre e tranquilidade.

As afirmações de Sofia Sachetti (2018) colaboram com esta questão:

“Do que mais gosto neste complexo é o facto de não ter escadas, acho que isso é uma grande vantagem, pois permite a fácil circulação de um carrinho de bebé, por exemplo. Além disso, favorece o uso diário de bicicleta, e possui um local indicado para a guardar, que é o pátio. “

Sara (2018) apresenta-nos o seu enorme gosto no sítio onde tem a sorte de morar:

“ Gosto muito da minha casa, de ter os quartos virados para o pátio e gosto de ter espaço para a minha bicicleta do lado de fora da porta. O jardim do condomínio é também uma das vantagens de viver neste sítio, onde podemos ter contacto com a natureza sem sair de casa.”

Estes aspetos particulares facilitam, como vimos, os desejos de uma vida saudável, tranquila e onde a entreaajuda é uma realidade, com explica Gino (2018):

“O que mais me agrada no facto de viver aqui é a independência entre os vizinhos, mas a entreaajuda que existe quando precisamos. O silêncio que se sente nesta casa é impagável, o que já não se pode dizer das casas que se encontram, por exemplo, perto da Via Tuscolana que, no entanto se encontram mais centrais em termos de serviços .”

A estrutura do bairro propicia o convívio e a proximidade entre os moradores, enquanto assegura a autonomia da unidade familiar. Este é um aspeto referido por muitos dos entrevistados.







“Vivo aqui há 25 anos. O ambiente arquitetónico do complexo, com as casas-pátio de um só piso, torna os moradores mais próximos, dando-lhes a possibilidade de convívio que acredito que não exista noutros locais.”, afirma Stefano (6 Abril, 2018), outro dos moradores, e conclui: “Adoro o sítio onde vivo, a estrutura deste complexo e a vida que aqui passamos.” (*Ibidem*).

A solidão, tema problema dominante nos nossos tempos relativamente às gerações mais idosas, parece-nos minorada neste tipo de complexo, pois os seus moradores preocupam-se com a dinamização de diversas atividades.

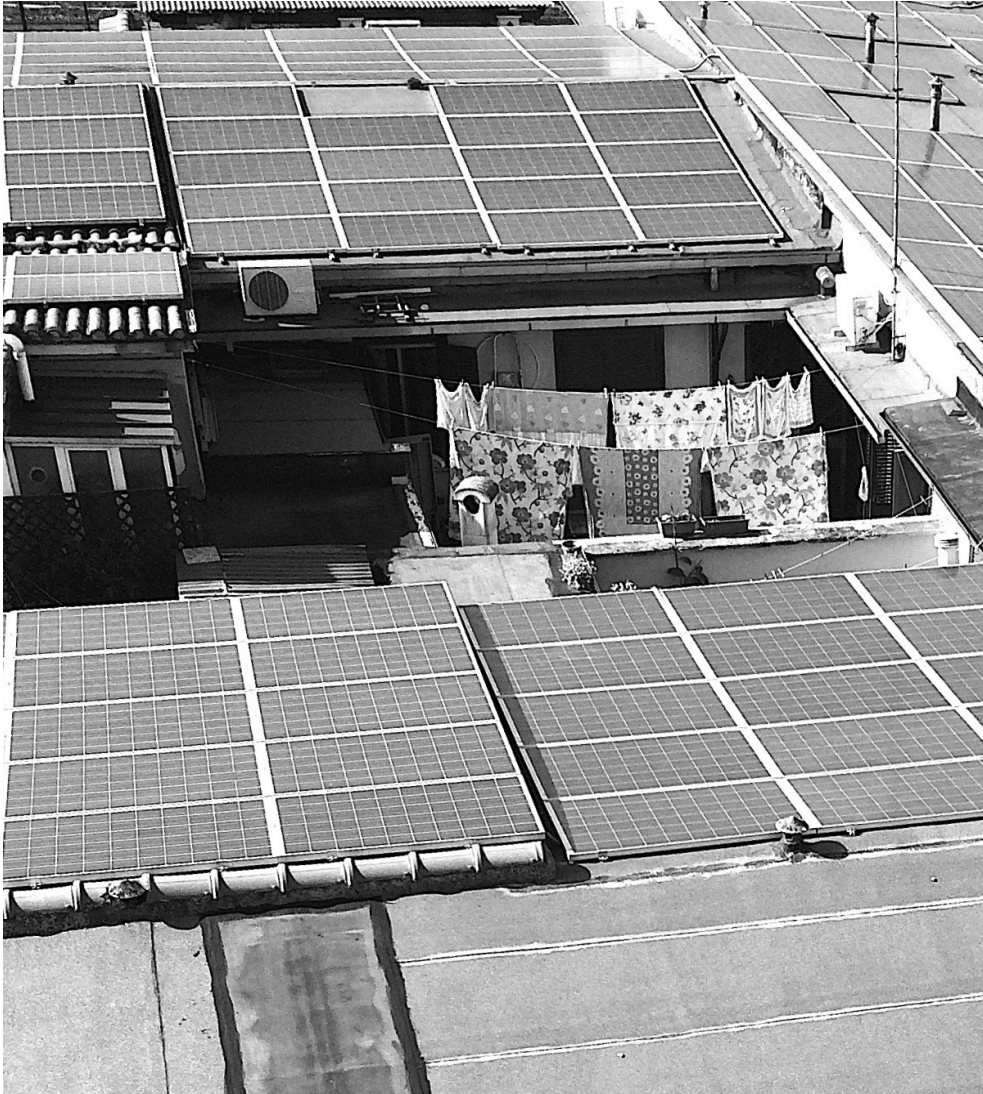
“Existem bastantes espaços comuns, como é o caso dos corredores aqui fora e do jardim comum que facilita bastante o convívio com pessoas da nossa idade. Posso dizer que em relação a esta questão, não podia pedir melhor. (...) Tentamos sempre organizar iniciativas para envolver todo o condomínio, fazemos todos os anos uma festa da Primavera e um churrasco no Verão, bem como alguns projetos mais pequenos durante o ano. Tenho muitos amigos no condomínio, com quem partilho bastantes experiências e várias práticas de convivência e proximidade.”

(Sara, 6 Abril, 2018)

Stefano (2018) considera que:

“A intenção do arquiteto de permitir a partilha de um espaço com os vizinhos, mas também a privacidade da família, permanece atual e funciona. Libera viu o futuro do ser humano na harmonia presente entre si mesmo, a natureza e a vizinhança. Infelizmente este modelo devia ter sido replicado noutros pontos da cidade ou, falando numa escala menor, na totalidade do bairro Tuscolano. Penso que este pequeno espaço de encontro de todos os vizinhos é fundamental para não nos sentirmos sozinhos.”

Então, através da experiência dos moradores da Unidade de Habitação, que conclusão podemos tirar acerca do humanismo pretendido por Libera no desenho deste complexo?



Primeiro, que os objetivos de convivialidade dentro e fora de casa, bem como a ligação à natureza foram conseguidos. Os habitantes gostam da casa que habitam, embora sintam que o espaço, que em tempos foi construído para famílias carenciadas, se revela reduzido para elas. No entanto, contornam facilmente a situação, através de pontuais melhoramentos internos. Gostam, principalmente, da ligação da casa com o pátio, no sentido em o que utilizam no seu dia-a-dia e o estimam. Valorizam as suas potencialidades, nomeadamente o aporte de luz, a privacidade e ausência de ruído, além da possibilidade de cultivarem alguns produtos, e apreciam as várias escalas de convívio que este promove. Relativamente aos espaços comuns, os habitantes estimam a possibilidade de convívio, a tranquilidade, a relação com a natureza, a entreaajuda e a diminuição de solidão.

De facto, ao longo dos tempos, a arquitetura desempenha, em cada cultura, cada lugar e cada tempo, um papel essencial. Além da questão de abrigo, a arquitetura relaciona-se com condições socioculturais, com a geografia, a disponibilidade de materiais, a tecnologia, a economia e muitas outras. Mas é acima de tudo a organização do espaço que se afigura determinante para a forma como a sociedade se estrutura e interage. A casa é um palco de vivências, recetáculo de memórias repleto de significados e, enquanto espaço habitável, vai muito para além do físico.

Foi o que constatámos na Unidade de Habitação Horizontal, onde a organização do espaço possibilita, de facto, um tipo de vivência particularmente positivo. Os objetivos de Adalberto Libera em criar uma arquitetura propiciadora de um ambiente humanista e que respondesse às necessidades de vida quotidiana moderna dos moradores, de espaço e de bem-estar, são claramente visíveis, tendo perdurado através das décadas, encontrando-se ainda perfeitamente válidos e atuais.





## Reflexões Finais

“Tempo é uma palavra transversal a qualquer pessoa que fale em desenhar. Transforma-se em espaço, em rigor, em lugar. O tempo condiciona a própria experiência no lugar. O desenho requer uma pré-disposição mental para que o façamos, ou então não. É algo que limita ou expande a nossa visão, dependendo da forma como o interpretamos. Estou sentada na última escada do obelisco da *Piazza del Popolo* e são 14:37h. Acabei agora de almoçar com a Mafalda e ela apanhou o metro para casa. À minha frente tenho as igrejas gêmeas, das quais não me lembro do nome e, entre elas, a *Via del Corso*. Não está um dia de frio, mas está nublado. No entanto, ainda consigo distinguir as linhas do *Altare della Patria* ao fundo da grande rua. Acho que só reparo nisso porque estou a perceber se tenho tempo de começar o desenho ou não. Enquanto esperava pelo autocarro, estive a ler a informação acerca da “Unidade de Habitação Horizontal” do arquiteto Adalberto Libera, que estava no guia turístico que tenho na carteira. O tempo é algo moderador, é algo decisivo e que passa sem que seja preciso autorização. Se tivesse começado a desenhar em vez de escrever, já estava o desenho feito.”

Roma, 12 de janeiro de 2017, *Diário de Viagem*

A reflexão sobre o tempo serve para iniciar a conclusão deste trabalho. Refere-se ao tempo de iniciar um percurso, em Roma, com a preparação de uma primeira visita à Unidade de Habitação do Tuscolano III, do arquiteto Adalberto Libera. A visita aconteceu, mais tarde no tempo, abrindo caminho para a compreensão da forma como este bairro, projetado no segundo pós-guerra, é vivido nos dias de hoje. Conversámos com os seus moradores e observámos a forma como vivenciam o espaço e a forma como esse espaço onde levam as suas vidas contribui para o seu bem-estar, para chegarmos a uma conclusão acerca da consecução, através da permanência no tempo, dos objetivos do arquiteto.

Para percebermos como foi possível a construção de um bairro com estas



características, dedicámo-nos a compreender as ideias, estudos, críticas e fascínios que enquadraram este projeto.

Tentámos agarrar e representar uma realidade distante. Como era a Itália do segundo pós-guerra? Como viviam as pessoas? Porque nasceu o Ina-Casa? Como? Em que momento e movimento arquitetónico se enquadrou? Teve este complexo habitacional a preocupação de se integrar na cidade? O arquiteto teve a preocupação de que a cidade se integrasse no bairro? Teve em consideração as necessidades reais de bem-estar das pessoas?

Conseguimos identificar que grande parte da desumanização das nossas cidades se relaciona com aspetos socioeconómicos. Conseguimos perceber que a arquitetura não pode resolver, isoladamente, os problemas que as cidades enfrentam. Consideramos, em jeito de conclusão, que a arquitetura pode contribuir efetivamente para minorar aspetos considerados negativos e contribuir ainda para o bem-estar das populações.

Libera encontrou na Unidade de Habitação a aplicação dos estudos que desenvolveu durante bastante tempo sobre a relação da arquitetura moderna com o local e as pessoas. Embora de certo modo seja reivindicada a intimidade absoluta da família, por outro lado é estabelecido um equilíbrio através dos vários espaços de convívio com a comunidade. E as duas fases do seu percurso verificam-se na Unidade de Habitação: por um lado, a visão racionalista da arquitetura numa vida moderna que exige o acesso aos serviços; por outro, a consideração pela realidade e necessidades do indivíduo real, considerado na sua essência de ser humano, integrado numa família e numa comunidade.

Libera considera que, na cidade, há espaço para a existência de uma escala social, hoje diríamos também local, onde as pessoas podem satisfazer as suas necessidades e encontrar o seu bem-estar, identificando-se com o espaço onde vivem.





Como faz referência o grupo “Team 10” (Hoddesdon, 1952 como citado em Frampton, 2003, p. 271):

“O Homem prontamente se identifica com o seu próprio lar, mas não facilmente com a cidade em que está situado. “Pertencer” é uma necessidade emocional básica - as suas associações são da ordem mais simples. Do “pertencer”-identidade-provém o sentido enriquecedor da urbanidade.”

Um dos moradores do complexo, Stefano (6 abril, 2018), diz-nos que “Infelizmente este modelo devia ter sido replicado na totalidade do bairro Tuscolano ou, falando numa escala maior, noutros pontos da cidade”.

Será que concordamos com esta afirmação?

O Sr. Mimmo (6 abril, 2018), num dos pontos da sua entrevista, confessa-nos:

“O único aspeto a que nos custou habituar foi à falta de vistas. Antes vivíamos num prédio bastante alto e tínhamos uma vista muito bonita, tínhamos o horizonte para lá da nossa janela. Aqui, isso não acontece.”

Esta unidade de habitação foi pensada por Libera para cerca de 300 famílias. Tem lojas, espaços verdes e não tem trânsito. É coerente e funciona para quem lá vive. No entanto, a afirmação do Sr. Mimmo leva-nos a colocar uma questão muito importante: como se relaciona com o quarteirão do Tuscolano e com a cidade de Roma? Se toda a cidade fosse como a unidade de habitação então não seria toda ela um mesmo produto genérico e global desumanizante?

Consideramos que o que contribui para gerar o sucesso da unidade de habitação de Libera, que perdurou no tempo e se mantém ainda hoje, é a conjugação de vários fatores, tais como a excecionalidade do modelo e a originalidade face ao problema de projeto, que se alicerça numa posição crítica face às normas vigentes da indústria da construção e do estilo arquitetónico, bem como das regras urbanas; num estudo demorado no tempo e dedicado a problemas específicos; em viagens, contactos interculturais, observação de



culturas urbanas e arquitetônicas de uma região mais ampla do que Itália, o Mediterrâneo.

Todos estes fatores se agregaram numa forma que, como vimos, é muito respeitadora e cuidadosa com as necessidades holísticas do ser humano. E é este aspecto o que parece ser mais valorizado pelos moradores.





**Anexos**

**Anexo 1:** Entrevista realizada no dia 6 de Abril de 2018, ao Sr Mimmo, morador da Unidade de Habitação Horizontal, Tuscolano, em Roma

**1. Conhece o Plano Ina-Casa?**

Sim, conheço bem. A vinda para esta casa foi escolha nossa. O que nos interessou, para além de todo o ambiente do bairro, foi a história do mesmo. Comprámos esta casa a um signatário do plano Ina-Casa, uma pessoa idosa que vivia aqui desde o fim da construção do complexo. Os filhos não tinham interesse em viver cá e venderam-nos a casa em 1999, altura em que a moeda era a Lira, ainda não existia o Euro.

A Unidade de habitação, nome pelo qual muitos conhecem, chama-se Tuscolano III, porque foi a terceira fase de toda a construção do Tuscolano nos anos 50, o bairro onde nos encontramos. Este é um assunto que me motiva bastante.

Um político italiano moderado, de nome Amintore Fanfani, nos anos após a segunda grande guerra, propôs uma lei de nome “Provvedimenti per incrementare l’occupazione operaia, agevolando la costruzione di case per lavoratori” e o objetivo era que as grandes cidades, em particular Roma, atraíssem pessoas do Sul, do meridional. Isto acontecia porque em Roma, naqueles anos, havia uma grande aposta e especulação na construção de edifícios. Desta forma, precisava-se de muitos operários para fazer todo este trabalho de construção manual. Houve, então a necessidade de criar bairros operários em Roma. Esta lei tinha dois grandes objetivos integrados: a criação de empregos, porque as pessoas que vieram para Roma, claramente vieram atrás de uma melhor qualidade de vida; e a reconstrução do país, que era urgente naquela altura.

Para esta unidade horizontal bem como para outros bairros INA-Casa, vieram viver as pessoas que migraram do Sul ou do Centro de Itália, que deixaram



a agricultura, atraídas pela promessa de trabalho, pessoas que, naquele momento eram necessárias para a grande reconstrução da cidade destruída. Aproveitaram estas casas com rendas muito baixas, o que era realmente vantajoso porque durante 20 anos pagavam uma renda muito baixa ao estado e, passados esses anos, a casa tornava-se propriedade sua.

A sigla INA-Casa significa “Istituto Nazionale Autonomo per le Case” e era uma organização do estado que tinha o plano de reconstruir o país, atribuindo, no final, as casas aos operários. No geral, Amintore Fanfani era um político moderado, da democracia cristã, mas bastante progressista.

## **2. Costumam ter muitas visitas à obra? De quem?**

Sim, costumamos ter visitar regularmente. Normalmente são estudantes de arquitetura que vêm com os professores. Costumam vir muitos japoneses, americanos, franceses... Há também visitas regulares de estudantes italianos ou de alunos que estão a fazer Erasmus. No entanto, também é comum ver estudantes sozinhos, tal como tu. Realmente a arquitetura destas casas é particular.

## **3. Qual é o tipo de habitantes que vivem aqui na Unidade de Habitação?**

Existem dois tipos de habitantes: ou muitos idosos, aqueles que iniciaram este projeto e que vão ficando; ou então pessoas da minha idade, 50/60 anos, considerados mais jovens, que são os filhos dos proprietários iniciais e que permanecem aqui com um fundo social de nível baixo hoje. Também há pessoas como eu que, por interesse próprio, compraram a casa.

## **4. Todas as casas que aqui vemos são propriedade dos moradores? Ou ainda há casas do estado?**

De um modo geral, todas as casas têm um proprietário que, ou a comprou na altura, ou uns anos mais tarde. Existem 8 apartamentos que pertencem ao estado e um deles está à venda.





### 5. Qual é a relação entre moradores?

Conhecemo-nos todos porque realmente este é um sítio que promove a socialização, no entanto, vamos tendo os nossos problemas, como é normal. O facto de dividirmos o mesmo espaço faz com que o mesmo seja um problema de todos e de ninguém. Um exemplo bastante atual, que divide o condomínio, é a questão de os carros poderem ou não entrar na propriedade. Todos sabemos que os automóveis e as motas não são permitidos aqui dentro, no entanto, as pessoas continuam a deixá-los cá. Eu e outras famílias na mesma condição que nós, que vieram para aqui por escolha, lutamos muito para que os carros saiam do recinto até porque há crianças que brincam no exterior e pessoas mais idosas que se podem magoar. O objetivo de Libera era a socialização entre moradores, e a presença dos carros está a torná-lo um pouco complicado de cumprir. A mentalidade de algumas pessoas é um pouco fechada e o comodismo singular é mais importante do que o bem-estar do complexo no geral.

Para responder à pergunta, sim, as pessoas conhecem-se um pouco a todas. Fiz muito boas amizades aqui, com pessoas que aqui viviam antes de nós, e sei que se estivesse a viver num prédio, as relações não iam ser as mesmas. Nós e outros casais amigos criámos um “gruppo di acquisto solidale”, algo que por vezes acontece em Itália. É um grupo que compra/ adquire “coisas” em conjunto, por exemplo de 15 em 15 dias fazemos compras de produtos biológicos, e temos este sistema para que possamos descobrir coisas novas e para promover a partilha entre vizinhos. É um grupo de amigos que funciona muito bem, e isso passou para os nossos filhos que desde pequenos brincam juntos, vão para casa uns dos outros, encontram-se no jardim comum, etc. Quando os nossos filhos eram pequenos e precisávamos sair, ficávamos muito descansados se os deixássemos com os nossos amigos e vizinhos. E, por experiência própria, tudo isto acontece porque vivemos aqui, num local tão seguro e tão agradável ao convívio.

O projeto de Libera era muito ligado à socialização, e quantos mais espaço de convívio existissem, melhor. Por exemplo, em todos os setores existem



pequenos largos onde foram colocados bancos nos anos 50 mas, neste momento já não existem... As pessoas preferem usar o espaço para estacionar as suas motos, mas na verdade aquele espaço é público. Só há 1 setor que tem o banco original. Num certo momento da vivência desta unidade horizontal estes espaços eram muito usados porque era onde as pessoas se encontravam depois do trabalho ou ao fim-de-semana pôr a conversa em dia. As relações entre moradores são muito boas, mas em grupos!

Existe um grande problema na gestão condomínio porque somos 140 casas e é impossível termos todos de acordo. Para além disso, há pessoas que não pagam a parte conjunta, por opção. São pessoas que preferem elevar o seu nível de vida pessoal e ignoram os problemas comuns. e, Não lhes incomoda que o piso esteja estragado, por exemplo... Acham que a parte coletiva não é importante e que não é preciso fazer melhorias. Só temos contribuição do estado naqueles 8 apartamentos que referi e torna-se complicado gerir estas situações.

#### **6. A sua casa já sofreu muitas mudanças a nível interno?**

Sim, algumas. Na verdade, esta uma casa é um pouco particular porque neste momento está ampliada, tem 120m<sup>2</sup>. Mas ela não nasceu assim, era uma casa de 80 m<sup>2</sup>, muito mais pequena. Passados uns anos, comprámos a casa de trás quando a senhora que lá vivia faleceu. Decidimos alargar esta casa e a outra ficou mais pequena e oferecemo-la à minha filha.

#### **7. Qual é a relação que estabelecem com o pátio no dia-a-dia?**

Usamos imenso o pátio. Plantamos os nossos próprios legumes, tanto durante o inverno, como durante o verão. Sempre que o tempo permite, jantamos lá fora, mesmo durante o inverno, quando está sol. É um espaço muito valorizado cá em casa. Quando as crianças eram pequenas usavam muito o pátio, traziam amigos, espalhavam os brinquedos todos pelo chão, etc. É um espaço muito versátil porque permite que as crianças sejam mais livres. Usavam também o “giardino condominiale” e é por isso é que lutamos muito para que os carros sejam proibidos de vez.





**8. Como era o pátio quando compraram a casa?**

Quando viemos para cá era muito mais pequeno. Antigamente era usado pelo senhor que cá vivia como espaço de arrumação. não estava muito cuidado. Penso que deixou de dar o devido valor a este espaço à medida que o tempo foi passando.

**9. Fizeram modificações, portanto...**

Sim, decidimos, posteriormente fazer um aumento, como referi há pouco, de forma a que pudéssemos tirar mais proveito dele, mudámos um pouco a estereotomia do chão porque queríamos ter um espaço para cultivar, então resolvemos encher uma parte com terra. Fizemos, ainda, uma pequena sala de arrumações porque percebemos que há muita coisa que queremos guardar durante certas estações do ano e então achámos que esta era a solução mais confortável, funciona como um anexo de apoio ao pátio.

**10. O que é que lhe agrada mais na sua casa? E o que é que lhe agrada menos?**

Relativamente à casa, penso que gosto um pouco de tudo. Na verdade, fomos nós que escolhemos viver aqui... Realmente é um modo de vida muito bonito. Há uma grande possibilidade de encontro entre as pessoas e isso acaba por fortalecer relações. Temos aqui o nosso espaço privado, que consideramos muito nosso e com o qual tentamos ter o máximo de cuidado. O que mais gosto é, sem dúvida o pátio, o espaço ao ar livre. Um aspeto que nos custou a habituar foi à falta de vistas. Antes vivíamos num prédio bastante alto e tínhamos uma vista muito bonita, tínhamos o horizonte para lá da nossa janela. Aqui isso já não acontece. Mas o que nos incomodava era o barulho, tanto das pessoas, como dos carros... Era uma zona com muito transito e, tanto de noite, como durante o dia, havia muito barulho dos carros. Claro que viver aqui, tal como em todo o lado, tem os seus problemas, mas traz-nos muita tranquilidade e isso é algo que valorizamos bastante. E esta zona da cidade também foi evoluindo aos poucos: abriu aqui um bar que está sempre completo à sexta e sábado à



noite, há também aqui uma pizzeria que nos dá muito jeito, um centro social onde às vezes fazem concertos... É bastante agradável. Acredito que se não vivesse aqui não teria amizades tão fortes como as que tenho e não teria a calma e o sossego que tenho diariamente.





**Anexo 2:** Questionário realizado no dia 6 de Abril de 2018, a Stefano, morador da Unidade de Habitação Horizontal, Tuscolano, em Roma

**1. Conhece o Plano Ina-Casa?**

Não.

**2. Qual é o tipo de habitantes que vivem aqui na Unidade de Habitação? São pessoas mais jovens ou mais idosas?**

Diria que há uns anos havia mais idosos do que jovens, mas neste momento, encontramos cá bastantes jovens.

**3. Qual é a relação entre moradores? Conhecem-se todos, no geral?**

A relação entre vizinhos é boa, mas nem com toda a gente.

**4. Há quanto tempo vive cá? Pode descrever as razões que o/a levaram a viver aqui?**

Há 25 anos. O ambiente arquitetónico do complexo, com as casa pátio de um só piso, torna todas as casas mais próximas, dando a possibilidade de convívio que não é possível noutros locais. Desagrada-me bastante que haja pessoas a estacionar o carro no interior do condomínio porque não deixa que os moradores usem o espaço comum como deveriam.

**5. A sua casa já sofreu muitas mudanças a nível interno?**

Quando comprei o apartamento fiz várias alterações. Lembro-me de não gostar nada da cozinha original e, por isso, demoli a parede que a separava da sala.

**6. Qual é a relação que estabelecem com o pátio no dia-a-dia? Usam com frequência ou pontualmente?**

Uso imenso, especialmente no Verão.



**7. Como era o pátio quando compraram a casa? Fizeram algum tipo de alteração?**

**8. Do que mais gosta na sua casa? E do que menos gosta?**

Gosto da estrutura, do lugar, da vida que acontece. Não suporto o barulho do comboio.

**9. Reparei que o complexo está bastante limpo. Existem associações de moradores que se responsabilizam por essa parte? Como é que funcionam?**

Sei que existem associações que fazem a limpeza do condomínio, mas não conheço o funcionamento.

**10. Sente que os objetivos do arquiteto, Adalberto Libera, foram alcançados? Sente que ainda existe convivência entre os moradores?**

Libera quis que o futuro do ser humano fosse em harmonia consigo mesmo e com a vizinhança. Infelizmente não foi levado em consideração e via Selinunte n 49 é o único projeto existente em Roma. Um ponto de encontro para as pessoas um quadrado um jardim eu acho que é fundamental





**Anexo 3:** Questionário realizado no dia 6 de Abril de 2018, a Laura, moradora da Unidade de Habitação Horizontal, Tuscolano, em Roma

**1. Conhece o Plano Ina-Casa?**

Sei apenas que é um plano para a construção de habitações realizado após a segunda guerra mundial.

**2. Qual é o tipo de habitantes que vivem aqui na Unidade de Habitação? São pessoas mais jovens ou mais idosas?**

Existem muitas pessoas adultas e idosas, mas com o tempo nota-se a chegada de cada vez mais casais jovens.

**3. Qual é a relação entre moradores? Conhecem-se todos, no geral?**

A realidade é semelhante a uma pequena vila onde todos se conhecem de vista, mas só se estabelece relação com alguns.

**4. Há quanto tempo vive cá? Pode descrever as razões que o/a levaram a viver aqui?**

Eu moro aqui há 4 anos. Conhecíamos muitas pessoas que já moravam cá. Pessoalmente, não gosto de morar em prédios altos e sempre sonhei ter uma vida mais calma. Este condomínio trouxe-me essa possibilidade.

**5. A sua casa já sofreu muitas mudanças a nível interno?**

Um trabalho estrutural que fizemos foi criar um ambiente único entre a cozinha e a sala de estar.

**6. Qual é a relação que estabelecem com o pátio no dia-a-dia? Usam com frequência ou pontualmente?**

Consideramos o pátio como um espaço muito importante da casa, obviamente usado apenas quando o tempo o permite.



**7. Como era o pátio quando compraram a casa? Fizeram algum tipo de alteração?**

Não fizemos nada de significativo.

**8. Do que mais gosta na sua casa? E do que menos gosta?**

Acho que gosto de tudo na minha casa. No que diz respeito ao complexo, faria algumas obras de manutenção nos espaços comuns.

**9. Reparei que o complexo está bastante limpo. Existem associações de moradores que se responsabilizam por essa parte? Como é que funcionam?**

Existem voluntários do bairro que, juntamente com a associação “Retake”, fazem a limpeza das áreas comuns.

**10. Sente que os objetivos do arquiteto, Adalberto Libera, foram alcançados? Sente que ainda existe convivência entre os moradores?**

A ideia sempre me pareceu muito agradável, mas a convivência nem sempre é fácil.





**Anexo 4:** Questionário realizado no dia 6 de Abril de 2018, a Sofia Sachetti, moradora da Unidade de Habitação Horizontal, Tuscolano, em Roma

**1. Conhece o Plano Ina-Casa?**

Não conheço.

**2. Qual é o tipo de habitantes que vivem aqui na Unidade de Habitação? São pessoas mais jovens ou mais idosas?**

Penso que existe bastante equilíbrio de idades.

**3. Qual é a relação entre moradores? Conhecem-se todos, no geral?**

Conhecemo-nos todos de vista.

**4. Há quanto tempo vive cá? Pode descrever as razões que o levaram a viver aqui?**

Vivemos cá há 15 anos. Depois de nascer o nosso primeiro filho, tivemos a necessidade de mudar para uma casa maior e achámos este sítio perfeito para ele crescer.

**5. A sua casa já sofreu muitas mudanças a nível interno?**

Juntámos a cozinha e a sala num só espaço. No pátio, construímos um anexo que não existia no projeto inicial. Nos últimos anos, algumas coberturas foram alteradas e foram também colocados painés solares em alguns telhados.

**6. Qual é a relação que estabelecem com o pátio no dia-a-dia? Usam com frequência ou pontualmente?**

Não o usamos tanto quanto gostaríamos.

**7. Como era o pátio quando compraram a casa? Fizeram algum tipo de alteração?**



Alterámos o piso de toda a casa e adicionámos um toldo no pátio.

**8. Do que mais gosta na sua casa? E do que menos gosta?**

A parte à qual mais dou valor é a ausência de escadas e a presença do pátio, que favorece o uso diário da bicicleta. A parte menos agradável é a presença de um imponente prédio escolar, construído depois do complexo, que nos tira imensa luz, especialmente durante as manhãs de inverno.

**9. Reparei que o complexo está bastante limpo. Existem associações de moradores que se responsabilizam por essa parte? Como é que funcionam?**

Não sei como funciona em termos de limpeza, mas acho que devia ser dada mais atenção à manutenção do complexo.

**10. Sente que os objetivos do arquiteto, Adalberto Libera, foram alcançados? Sente que ainda existe convivência entre os moradores?**

Se a intenção do arquiteto era promover uma interação mais estreita entre os habitantes, isso foi amplamente alcançado. Existe um clima de grande familiaridade entre os moradores. Toda a gente se conhece.





**Anexo 5:** Questionário realizado no dia 6 de Abril de 2018, a Gino, morador da Unidade de Habitação Horizontal, Tuscolano, em Roma

**1. Conhece o Plano Ina-Casa?**

É um plano de construção habitacional projetado no início dos anos 50, que incluiu a construção de várias estruturas projetadas pelos arquitetos De Renzi, Muratori e Libera, entre outros.

**2. Qual é o tipo de habitantes que vivem aqui na Unidade de Habitação? São pessoas mais jovens ou mais idosas?**

Há uma mudança geracional bastante significativa; os apartamentos que recentemente se encontraram à venda, encontraram compradores mais jovens.

**3. Qual é a relação entre moradores? Conhecem-se todos, no geral?**

Neste condomínio todos se conhecem um pouco e, no geral, as relações que temos entre moradores são boas.

**4. Há quanto tempo vive cá? Pode descrever as razões que o levaram a viver aqui?**

Vivo aqui há 33 anos. Mudei-me para cá porque era a casa dos pais da minha esposa.

**5. A sua casa já sofreu muitas mudanças a nível interno?**

Foi objeto de algumas mudanças estruturais imediatamente após a família da minha esposa ter vindo viver para aqui, há 50 anos. No que diz respeito ao complexo, parece não ter sofrido mudanças estruturais significativas, exceto em termos de usos, como é o caso de algumas zonas do condomínio terem sido gradualmente convertidas em estacionamento.



**6. Qual é a relação que estabelecem com o pátio no dia-a-dia? Usam com frequência ou pontualmente?**

Para mim, é a parte mais importante da minha casa, onde cultivamos inúmeras plantas e plantamos flores. É muito usado no Verão, para receber os amigos.

**7. Como era o pátio quando compraram a casa? Fizeram algum tipo de alteração?**

Para mim, é a parte mais importante da minha casa, onde cultivamos inúmeras plantas e plantamos flores. É muito usado no Verão, para receber os amigos.

**8. Do que mais gosta na sua casa? E do que menos gosta?**

Adoro o pátio, a independência que existe entre vizinhos e, ao mesmo tempo, a possibilidade de nos juntarmos quando queremos. Também me agrada o silêncio que temos aqui (com a exceção do comboio, mas ao qual já estamos habituados). O que mais me desagrada é a degradação cada vez mais constante do complexo.

**9. Reparei que o complexo está bastante limpo. Existem associações de moradores que se responsabilizam por essa parte? Como é que funcionam?**

Para ser sincero, não sei se existem associações de moradores que façam a manutenção da limpeza, a minha mulher é que está mais envolvida nos assuntos do condomínio.

**10. Sente que os objetivos do arquiteto, Adalberto Libera, foram alcançados? Sente que ainda existe convivência entre os moradores?**

Sim, temos o hábito de nos juntarmos no jardim.





**Anexo 6:** Questionário realizado no dia 6 de Abril de 2018, a Sara, moradora da Unidade de Habitação Horizontal, Tuscolano, em Roma

**1. Conhece o Plano Ina-Casa?**

Não...

**2. Qual é o tipo de habitantes que vivem aqui na Unidade de Habitação? São pessoas mais jovens ou mais idosas?**

De todas as idades, desde idosos a crianças.

**3. Qual é a relação entre moradores? Conhecem-se todos, no geral?**

Todos nos conhecemos mais ou menos, mas não tenho uma excelente relação com todos os vizinhos.

**4. Há quanto tempo vive cá? Pode descrever as razões que o levaram a viver aqui?**

Vivo aqui desde que tinha cerca de seis anos, os meus pais decidiram comprar esta casa. Eu cresci e passei a minha infância neste condomínio.

**5. A sua casa já sofreu muitas mudanças a nível interno?**

Para ser sincera, não me recordo...

**6. Qual é a relação que estabelecem com o pátio no dia-a-dia? Usam com frequência ou pontualmente?**

O pátio é a parte central da casa, que eu e a minha família usamos muito. Temos uma pequena horta e, logo que chega o verão, organizamos jantares e festas no jardim. É um espaço muito bonito e íntimo.

**7. Como era o pátio quando compraram a casa? Fizeram algum tipo de alteração?**



Os meus pais mudaram um pouco a estrutura da sala e da cozinha, mas para ser sincera não me lembro de como era antes.

**8. Do que mais gosta na sua casa? E do que menos gosta?**

A parte que eu mais gosto é definitivamente o pátio. Permite-nos ter bastante luz em casa sem que estejamos expostos à rua.

**9. Reparei que o complexo está bastante limpo. Existem associações de moradores que se responsabilizam por essa parte? Como é que funcionam?**

Para mim não está assim tão limpo...

**10. Sente que os objetivos do arquiteto, Adalberto Libera, foram alcançados? Sente que ainda existe convivência entre os moradores?**

Tentamos sempre organizar iniciativas para envolver todo o condomínio, fazemos todos os anos uma festa da primavera e um churrasco no Verão, bem como alguns projetos mais pequenos durante o ano, mas nem sempre é fácil. Tenho muitos amigos no condomínio, com quem partilho bastantes experiências e várias práticas de convivência e proximidade.





## Fontes de Imagens

**Figura 1. Vista aérea da Unidade de Habitação Horizontal**

<http://socks-studio.com/2014/02/20/learning-from-the-casbah-horizontal-housing-units-in-rome-by-adalberto-libera/>

**Figura 2. Planta geral de Roma**

Autoria própria

**Figura 3. Planta geral do Quartiere Tuscolano**

Autoria própria

**Figura 4. Tuscolano I**

Autoria própria

**Figura 5. Via Tuscolana**

<https://okkioallanews.it>

**Figura 6. Edifício na Via Sulpicio Rufo**

[www.googlemaps.com](http://www.googlemaps.com)

**Figura 7. Via Tuscolana**

<https://www.frimmroma.it/Roma>

**Figura 8. Mercato Tuscolano III**

[www.googlemaps.com](http://www.googlemaps.com)

**Figura 9. Tuscolano II**

Autoria própria

**Figura 10. Fachada do edifício Boomerang**

<https://www.pinterest.de/pin/407786941240235586/?lp=true>

**Figura 11. Largo Spartaco**

<https://www.atlantearchitettura.beniculturali.it/ina-casa-tuscolano-ii/>

**Figura 12. Passagem do Largo Spartaco para o Tuscolano II**

<https://www.atlantearchitettura.beniculturali.it/ina-casa-tuscolano-ii/>

**Figura 13. Torres de De Renzi e Muratori, Tuscolano II**

**Figura 14. Edifícios em linha de Vagnetti e Tassotti**

<https://www.atlantearchitettura.beniculturali.it/ina-casa-tuscolano-ii/>

**Figura 15. Torres de De Renzi e Muratori**

<https://www.atlantearchitettura.beniculturali.it/ina-casa-tuscolano-ii/>



**Figura 16. Espaço entre casas**

<https://www.atlantearchitettura.beniculturali.it/ina-casa-tuscolano-ii/>

**Figura 17. Edifício em linha de Cambellotti e Perugini**

<https://www.atlantearchitettura.beniculturali.it/ina-casa-tuscolano-ii/>

**Figura 18. Edifício quebrado de De Renzi e Muratori**

<https://www.atlantearchitettura.beniculturali.it/ina-casa-tuscolano-ii/>

**Figura 19. Edifícios em linha de Vagnetti e Tassotti**

<https://www.atlantearchitettura.beniculturali.it/ina-casa-tuscolano-ii/>

**Figura 20. Tuscolano III**

Autoria própria

**Figura 21. Bloco de entrada da Unidade de Habitação Horizontal, 1954**

<http://socks-studio.com/2014/02/20/learning-from-the-casbah-horizontal-housing-units-in-rome-by-adalberto-libera/>

**Figura 22. Arco de entrada da Unidade de Habitação Horizontal, 1954**

<http://socks-studio.com/2014/02/20/learning-from-the-casbah-horizontal-housing-units-in-rome-by-adalberto-libera/>

**Figura 23. Vista do arco de entrada a partir da Via Sagunto**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018

**Figura 24. Arco de entrada da Unidade de Habitação Horizontal**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018

**Figura 25. Entrada da Unidade de Habitação Horizontal**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018

**Figura 26. Jardim central da Unidade de Habitação Horizontal**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018

**Figura 27. Pormenor das caixas de correio na entrada**

<https://www.atlantearchitettura.beniculturali.it/en/unita-di-abitazione-orizzontale-tuscolano-iii/>

**Figura 28. Arco de entrada**

<https://www.atlantearchitettura.beniculturali.it/en/unita-di-abitazione-orizzontale-tuscolano-iii/>

**Figura 29. Vista do arco de entrada a partir do jardim central**

<https://www.atlantearchitettura.beniculturali.it/en/unita-di-abitazione-orizzontale-tuscolano-iii/>



**Figura 30. Palazzina 101**

<https://www.atlantearchitettura.beniculturali.it/en/unita-di-abitazione-orizzontale-tuscolano-iii/>

**Figura 31. Piso térreo da Palazzina 101**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018

**Figura 32. Palazzina 101**

<http://socks-studio.com/2014/02/20/learning-from-the-casbah-horizontal-housing-units-in-rome-by-adalberto-libera/>

**Figura 33. Galeria de acesso às habitações da Palazzina 101**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018

**Figura 34. Alçado Sul da Palazzina 101**

<http://socks-studio.com/2014/02/20/learning-from-the-casbah-horizontal-housing-units-in-rome-by-adalberto-libera/>

**Figura 35. Vista da entrada do sector H, a partir do jardim central**

<https://www.atlantearchitettura.beniculturali.it/en/unita-di-abitazione-orizzontale-tuscolano-iii/>

**Figura 36. Entrada do sector H**

<https://www.atlantearchitettura.beniculturali.it/en/unita-di-abitazione-orizzontale-tuscolano-iii/>

**Figura 37. Corredor comum de acesso às habitações**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018

**Figura 38. Pormenor de planta existente no corredor comum**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018

**Figura 39. Vista da Palazzina 101 a partir do corredor comum**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018

**Figura 40. Corredor comum de acesso às habitações**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018

**Figura 41, 42, 43 e 44. Diferentes formas e materiais dos elementos do corredor comum**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018

**Figura 45. Planta geral Tuscolano III**

<http://www.archidiap.com>

**Figura 46. Planta do módulo das 4 casas pátio**

Autoria própria





**Figura 47. Sala de estar da casa do Sr. Mimmo**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018

**Figura 48. Cozinha da casa do Sr. Mimmo**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018

**Figura 49. Jardim central e Palazzina 101**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018

**Figura 50. Vista da Palazzina 101 a partir das ruas pedonais do jardim central, 1954**

<http://socks-studio.com/2014/02/20/learning-from-the-casbah-horizontal-housing-units-in-rome-by-adalberto-libera/>

**Figura 51. Vista da Palazzina 101 a partir das ruas pedonais do jardim central, 2018**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018

**Figura 52 e 53. Pormenor do banco de jardim no corredor comum de acesso às habitações, 1954**

<http://socks-studio.com/2014/02/20/learning-from-the-casbah-horizontal-housing-units-in-rome-by-adalberto-libera/>

**Figura 54. Pormenor das portas de entrada para as habitações**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018

**Figura 55. Corredor comum utilizado como estacionamento**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018

**Figura 56. Pormenor das janelas das habitações**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018

**Figura 57. Corredor comum utilizado como estacionamento**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018

**Figura 58 e 59. Muro de tufo que define o espaço das casa-pátio**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018

**Figura 60. Planta do módulo original das casas-pátio**

Autoria própria

**Figura 61. Planta do módulo com alteração realizada pelo Sr. Mimmo**

Autoria própria

**Figura 62. Vista aérea das casas-pátio**

<http://www.flickr.com/photos/35674266@N04/>

**Figura 63 e 64. Vista do pátio do Sr. Mimmo**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018



**Figura 65. Entrada do exército aliado em Roma para libertar o país do exército nazi, 1944**

<https://www.scoopnest.com/user/BeschlossDC/871409913897132032-us-forces-in-liberation-of-rome-world-war-ii-today-1944>

**Figura 66. Primeiro bombardeio dos EUA em Roma, 19 de julho de 1943**

<https://italianiinguerra.com/2018/07/19/cadevano-le-bombe-come-neve-il-19-luglio-a-san-lorenzo/>

**Figura 67. Condições de habitabilidade em Itália, 1945**

<https://search.archives.un.org/united-nations-relief-and-rehabilitation-administration-unrra-1943-1946>

**Figura 68. Borgheto Latino**

<https://abitarearoma.it/le-borgate-e-il-dopoguerra-di-roberto-morassut/>

**Figura 69. Borgata Prenestino**

<https://www.facebook.com/pg/RomanescaMente-1398592380169758>

**Figura 70. Crianças recebem cuidados médicos da parte da UNRRA**

<https://search.archives.un.org/united-nations-relief-and-rehabilitation-administration-unrra-1943-1946>

**Figura 71. Família com roupas recebidas pela UNRRA**

<https://search.archives.un.org/united-nations-relief-and-rehabilitation-administration-unrra-1943-1946>

**Figura 72. Família a viver numa gruta, Itália, 1945**

<https://search.archives.un.org/united-nations-relief-and-rehabilitation-administration-unrra-1943-1946>

**Figura 73. Famílias em coabitação, Itália, 1945**

<https://search.archives.un.org/united-nations-relief-and-rehabilitation-administration-unrra-1943-1946>

**Figura 74. Mãe e filhos a viver numa gruta, Itália, 1945**

<https://search.archives.un.org/united-nations-relief-and-rehabilitation-administration-unrra-1943-1946>

**Figura 75. Condições de habitabilidade numa gruta no Sul de Itália, 1945**

<https://search.archives.un.org/united-nations-relief-and-rehabilitation-administration-unrra-1943-1946>

**Figura 76. Crianças ajudam a reconstruir a cidade, 1945**

<https://search.archives.un.org/united-nations-relief-and-rehabilitation-administration-unrra-1943-1946>





**Figura 77. Membros de uma família trabalham para reconstruir a sua casa afetada pelos bombardeamentos em Orsogna, 1945**

<https://search.archives.un.org/united-nations-relief-and-rehabilitation-administration-unrra-1943-1946>

**Figura 78. Bloco residencial com dez fogos a ser construído pelo Ina-Casa, Udine, 1953** (Poretti e Vittorini, 2000, p. 5)

**Figura 79. Filiberto Guala**

(Di Biagi, 2010, p. 12)

**Figura 80. Adalberto Libera**

<http://objectourbanoemespacorural.blogspot.com/2016/06/projectar-com-adalberto-libera.html>

**Figura 81. Amintore Fanfani**

(Di Biagi, 2010, p. 35)

**Figura 82. Arnaldo Foschini**

(Di Biagi, 2010, p. 13)

**Figura 83. Total das contribuições feitas ao Plano Ina-Casa**

(Anguissola, 1963)

**Figura 84. Conjunto dos quatro manuais Ina-Casa**

VOL.1, VOL. 2, VOL. 3 e VOL.4

**Figura 85. Piano Incremento Occupazione Operaia. Case per Lavoratori, VOL. 1. Suggestimenti, norme e schemi per la elaborazione e presentazione dei progetti. Bandi dei Concorsi**

**Figura 86. Esquemas de organização tipológica das habitações**

(1. Suggestimenti, norme e schemi per la elaborazione e presentazione dei progetti. Bandi dei Concorsi, 1949, p. 15-35)

**Figura 87 e 88. Diferentes exemplos de soluções para edificios contínuos de vários pisos (planta, alçado e desenho perspético)**

(1. Suggestimenti, norme e schemi per la elaborazione e presentazione dei progetti. Bandi dei Concorsi, 1949, p. 44 e 45)

**Figura 89. Piano Incremento Occupazione Operaia. Case per lavoratori, VOL. 2. Suggestimenti esempi e norme per la progettazione urbanistica. Progetti tipo**

**Figura 90. Diferentes tipos de articulação para a composição de um bairro**

(2. Suggestimenti esempi e norme per la progettazione urbanistica. Progetti tipo, 1950, p. 47)

**Figura 91. Desenhos perspéticos do complexo ilustrado na figura. 90**

(2. Suggestimenti esempi e norme per la progettazione urbanistica. Progetti tipo, 1950, p. 48)



**Figura 92. Esquemas planimétricos que ilustram as diferentes formas de agregação de casas em banda de um piso**

(2. Suggestimenti esempi e norme per la progettazione urbanistica. Progetti tipo, 1950, p. 46)

**Figura 93. Estudo do funcionamento de uma cozinha e de uma casa de banho**

(2. Suggestimenti esempi e norme per la progettazione urbanistica. Progetti tipo, 1950, p. 51)

**Figura 94. Desenhos perspécticos. Estudo do funcionamento de uma cozinha e de uma casa de banho**

(2. Suggestimenti esempi e norme per la progettazione urbanistica. Progetti tipo, 1950, p. 52)

**Figura 95. Habitação para operários em Sandviken, Suécia**

(2. Suggestimenti esempi e norme per la progettazione urbanistica. Progetti tipo, 1950, p. 95)

**Figura 96. Exemplos de associações espontâneas de edifícios expostos ao longo de uma rua, onde os elementos singulares se assumem como um todo. Exemplos de Amsterdão e Copenhaga.**

(2. Suggestimenti esempi e norme per la progettazione urbanistica. Progetti tipo, 1950, p. 12)

**Figura 97. Quartiere di San Valco Paolo**

(2. Suggestimenti esempi e norme per la progettazione urbanistica. Progetti tipo, 1950, P. 31)

**Figura 98. Quartiere Tiburtino**

<http://docplayer.com.br/68992330-M2017-modelos-de-habitacao-na-decada-de-dois-edificios-de-habitacao-plurifamiliar-da-santa-casa-da-misericordia-do-porto-jose-urzal-magalhaes.html>

**Figura 99. Quartiere Tuscolano**

<http://www.archidiap.com/opera/quartiere-tuscolano-ii/>

**Figura 100. Piano Incremento Occupazione Operaia. Case per lavoratori, VOL. 3. Guida per l'esame dei progetti delle costruzione Ina-Casa da realizzare nel secondo settenio.**

**Figura 101. Tabela de objetivos a seguir a nível térmico nas novas construções do segundo septénio do Plano Ina-Casa**

(3. Guida per l'esame dei progetti delle costruzione Ina-Casa da realizzare nel secondo settenio, 1956, p. 58 e 59)

**Figura 102. Piano Incremento Occupazione Operaia. Case per lavoratori, VOL. 4. Norme per le costruzioni del secondo settenio. Estratte da deliberare del comitato di attuazione del piano e del consiglio direttivo della Gestione Ina-Casa**

**Figura 103. Palazzina 101**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018



**Figura 104. Projeto para o 1º concurso do Ina-Casa, realizado por Michele Valori. Tipo de habitação com três apartamentos por piso**

(2. Suggestimenti esempi e norme per la progettazione urbanistica. Progetti tipo, 1950, p. 34 e 35)

**Figura 105. Projeto para o primeiro concurso do Ina-Casa para um edifício contínuo em Eboli, realizado por Federico Gorio**

(2. Suggestimenti esempi e norme per la progettazione urbanistica. Progetti tipo, 1950, p. 34 e 35)

**Figura 106. Projeto para o 1º concurso do Ina-Casa para um edifício do Tuscolano, realizado por Piero Barucci**

(2. Suggestimenti esempi e norme per la progettazione urbanistica. Progetti tipo, 1950, p. 34 e 35)

**Figura 107. Prespetiva esquemática de um edifício contínuo de vários pisos para Terni apresentada por Mario Ridolfi no primeiro concurso do Ina-Casa**

(2. Suggestimenti esempi e norme per la progettazione urbanistica. Progetti tipo, 1950)

**Figura 108. Desenho de casas em banda em Perugia apresentado por Diambra de Sanctis no primeiro concurso do Ina-Casa**

(2. Suggestimenti esempi e norme per la progettazione urbanistica. Progetti tipo, 1950)

**Figura 109. Desenho de um bairro em Abruzzo apresentado por Piero Maria Lugli no primeiro concurso do Ina-Casa**

(2. Suggestimenti esempi e norme per la progettazione urbanistica. Progetti tipo, 1950, p. 13)

**Figura 110. Desenho de um bairro em Ceccano apresentado por Alberto Gatti no primeiro concurso do Ina-Casa**

(2. Suggestimenti esempi e norme per la progettazione urbanistica. Progetti tipo, 1950)

**Figura 111. Pátio comum do bairro Tiburtino, situado na Via Edoardo Arbib, 1966**

(Gomes, 2018, p. 134)

**Figura 112. Villa Savoye, Le Corbusier, Poissy-sur-Seine, 1928**

<https://www.tripadvisor.fr>

**Figura 113. Casa Tugendat, Mies Van der Rohe, Brno, 1928**

<https://noticias.up.pt/a-casa-tugendhat-de-mies-van-der-rohe-esta-em-exposicao-na-faup/>

**Figura 114. CIAM IV, 1933**

(Pedret, 2005a, p. 60)





**Figura 115. Poster do CIAM IV no átrio do edifício Averof, que abriga a Escola de Arquitetura em Atenas, onde teve lugar grande parte das reuniões do Congresso.**

<http://www.greekarchitects.gr>

**Figura 116. Fotografia do grupo presente nas discussões do VI CIAM.**

(Mumford, 2000, p. 176)

**Figura 117. Reunião do Team 10 num intervalo durante o X CIAM.**

(Pedret, 2005b, p. 52)

**Figura 118. Manifesto de Doorn**

[http://www.team10online.org/team10/text/img/Doorn\\_lg.jpg](http://www.team10online.org/team10/text/img/Doorn_lg.jpg)

**Figura 119. Alison e Peter Smithson, categorias de associação**

<http://www.cleandesign05.co.uk>

**Figura 120. A morte dos CIAM**

(Pedret, 2005a, p. 60)

**Figura 121. Fotografia de grupo, congresso de Otterloo, 1959**

(Pedret, 2005a, p. 60)

**Figura 122. Cena do filme *Ladri di Biciclette*, Vittorio De Sica, 1950**

<https://popcorn.tv/it/cinema/film-come-ladri-di-biciclette-e-paisa/55690>

**Figura 123. Cena do filme *La Terra Trema*, Luchino Visconti, 1948**

<https://www.cineville.nl/films/la-terra-trema>

**Figura 124. Bairro Tiburtino, Via Luigi Cesana.**

(Franco, 2015)

**Figura 125. Trabalhador do bairro com Adalberto Libera no banco do corredor comum do Tuscolano III**

(Melis, 2003, p. 200)

**Figura 126. *La Casa Elettrica*, Monza, 1930**

<http://www.archidiap.com/opera/la-casa-elettrica/>

**Figura 127. Cartaz da primeira exposição italiana de arquitetura racional**

[https://ilab.org/sites/default/files/catalogs/files/1022\\_catalogo\\_architettura\\_2012.pdf](https://ilab.org/sites/default/files/catalogs/files/1022_catalogo_architettura_2012.pdf)

**Figura 128. Igreja para uma vila na Líbia**

Adalberto Libera's "Mediterranean Climate"; from a problem of style to a category of dwelling

**Figura 129. Edifício residencial em Trípoli, Líbia**

Adalberto Libera's "Mediterranean Climate"; from a problem of style to a category of dwelling



**Figura 130. Casas a baixo custo na Líbia**

(Adalberto Libera's "Mediterranean Climate"; from a problem of style to a category of dwelling)

**Figura 131. Planta da casa que Libera desenhou para si mesmo**

(Adalberto Libera's "Mediterranean Climate"; from a problem of style to a category of dwelling)

**Figura 132. Palazzo dei Ricevimenti e dei Congressi, Roma, 1954**

<https://www.flickr.com/photos/alexsap/23716380143>

**Figura 133. Casa Malaparte, Capri, 1938**

<https://www.archdaily.com.br/br/799350/classicos-da-arquitetura-casa-malaparte-adalberto-libera>

**Figura 134. Estudos ergonômicos**

(Garofalo e Veresane, 1992, p. 138)

**Figura 135. Planta de um apartamento para quatro pessoas**

(Garofalo e Veresane, 1992, p. 140)

**Figura 136. Planta de uma casa em banda com dois pisos**

(Garofalo e Veresane, 1992, p. 140)

**Figura 137. Plantas de uma casa de banho e cozinha**

(Garofalo e Veresane, 1992, p. 140)

**Figura 138. Pormenor da organização dos utensílios num armário da cozinha**

(Garofalo e Veresane, 1992, p. 141)

**Figura 139. Esquemas de distribuição para o núcleo da cozinha**

(Garofalo e Veresane, 1992, p. 139)

**Figura 140. Estudo ergonómico para uma secretária de trabalho e para o módulo da casa de banho**

(Garofalo e Veresane, 1992, p. 139)

**Figura 141. Planta de uma casa-pátio em Marrocos**

(Oliver, 1997, p. 633)

**Figura 142. Vista aérea da medina de Fez, Marrocos**

<https://videohive.net/item/aerial-view-of-the-old-medina-in-fes-morocco/23025797>

**Figura 143. Unidade de Habitação de Le Corbusier, Marselha, 1952**

[https://www.archdaily.com/224525/brutalism-architecture-of-everyday-culture-poetry-and-theory-symposium/01\\_corbusier\\_unite01](https://www.archdaily.com/224525/brutalism-architecture-of-everyday-culture-poetry-and-theory-symposium/01_corbusier_unite01)





**Figura 144. Casa-pátio em L, Ludwig Hilberseimer, 1931**

<http://www.giuseppestappa.it>

**Figura 145. Desenho perspético, planta e alçado da Casa com Três Pátios, Mies Van der Rohe, Berlim, 1934**

[https://helio-pinon.org/proyectos/det-pabellon\\_en\\_casa\\_con\\_tres\\_pacios\\_i69597](https://helio-pinon.org/proyectos/det-pabellon_en_casa_con_tres_pacios_i69597)

**Figura 146. Complexo habitacional em Marrocos, ATBAT, 1951**

<https://www.pinterest.pt/pin/592504894696948855/?lp=true>

**Figura 147. Quartiere Harrar, desenhado por Figini, Pollini e Ponti, Milão, 1955**

[http://www.marcointroini.net/architecture/architects/architects\\_e\\_f/figini\\_pollini/harar/](http://www.marcointroini.net/architecture/architects/architects_e_f/figini_pollini/harar/)

**Figura 148. Desenho de processo de Adalberto Libera, pátios do Tuscolano III**

(Lejeune e Sabatino, 2010, p. 52)

**Figura 149. Vista aérea das casas-pátio, Tuscolano III**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018

**Figura 150. Pátio de uma casa do Tuscolano III**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018

**Figura 151. Corredores exteriores comuns, Tuscolano III**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018

**Figura 152. Casal com um carrinho de bebé descansar num dos bancos do jardim central do Tuscolano III**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018

**Figura 153. Corredor exterior comum, Tuscolano III**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018

**Figura 154. Vista aérea das casas-pátio, Tuscolano III**

Fotografia tirada pela autora: 6 de Abril 2018



**Bibliografia****| livros**

- Azevedo, C. M.** (2009). *Moderno Contaminado: A revisão do Movimento Moderno nos Contextos Nacional e Internacional*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Anguissola, L. B.** (a cura di). (1963). *I 14 anni del Piano INA-Casa*. Roma: Staderini
- Bandeirinha, J. A.** (2007). *O Processo SAAL e a arquitetura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Barone, A. C.** (2002). *Team 10: Arquitetura como Crítica*. São Paulo: Annablume; FAPESP.
- Benévolo, L.** (2001). *História da Arquitectura Moderna*. São Paulo: Editora Perspetivas S. A. 3ª Ed. Edição original: 1960. Título original: *Storia dell'architettura moderna*.
- Bruna, P.** (1995). *Arquitetura Italiana Racionalista nos Anos 1930*. São Paulo: FAUUSP
- Capitel, A.** (2005). *La arquitectura del patio*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Carfagna, D.** (2012). *L'architettura tra le case. Abitare lo spazio aperto nei quartieri ina-casa*. Roma: Alinea.
- Correia, N.** (2015). *Crítica e debate arquitectónico na 3ª série da revista "Arquitetura" – Portugal, 1957/1974* [Doutoramento]. Catalunha: Universidade Politécnic da Catalunha.
- Costa, J.** (1998) *Dicionários Editora: Dicionário Português; 8ª ed.* Porto: Porto Editora
- Curl, J.** (1937) *A Dictionary of Architecture*, Oxford: Oxford University Press
- Di Biagi, P.** (a cura di). (2010). *La grande ricostruzione. Il piano Ina-Casa e l'Italia degli anni Cinquanta*. Roma: Donzelli



- Fernandez, S.** (1988). *Percurso: Arquitectura portuguesa, 1930/1974*. Porto : Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.
- Frampton, K.** (1992) *Modern Architecture: A Critical History (World of Art)*. Londres: Thames & Hudson. Edição original: 1980
- Franco, D.** (2015) *Simulated scenography of the collective: Mimesis and simulacrum at the Quartiere Tiburtino*. [Doutoramento]. Valência: VLC arquitectura
- Garofalo, F., & Veresane, L.** (a cura di) (1992). *Adalberto Libera*. Nova York: Princeton Architectural Press.
- Garofalo, F.** “Adalberto Libera’s “Mediterranean Climate”: from a Problem of Style to a Category of Dwelling.” In *Environmental Design: Journal of the Islamic Environmental Design Research Centre*, 10-17. Rome: Carucci Editore, 1990.
- Genta, G.** La misura di ogni cosa [Entrevista] Remiddi, G., & Greco, A. (2003). *Il moderno attraverso Roma: Guida alle architetture romane di Adalberto Libera*. Roma: Università degli studi di Roma.
- Giannetto, M.** (2004). *Adalberto Libera nelle carte dell'Archivio Centrale dello Stato*. Roma: Archivio Centrale dello Stato.
- Gomes, G.** (2018) *(Re)Fazer Comunidade. Estratégias de intervenção num sector da periferia de Roma*. [Mestrado] Porto: FAUP
- Gresleri, L.** (2016). *Pasolini in periferia, da Roma al Terzo mondo. Viaggio nell'Italia delle periferie*. Giornale dell'Architettura.
- Hereu, P., Montaner, J. M., & Oliveras, J.** (Eds.). (1999). *Textos de Arquitectura de la Modernidad*. Madrid: Nerea. Edição original: 1994
- Lejeune, J.-F., & Sabatino, M.** (2010). *Modern Architecture and the Mediterranean: Vernacular Dialogues and Contested Identities*: Estados Unidos e Canadá: Routledge.
- Libera, A.** (2014). *Adalberto Libera, my father* [Entrevista].
- Matos, V.** (2014). *Portugal e Itália. Divergências e convergências em quarenta e três anos de relações diplomáticas (1943-1986)*. [Doutoramento]: Coimbra: Universidade de Coimbra.





- Montaner, J. M.** (2017). *Depois do Movimento Moderno Arquitetura da segunda metade do século XX*. Barcelona: Gustavo Gili. Edição original em espanhol: 1993
- Morgado, F.** (2013). *Pátio e a casa pátio: Dimensão doméstica do espaço exterior da casa*. [Mestrado]. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Mornati, S., & Cerrini, F.** (2016). Il quartiere Tuscolano a Roma (1950-60). In *L'architettura INA Casa (1949-1963): Aspetti e problemi di conservazione e recupero*. Roma: Gangemi Editore.
- Oliveira, D.** (2016). *Intervenção em áreas de expansão urbana de cidades históricas: Caso de estudo de Romanina, Roma*. [Mestrado] Lisboa: Universidades Lusíada.
- Oliver, P.** (1997). *Encyclopedia of vernacular architecture of the world*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Masgoret, F.** *Interior/exterior en el espacio arquitectónico japonés*. "DPA: Documents de Projectes d'Arquitectura", 1997, núm. 13, p. 16-21
- Mumford, E.** (2000). *The CIAM discourse on urbanism: 1928-1960*. Cambridge: MIT Press.
- Pedret, A.** (2005a). CIAM X: Scales of association. In D. van Heuvel; M. Risselada (eds.) (2005). *Team 10 1953-81 In Search of a Utopia of the Present*. (pp. 52-53). Rotterdam: NAI Publishers
- Pedret, A.** (2005b) Preparing CIAM X. In D. van Heuvel; M. Risselada (eds.) (2005). *Team 10 1953-81 In Search of a Utopia of the Present*. (pp. 42-44). Rotterdam: NAI Publishers.
- Piano Incremento Occupazione Operaia. Case per lavoratori, VOL. 1.** *Suggerimenti, norme, e schemi per la elaborazione e la presentazione dei progetti-Bandi dei concorsi*. Roma, 1949. (INA Archivio Storico Roma – Fondo INA-Casa)
- Piano Incremento Occupazione Operaia. Case per lavoratori, VOL. 2.** *Suggerimenti esempi e norme per la progettazione urbanistica. Progetti tipo*. Roma, 1950. (INA Archivio Storico Roma – Fondo INA- Casa)



- Piano Incremento Occupazione Operaia.** *Case per lavoratori, VOL. 3. Guida per l'esame dei progetti delle costruzioni INA-Casa da realizzare nel secondo settennio.* Roma, 1956. (INA Archivio Storico Roma – Fondo INA-Casa)
- Piano Incremento Occupazione Operaia.** *Case per lavoratori, VOL. 4. Norme per le costruzioni del secondo settennio estratte da delibere del Comitato di attuazione del Piano e del Consiglio direttivo della Gestione INA-Casa,* Roma, 1956. (INA Archivio Storico Roma – Fondo INA-Casa)
- Piddiu, M.** (2012) *O plano INA-Casa: Uma leitura transversal do projeto de Via Pessina em Cagliari.* Porto: FAUP
- Pilat, S. Z.** (2014). *Reconstructing Italy: The Ina-Casa Neighborhoods of the Postwar Era.* Estados Unidos e Inglaterra: Routledge.
- Poretti, S. e Vittorini, R.** (2000) *L'INA-Casa: Il cantiere e la costruzione, Roma.* Roma: Gangemi
- Portas, N.** (2008) *A arquitetura para hoje. Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal.* Lisboa: Livros Horizonte
- Portas, N.** (2004) *A Habitação social-Proposta para a metodologia da sua arquitetura.* Porto: Edições FAUP
- Renzi, R.** (2016). *Adalberto Libera e la dimensione domestica dello stare insoeme. L'unità d'abitazione orizzontale al quartiere Tuscolano.* FIRENZE architettura.
- Smithson, A.** (1952). The Emergence of Team 10 out of CIAM como citado em Jos, B. (1992). *CIAM After the War: A Balance of the Modern Movement.* Rassegna 52.
- Sotgia, A.** (2010). *Ina Casa Tuscolano: Biografia di un quartiere romano.* Milão: Franco Angeli.
- Swenarton, M., Avermaete, T., & Heuvel, D. van den** (Eds.). (2015). *Architecture and the Welfare state:* Londres: Routledge; Taylor & Francis Group.
- Tafari, M.** (1986). *Storia dell'architettura italiana 1944-1985:* Turim: Einaudi.





**Rodrigues, J. M.** (Coord.). (2010) *Teoria e Crítica de Arquitetura—Século XX*. Lisboa: Ordem dos Arquitetos & Caleidoscópico.

**United Nations.** (s.d.). Summary of AG-08 United Nations and Rehabilitation Administration (UNRRA) (1943-1946). United Nations:Archives and Records Management Nation.

**Villani, L.** (2012). *Le borgate del fascismo. Storia urbana, politica e sociale della periferia romana*. Milão: Ledizioni.

**Zevi, B.** (1952) *L'architettura dell'Ina-Casa, in L'Ina-Casa al IV Congresso Nazionale di Urbanistica, Venezia*. Roma: Società grafica romana

**Zevi, B.** (1996). *Saber ver a arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes. Edição original de 1948.

**Zevi, B.** (1950) *Storia dell'Architettura Moderna*. Turim: Einaudi.

#### |periódicos

**Aymonimo, C.** (1957). Storia e cronaca del quartiere Tiburtino. *Casabella-Continuità*, n° 215.

**Chiarini, C.** (1957). Aspetti urbanistici del quartiere Tiburtino. *Casabella-Continuità*, n° 215.

**Gorio, F.** (1957). Esperienze d'Architettura al Tiburtino. *Casabella-Continuità*, n° 215.

**Gregotti, V.** (1956). Alcune recente opere di Mario Ridolfi. *Casabella-Continuità*, n° 210.

**Gregotti, V.** (1993). Gli spazi aperti urbani: Fenomenologia di un problema progettuale. *Casabella-Continuità*, n° 597/598.

**Jos, B.** (1992). CIAM After the War: A Balance of the Modern Movement. *Rassegna* 52.

**Libera, A.** (1956). Unità di abitazione orizzontale. *Domus*, n°318.

**Meneses, A.** (1959). Casas em pátio—Vantagens desta solução habitacional. *Arquitetura*, 64.



- Muratore, G.** (1974). Gli anni della ricostruzione. *Controspazio*, n° Novembre
- Muratori, S.** (1952). La Gestione INA-Casa. *L'Architecture d'Aujourd'hui*, n°41.
- Muratori, S.** (1951). La Gestione INA-Casa e l'edilizia popolare in Italia. *Rassegna critica di architettura*, n° 20/21.
- Portas, N.** (1959). Conceito de casa em pátio como célula social. *Arquitectura*, n°64.
- Portas, N.** (1959). Uma realização exemplar: A unidade horizontal de Tuscolano. *Arquitectura*, n°64.
- Quaroni, L.** (1957). Il Paese dei barocchi. *Casabella-Continuità*, n° 215.
- Tedesco, L.** (1998). Italia e Nazioni Unite: Assistenza e ricostruzione. Le origine dell'Unrra Casas nel dopoguerra. *Rivista Nuova Storia Contemporanea*, n° 3.
- Zanuso, M.** (1955). Unità d'Abitazione Orizzontale nel quartiere Tuscolano di Roma—Presentazione. *Casabella*, n° 207.